



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

**FERNANDO CATARINO CORREIA**

**A fé cristã e a busca humana de sentido para  
vida**

**Uma análise crítica sobre a harmonização entre a UL2  
e a UL4**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:

Professor Doutor José Eduardo Borges de Pinho  
Professora Mestre Cristina de Sá Carvalho

Lisboa  
2014



## Índice

INTRODUÇÃO .....	5
1ª PARTE.....	8
1. A Prática de Ensino Supervisionada à luz dos conceitos defendidos por Richard Arends .....	8
1.1. As bases científicas da arte de ensinar.....	8
1.2. A aprendizagem do aluno em salas de aula diversificadas.....	11
2. Caracterização da Escola Secundária Fernando Lopes-Graça.....	13
3. Caracterização da turma.....	17
4. Planificação Anual .....	20
4.1. Seleção de competências .....	20
4.2. Justificação de competências e Unidades Letivas .....	21
4.3. Planificação nível 2 .....	23
5. Apresentação do problema.....	25
5.1. Planificação nível 3 .....	31
2ª PARTE.....	38
1. Elementos para uma fenomenologia da fé e da descrença.....	38
1.1. A “confiança” como dado antropológico fundamental .....	39
1.2. Condições e limites do “crer” – a possibilidade da descrença .....	43
1.3. A questão do sentido da vida: Em busca de uma “grande confiança” .....	47



2.	A fé cristã como dom e como resposta da liberdade humana.....	53
2.1.	A fé como dom – o acontecimento da revelação.....	53
2.2.	A fé como opção de liberdade .....	57
2.3.	Dimensões dialógicas da atitude crente e suas consequências .....	60
3.	A fé como atitude global e opção de vida.....	63
3.1.	A liberdade da fé como interpelação ao ser humano.....	63
3.2.	Condições existenciais de adesão e responsabilidade crentes .....	67
3.3.	A educação da fé como desafio a uma maturação humana: as razões do “crer” e a capacidade de “querer”.....	71
3ª PARTE.....		75
1.	Proposta de itinerário para a nova Unidade Letiva.....	75
1.1.	O que queremos e em que cremos? .....	83
1.1.1.	Planificação aula a aula .....	83
1.2.	Reflexões sobre o processo .....	106
CONCLUSÃO.....		110
BIBLIOGRAFIA.....		113
ANEXOS .....		116
ANEXO I.....		116
ANEXO II .....		XIV
ANEXO III.....		XVI
ANEXO IV.....		XVII



ANEXO V .....	XXI
ANEXO VI.....	XXIII
ANEXO VII .....	XXIV
ANEXO VIII.....	XXV
ANEXO IX.....	XXX
Anexo X.....	XXXIII
Anexo XI.....	XXXIV
Anexo XII .....	XXXVI



## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho surge no contexto do Mestrado em Ciências Religiosas – Especialização na docência de EMRC e tem como objetivo propor e fundamentar a criação de uma nova Unidade Letiva (UL) para o nono ano de escolaridade. Essa criação passa pela junção de duas unidades letivas já existentes no programa de EMRC, a saber: “UL 2: Deus o Grande Mistério” e “UL 4: Projeto de Vida”.

As motivações que nos levaram a propor esta nova UL prendem-se com o facto de considerarmos que, por um lado, a UL 2 se apresentar como uma unidade muito densa e demasiado teórica, tornando-se a sua lecionação bastante difícil para os professores e a sua compreensão não menos difícil para os alunos. Em sentido contrário aparece a UL 4 que, por força do ano de escolaridade (9º), é uma temática já bastante explorada pelos alunos, que neste ano de decisão, são levados desde o início a refletir acerca do seu futuro académico. Face a estes dois problemas e por forma a rentabilizar os recursos e as potencialidades que as UL contêm, decidimos arriscar numa junção, trazendo ao de cima o que melhor caracteriza cada uma delas. Conseguimos antever que uma e outra se coordenam de forma bastante eficaz e que, em conjunto, dão a possibilidade de os alunos se debruçarem sobre dimensões que habitualmente não aprofundam e que se revestem de grande importância na sua formação integral. É neste contexto que surge a UL intitulada: “O que queremos e em que cremos” como forma de congregar as duas UL que falam de fé e de vontades.

Uma vez que o desenvolvimento e aplicação desta estruturação e planificação aconteceram no ano de ensino supervisionado, este trabalho fará uma contextualização sucinta da escola e da turma, por forma a fornecer um enquadramento base que permita uma melhor compreensão do percurso tomado. Não sem antes fazer uma reflexão



teórica acerca da prática de Ensino Supervisionada à luz dos conceitos defendidos por Richard Arends e que nos irão levar a refletir primeiramente sobre as bases científicas necessárias e imprescindíveis na arte de ensinar e, num segundo momento, a colocarmos uma questão que cada vez tem maior acuidade: as salas de aula diversificadas.

Uma vez que esta proposta não surge de forma isolada, mas num determinado período do ano letivo, após as reflexões iniciais e as devidas caracterizações dos agentes envolvidos, apresentaremos a planificação anual com a escolha e justificação das competências a serem desenvolvidas. O programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) dá ao professor uma grande liberdade na preparação das aulas. Uma vez que está organizado por competências a serem desenvolvidas em cada um dos ciclos, o professor pode, na sua planificação, escolher aquelas que pretende trabalhar naquele ano tendo em conta as UL que decide lecionar. É essa opção e justificação que serão apresentadas para que, ao ler o trabalho, se perceba o fundamento das competências desenvolvidas em cada aula.

A segunda fase na planificação de um ano letivo é a elaboração da planificação de nível 2, onde se apresenta uma panorâmica geral das aulas e as temáticas a serem abordadas em cada um dos dias. Esta planificação é de extrema importância pois permite aferir a coerência do percurso escolhido pelo professor bem como fazer uma primeira contabilização das aulas e distribuição das matérias pelos dias correspondentes. Perceberemos nesta planificação que a nova UL nos ocupará o final do primeiro período e todo o segundo período.

Tendo já esta panorâmica geral, podemos passar à apresentação do problema de forma pormenorizada. Essa apresentação culminará com uma proposta de planificação de nível 3 onde já se apresentam exclusivamente as aulas da nova UL de forma



individualizada, com as temáticas a serem trabalhadas, a indicação das competências específicas, sua operacionalização, conteúdos e experiências de aprendizagem.

Sendo a procura do sentido para a vida a temática central e transversal a esta nova UL e estando nós em contexto de EMRC, a proposta que apresentamos como aproximação mais verdadeira à resposta para essa procura é a fé cristã. Como tal, após a apresentação do problema e das matérias a serem trabalhados, procuraremos encontrar na teologia um itinerário que possa credibilizar, sustentar e fortalecer o percurso proposto. Tal como na planificação da nova UL, partiremos da experiência basilar da vida humana por forma a encontrar na fé uma base de sustentação possível e desejável que aparece como opção da pessoa que caminha ao encontro de si mesmo, dos outros e de Deus. Explorando temáticas como a confiança, a possibilidade da descrença, o dom da fé, a liberdade inerente ao processo de adesão à fé e a própria proposta de Si mesmo que Deus faz às pessoas, a mudança profunda a que a fé obriga na vida daqueles que a professam, o testemunho inerente à condição de crente, a vontade e o dom que simultaneamente fazem parte de todo este processo, iremos traçar os fundamentos que estarão presentes e que servirão de suporte para todos os assuntos e todas as temáticas abordadas em cada uma das aulas.

O último momento é, por isso e como que naturalmente, a planificação de nível 4, onde cada aula aparece planificada desde o primeiro ao último minuto e onde se fará uma explicação dos materiais considerados mais pertinentes bem como da própria reação dos alunos à proposta efetuada. Conclui-se esse ponto com um comentário geral a todo o processo de elaboração e aplicação desta nova UL.



## **1ª PARTE**

### **1. A Prática de Ensino Supervisionada à luz dos conceitos defendidos por Richard Arends<sup>1</sup>**

Iniciaremos este trabalho com uma análise da Prática de Ensino Supervisionada que realizámos na Escola Secundária Fernando Lopes Graça, na Parede, à luz dos conceitos defendidos por Richard Arends.

Este é um exercício que aparece como extremamente relevante, pois permite-nos pensar a realidade em que estivemos inseridos neste ano de profunda aprendizagem, para melhor podermos desenvolver o nosso trabalho futuro. De facto, só refletindo, analisando e avaliando se torna possível elaborar um projeto a longo prazo com coerência e que responda às necessidades dos alunos, da escola, e nossas. Esta análise terá em conta duas grandes questões que Arends assume como primordiais no processo de ensino aprendizagem nas salas de aula de hoje: as bases científicas da arte de ensinar e a aprendizagem do aluno em salas de aula diversificadas.

Assim, vamos analisar a realidade em que estivemos inseridos naquilo que nos é dado a conhecer, à luz e com base nestas duas dimensões.

#### **1.1. As bases científicas da arte de ensinar**

R. Arends considerou como principal finalidade do ensino ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados. Com base nesta finalidade do ensino o autor considera que uma perspetiva de professor eficaz tem de ter no mínimo pessoas que sejam academicamente competentes, que dominem as matérias que vão lecionar;

---

<sup>1</sup> ARENS, Richard, *Aprender a Ensinar*, Mcgraw-Hil, Lisboa, 1995.



peessoas que se preocupem com o bem-estar das crianças e dos jovens; pessoas capazes de produzir resultados, sobretudo a nível da realização escolar e da aprendizagem social dos alunos.

Estas características encontrámo-las logo nos primeiros dias após a chegada à Escola Fernando Lopes Graça. Com o contacto que fomos tendo com os elementos da comunidade educativa, percebemos um corpo docente bem preparado a nível científico, a começar pelo Diretor Pedagógico e sua equipa até aos auxiliares com a sua solicitude na execução das tarefas que lhe são próprias. Todos eles, cada um à sua maneira, demonstram que a sua principal finalidade é potenciar os alunos para melhores resultados académicos, é prepará-los para tudo o que é a vida e as dificuldades da mesma.

Sentimos igualmente uma escola que se preocupa com o processo de crescimento e aprendizagem dos seus alunos, que não está alheada daquelas que são as suas necessidades e os seus anseios. Isso está bem plasmado na diversidade de ofertas formativas que a escola possibilita, a saber: ensino regular, ensino recorrente, cursos EFAs, cursos CEFs. Uma multiplicidade dentro do mesmo estabelecimento em prol do bem e do sucesso dos seus alunos. As várias reuniões quer dos cursos profissionais quer do ensino regular (realidade com a qual tivemos mais contacto), visam sempre analisar a evolução dos alunos e delinear estratégias para melhorar e potenciar o seu rendimento.

Falámos até aqui do geral da escola em que estivemos inseridos. No entanto, Richard Arends ao explorar estes “mínimos” para um professor/escola eficaz, acrescenta depois aquilo que vai para além desses “mínimos”, aquelas características que constituirão um professor eficaz. São elas:



1º - Terem qualidades pessoais que lhe permitam desenvolver relações humanas genuínas com os seus alunos, os pais e colegas, e criar salas de aula democráticas e socialmente justas para as crianças e adolescentes;

2º - Conseguirem utilizar os três pilares (desenvolvimento, aprendizagem humana e pedagogia) para guiar os seus métodos de ensino;

3º - Terem um repertório de práticas de ensino motivadoras e eficazes;

4º - Terem uma disposição pessoal para a reflexão e a resolução de problemas.

Depois de apresentarmos estas características não podemos deixar de falar da Professora Cooperante como o modelo concretizado deste professor eficaz defendido por Richard Arends. O seu exemplo é absolutamente contagiante e profundamente motivador. A sua forma de estar e de ser a todos agrada, provoca na comunidade educativa em geral um sentimento de enorme empatia e nos alunos um sentimento de confiança e amizade sem nunca perder a postura e relação professora aluno. A vasta experiência acumulada ao longo dos anos, por si só, nada significaria se ela não fosse capaz de, com grande mestria, se adaptar às necessidades concretas dos jovens atuais. As soluções que procura para os problemas atuais dos alunos não são aquelas que dão resposta aos problemas dos alunos de há 10 anos atrás, mas conseguem dar resposta aos problemas concretos dos alunos específicos que os pretendem resolver. As estratégias de ensino, as dinâmicas introduzidas no processo, a forma de estar, a motivação, todos esses elementos conjugam de uma forma soberba a experiência com a novidade e o desafio sempre constante e sempre novo que os alunos, em cada ano, nos trazem. A sua forma de estar e sobretudo a maneira como nos tem transmitido os conhecimentos e a forma de estar como professores tem sido de extrema importância.



Podemos concluir então, que neste ponto, quer a escola em geral quer a professora cooperante em concreto, têm as bases científicas que Arends entende como fundamentais para que o processo ensino-aprendizagem seja bem-sucedido e leve os alunos a um sucesso quer científico quer social. Todos os elementos da comunidade educativa contribuem, de acordo com as suas especificidades, para a obtenção desse sucesso, colocando sempre os alunos como o centro das preocupações e prioridades.

## **1.2. A aprendizagem do aluno em salas de aula diversificadas**

Outro dos pontos defendidos por R. Arends, que se revela de extrema importância no caminho que estamos a percorrer na evolução como professores, centra-se na aprendizagem do aluno em salas de aula diversificadas.

Sentimos na Escola Fernando Lopes Graça um enorme esforço no sentido de uma enorme equidade e uma oferta que seja de tal maneira ampla que não exclua ninguém. A panóplia de ofertas que a escola concede são exemplos bem concretos desse esforço de equidade, da não diferenciação negativa dos alunos, da abertura a diversas possibilidades sem que os alunos tenham de ser transferidos de escola abandonando, dessa forma, o seu contexto sociocultural. O núcleo de apoios educativos, o apoio psicológico, o núcleo de educação especial, todos estes organismos funcionam na escola por forma a esbater a diferença natural existente entre os alunos e de uma forma a que todos, sem exceção, possam ter acesso aos mesmos meios e possibilidades de aprendizagem.

Estas características fazem da Escola Fernando Lopes Graça um exemplo de uma escola que integra os alunos, dando-lhe as mesmas possibilidades para progredirem no



seu processo de ensino-aprendizagem, independentemente das suas dificuldades, vocações, inclinações, jeito ou aptidão, pois a oferta é extremamente abrangente e não deixa ninguém de fora.

Perante as dificuldades que enfrentamos atualmente na sociedade é necessário que os alunos saiam das escolas cada vez melhor preparados. A excelência é a única palavra que define a insaciedade da própria sociedade. A escola tem de estar, por isso, atenta e formar profissionais excelentes que possam entrar e ser integrados e acolhidos pela sociedade. Consciente desta necessidade cada vez mais exigente da sociedade a Escola Fernando Lopes Graça não hesitou em oferecer toda a formação que estava ao seu alcance para que os seus alunos saiam com a melhor preparação possível dos seus “portões”. Essa mentalidade de excelência transparece nos “corredores” com todos os elementos da comunidade educativa empenhados para que tal aconteça.

Também a disciplina e a minha própria planificação das Unidades Letivas tiveram em conta estes propósitos da Escola e dos princípios defendidos por Richard Arends. Tendo em conta que os alunos com quem trabalhámos ao longo do ano estavam no nono ano de escolaridade e o seu futuro passava por uma opção vocacional de fundo, decidimos imprimir na nossa planificação uma grande importância a essa dimensão e ao aprofundamento do conhecimento de si mesmos pela opção de fé e de vontades.

## **2. Caracterização da Escola Secundária Fernando Lopes-Graça**

A Escola Secundária Fernando Lopes-Graça está localizada na Freguesia da Parede, uma das freguesias do concelho de Cascais, no distrito de Lisboa. Este concelho tem características urbanas, e a população ativa integra-se, essencialmente, no sector terciário da economia.

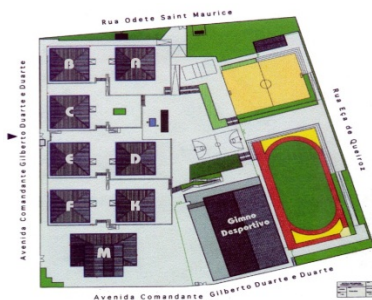
A Escola Secundária Fernando Lopes Graça como instituição de ensino oficial (inicialmente designada Escola Secundária da Parede, quando criada em 1981), situa-se no extremo Sudeste da Freguesia da Parede, concelho de Cascais, pertencendo à área de influência da Direção Regional de Educação de Lisboa (DREL). Integra alunos residentes, designadamente, nas freguesias de Parede e S. Domingos de Rana além da freguesia de Carcavelos e, de forma menos significativa, de outras freguesias mais distantes. Estas últimas correspondem, principalmente, a locais de residência de alunos do regime noturno e alguns dos restantes níveis de ensino.



Mapa I – localização do concelho da Parede

A Parede está integrada no concelho de Cascais, no distrito de Lisboa e na província da Estremadura. Esta Freguesia tem uma área de 3,56 Km<sup>2</sup>, distando 6,5 Km da sede do concelho e 12 Km de Lisboa. Fez parte da Freguesia de S. Domingos de Rana até 1953. Desde essa data é autonomizada enquanto circunscrição administrativa, integrando parte dos lugares de Buzano, Junqueiro, Madorna, Murtal, Penedo e Rebelva. A freguesia de Parede é uma das seis que compõem o concelho de Cascais, estando limitada a Sul pelo Atlântico, a Nascente pela Freguesia de Carcavelos, a Norte pela Freguesia de S. Domingos de Rana e a Poente pela Freguesia do Estoril.<sup>2</sup>

Os alunos que frequentam a escola estão divididos pelo ensino diurno e noturno. Fazem parte do ensino diurno o ensino básico (regular e os cursos de educação e formação - níveis 2 e 3) e o ensino secundário (cursos científico-humanísticos, cursos profissionais e o curso tecnológico). Fazem parte do ensino noturno o ensino básico (sistemas de blocos e unidades capitalizáveis) e o ensino secundário (curso científico-humanístico, cursos tecnológicos e o sistema de unidades capitalizáveis).



Mapa II – Localização e estrutura da Escola Secundária Fernando Lopes-Graça

<sup>2</sup> Cf. <http://www.jf-parede.pt/docs/index.php?idConteudo=471>, consultado em 22-12-2013.



A população escolar integra alunos de 25 nacionalidades, com prevalência da lusofonia, registando-se uma grande diversidade linguística e cultural. A inclusão destes alunos é favorecida pela ação de vários projetos os quais, de entre outros objetivos, pretendem dar resposta a esta diversidade.

De um modo geral, a maioria destes alunos pertence à classe média, aferida pela escolaridade dos pais e encarregados de educação que, na sua maioria, possuem o 3º Ciclo, o Ensino Secundário ou o Ensino Superior. Mesmo assim, usufruem do Serviço de Ação Social Escolar (SASE) 26,5% da totalidade dos alunos, sendo que, dos alunos do 7º ano, são beneficiários 34,4%.

A Escola adotou como patrono Fernando Lopes-Graça, um dos mais notáveis compositores portugueses do séc. XX, que viveu na Parede entre 1960 e 1994, período em que compôs uma importante parte da sua obra, legando o seu espólio à Câmara Municipal de Cascais, o qual se encontra presentemente na Casa Museu Verdades de Faria. Para além de um precioso legado musical, traduzido em diversos estudos musicológicos e etnomusicológicos, Fernando Lopes-Graça deixou uma vasta obra literária, tendo sido crítico e ensaísta em diversos jornais e revistas. Enquanto professor, em diversas Academias de Música, destacou-se pela sua ação pedagógica norteadada por uma defesa constante da liberdade e da democracia.

O Projeto Educativo de Escola, aprovado em 2011 e em vigor até ao ano letivo de 2013-2014, tenta refletir a forma concreta como a escola escolhe e propõe um conjunto de valores e princípios que considera fundamentais e apresenta como referência a toda a comunidade educativa, tendo por base os três vértices fundamentais da formação dos jovens: Instruir, Educar e Intervir no meio. A partir daqui é possível depreender, tal com é sugerido no PEE aprovado, a importância que a escola dá no sentido de ajudar a



promover a formação intelectual e a reflexão crítica dos alunos mas possui, também, a vocação de formar cidadãos responsáveis que desenvolvam atitudes de cooperação e de intervenção: cidadãos solidários, respeitadores de ideias e de culturas diferentes. Assim, enquanto sistema aberto a escola deve: promover uma atitude propiciadora da aprendizagem, compatível com uma sociedade em rápida transformação, a nível científico, tecnológico, social e cultural; assumir como vetores fundamentais a qualidade, o rigor e a exigência no serviço que presta; desenvolver o espírito cooperativo, de modo a construir uma autêntica comunidade educativa.

A Escola tem como objetivo prioritário promover a corresponsabilização cívica dos alunos, constituindo a educação para a cidadania a vertente transversal do Projeto Educativo, cuja elaboração se firmou na informação recolhida junto da comunidade educativa.



### **3. Caracterização da turma**

Os alunos acompanhados na Prática de Ensino Supervisionada pertenciam, à altura, a duas turmas, o 9º B e o 9º G. Contabilizaram-se 6 alunos inscritos em EMRC, um do sexo feminino e cinco do sexo masculino.

A caracterização deste grupo foi feita com base num questionário preenchido pelos alunos e que é parte integrante do dossier dos Diretores de Turma. Três alunos completaram catorze anos de idade em 2011, dois deles depois do início das aulas. Dois deles completaram 15 já em 2012 e um deles completou 16 também em 2012. Este cenário revelava alguma heterogeneidade, não só no que respeita às idades como igualmente no percurso educativo. Existiam três alunos já com uma retenção no ensino básico. As disciplinas mencionadas pelos alunos como sendo as de maior dificuldade são Língua Portuguesa, Inglês e Matemática, cada uma delas referida por quatro alunos. A disciplina mais vezes mencionada como preferida é educação física, logo seguida de ciências naturais. Apenas um aluno afirmou estudar com a ajuda de alguém, tendo os restantes assinalado que estudam sozinhos. Todos os alunos eram de nacionalidade portuguesa.

No que respeita às habilitações literárias dos membros do agregado familiar um aluno afirma que os pais terminaram a faculdade, dois que completaram o 12º ano e um dos alunos regista que a mãe concluiu o 1º ciclo do ensino básico. No que concerne à profissão dos pais, duas pessoas tinham profissões ligadas à limpeza de casas, dois eram comerciantes e um, empregado de mesa. Outras profissões nominadas foram as de militar e advocacia. Duas das mães dos alunos estavam desempregadas. Relativamente ao nível económico da família há pouco a concluir com base nos dados do questionário. Dois dos alunos beneficiavam do apoio do SASE no escalão A.



A maioria dos alunos residia nas proximidades da escola, deslocando-se a pé para a mesma.

Entre as ocupações de tempos livres, os alunos assinalaram como primeira ou segunda ordem de preferência jogar computador/navegar na internet (três alunos). A esta ocupação segue-se, por ordem decrescente, estar com os amigos, ouvir música, ver televisão, praticar desporto e ir ao cinema. As restantes alternativas constituíram a última opção ou nem sequer foram classificadas.

No contexto de início de ano, de conclusão do 3º Ciclo, dois alunos afirmavam que a grande expectativa era a de concluir a faculdade, e outros dois tinham apenas como meta concluir o 12º ano via curso profissional. Os restantes não sabiam muito bem o que fazer no futuro. No que respeita às profissões que esperavam exercer, cinco alunos afirmavam não ter noção e um aluno afirmava que o seu desejo era ser realizador de cinema.

Os alunos pareciam bastante desmotivados para a disciplina, à exceção de dois, facto constatado nas primeiras aulas do primeiro período quando se lhes perguntou o motivo de estarem inscritos em EMRC e a maioria ter respondido que por imposição dos Encarregados de Educação, agravando-se ainda a questão pelo facto de alguns terem de vir propositadamente à escola para frequentá-la.

Ao longo do percurso tivemos em atenção esta falta de motivação por parte dos alunos tentando contornar a questão através de uma planificação capaz de cativar o seu interesse e motivar a sua participação nas aulas e aprofundamento da disciplina.

Desde as primeiras aulas, notámos que os alunos não traziam o material necessário o que terá de ser tido em conta nas planificações. As informações que emanaram dos



Conselhos de Turma registaram que metade dos alunos da turma apresentava um elevado grau de desmotivação face à Escola e uma enorme falta de horizontes relativamente ao seu próprio percurso académico, o que motivou e gerou: desinteresse; elevado número de faltas; falta de estudo; atitudes provocatórias e de indisciplina verificadas a longo do ano letivo.



## 4. Planificação Anual

### 4.1. Seleção de competências

Competências	U	U	U	U
	L 1	L 2	L 3	L 4
	A dignidade da vida humana	Deus, o grande mistério	As religiões orientais	Projeto de vida
1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	X	X	-	X
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.	X	X	-	X
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.	X	-	-	X
9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.	X	-	X	-
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.	X	X	X	X
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.	X	X	X	X
23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.	X	X	X	X



## **4.2. Justificação de competências<sup>3</sup> e Unidades Letivas**

Em qualquer estabelecimento de ensino faz sentido apresentar, no âmbito desta disciplina, a perspetiva cristã-católica ligada à realidade dos alunos, pois só assim podem identificar-se e aumentar os seus conhecimentos, melhorando a sua aceitação das realidades religiosas. Se, a juntar a estas características, tivermos em conta o quadro de referência estabelecido no Projeto Educativo de Escola (PEE): “Instruir, Educar e Intervir no meio”, facilmente se percebe a escolha (que acontece quase naturalmente) destas sete competências que nos comprometemos a trabalhar neste nível de escolaridade, ao longo de todo o ano letivo fazendo-se no entanto uma escolha de forma a serem melhor trabalhadas pelo próprio tema transversal de cada Unidade Letiva.

A profunda convicção de que o resultado deste trabalho contribuirá para o desenvolvimento integral dos alunos não deixa qualquer dúvida acerca da pertinência desta proposta, que terá sempre, como pressuposto, a irrepreensível dignidade que é devida a todos os seres humanos (incluindo, naturalmente, os próprios alunos adolescentes, que devem sentir que são amados e respeitados na sua individualidade e particularidade).

Nesta faixa etária os alunos reclamam quotidianamente uma vivência muito peculiar da afetividade e da sexualidade, bem como o desejo de liberdade e de afirmação, tão característicos desta fase da vida - são desafios para que a apresentação da proposta dos valores cristãos (e, por isso, humanos) concorram para a promoção de opções livres, conscientes e responsáveis, por parte dos adolescentes.

---

<sup>3</sup> Importa referir que aquando da planificação e lecionação (ano letivo de 2011/2012) se planificava por competências, Cf. AAVV, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – *Ensinos Básico e Secundário*, SNEC, Lisboa, 2007.



Espera-se que a provável sensibilidade, por parte dos alunos desta idade, a temas como a dignidade da vida humana, Deus o grande mistério, as religiões orientais e o projeto de vida, se traduza numa receptividade propiciadora de uma aprendizagem dos valores realmente positiva e construtora de uma vida com sentido alargando os horizontes, tornando, por isso, a vida mais feliz e assertiva. Espera-se ainda que estas unidades letivas concorram para a finalidade desafiante do PEE de formar “cidadãos solidários, respeitadores de ideias e de culturas diferentes”.



### 4.3. Planificação nível 2<sup>4</sup>

Total de aulas previstas: 31 aulas

1.º PERÍODO						Aulas previstas: 13
Mês	Sem 1	Sem 2	Sem 3	Sem 4	Sem 5	
Setembro			<b>Dia: 19</b> UL 0: Horizontes de esperança  Apresentação; Programa de EMRC; Unidades Letivas.	<b>Dia: 26</b> UL 1: A dignidade da vida humana  Dignidade e inviolabilidade da vida humana: declarações de direitos e perspetiva da Igreja Católica.		
Outubro	<b>Dia: 03</b> UL 1: A dignidade da vida humana  A vida: condição de possibilidade de todos os outros valores. A vida como dádiva de Deus.	<b>Dia: 10</b> UL 1: A dignidade da vida humana  A vida humana: um valor primordial mas não absoluto; conflito de valores.	<b>Dia: 17</b> UL 1: A dignidade da vida humana  Início da vida humana: Dados da ciência; Perspetiva da Igreja.	<b>Dia: 24</b> UL 1: A dignidade da vida humana  O aborto / IVG.	<b>Dia: 31</b> UL 1: A dignidade da vida humana  Os grupos minoritários ou «não produtivos», a igualdade e a discriminação: génese de um preconceito.	
Novembro	<b>Dia: 07</b> UL 1: A dignidade da vida humana  Lc 10,25-37: A Parábola do Bom Samaritano: valorizar a vida, tornando-se próximo de quem precisa.	<b>Dia: 14</b> UL 1: A dignidade da vida humana  Teste de avaliação	<b>Dia: 21</b> UL 1: A dignidade da vida humana  Entrega e correção do teste de avaliação	<b>Dia: 28</b> UL 2&4: O que queremos e em que cremos?  O problema da existência de Deus. Fé como fonte de felicidade.		
Dezembro	<b>Dia: 05</b> UL 2&4: O que queremos e em que cremos?  A felicidade como projeto de vida. A questão da existência de Deus.	<b>Dia: 12</b> UL 2&4: O que queremos e em que cremos?  A questão da existência de Deus. Natal.	<b>Dia: 19</b> <b>Interrupção letiva de Natal</b>	<b>Dia: 26</b> <b>Interrupção letiva de Natal</b>		
2.º PERÍODO						Aulas previstas: 10
Janeiro	<b>Dia: 02</b> <b>Interrupção letiva de Natal</b>	<b>Dia: 09</b> UL 2&4: O que queremos e em que cremos?  Definição de projeto. Projeto de vida.	<b>Dia: 16</b> UL 2&4: O que queremos e em que cremos?  Projeto de vida. Vocação.	<b>Dia: 23</b> UL 2&4: O que queremos e em que cremos?  A vocação de Abrão e a descoberta do Deus único. S. Paulo e a centralidade de Jesus Cristo na sua vida.	<b>Dia:30<sup>5</sup></b> UL 0: Horizontes de Esperança  Preparação das Olimpíadas da EMRC.	

<sup>4</sup> As aulas foram lecionadas à segunda-feira.

<sup>5</sup> Na planificação original neste dia estava a aula que aqui aparece no dia 16 de abril. Por uma questão de modelo de apresentação da UL, importava que não se ultrapassassem os dois períodos para a leção.



<b>Fevereiro</b>	<p><b>Dia: 06</b> UL 2&amp;4: O que queremos e em que cremos?</p> <p>A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.</p>	<p><b>Dia: 13</b> UL 2&amp;4: O que queremos e em que cremos?</p> <p>A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.</p>	<p><b>Dia: 20</b> <b>Interrupção letiva de Carnaval</b></p>	<p><b>Dia: 27</b> UL 2&amp;4: O que queremos e em que cremos?</p> <p>A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.</p>	
<b>Março</b>	<p><b>Dia: 05</b> UL 2&amp;4: O que queremos e em que cremos?</p> <p>Teste de avaliação.</p>	<p><b>Dia: 12</b> UL 2&amp;4: O que queremos e em que cremos?</p> <p>Entrega e correção do teste de avaliação.</p>	<p><b>Dia: 19</b> UL 2&amp;4: O que queremos e em que cremos?</p> <p>Que Deus é o Deus Cristão?</p>	<p><b>Dia: 26</b> <b>Interrupção letiva de PÁSCOA</b></p>	
<b>3.º PERÍODO</b>					<b>Aulas previstas: 8</b>
<b>Abril</b>	<p><b>Dia: 02</b> <b>Interrupção letiva de PÁSCOA</b></p>	<p><b>Dia: 09</b> <b>Interrupção letiva de PÁSCOA</b></p>	<p><b>Dia: 16</b> UL 0: Horizontes de Esperança</p> <p>Preparação das Olimpíadas da EMRC.</p>	<p><b>Dia: 23</b> UL 3: As religiões orientais</p> <p>Religiões da Índia: Hinduísmo; Budismo</p>	<p><b>Dia: 30</b> UL 3: As religiões orientais</p> <p>Religiões da China: Taoísmo; Confucionismo.</p>
<b>Maiο</b>	<p><b>Dia: 07</b> UL 3: As religiões orientais</p> <p>O princípio da felicidade humana: o amor a Deus e ao próximo.</p>	<p><b>Dia: 14</b> UL 3: As religiões orientais</p> <p>Teste de avaliação.</p>	<p><b>Dia: 21</b> UL 3: As religiões orientais</p> <p>Entrega e correção do teste de avaliação.</p>	<p><b>Dia: 28</b> UL 0: Horizontes de esperança</p> <p>Preparação do acantonamento de EMRC na Feiteira.</p>	
<b>Junho</b>	<p><b>Dia: 04</b> UL 0: Horizontes de esperança</p> <p>Avaliação do ano.</p>				



## **5. Apresentação do problema**

O 9º ano de escolaridade é um ano de extrema importância no percurso académico dos alunos. É o ano em que se fazem escolhas, em que se faz a primeira grande opção em relação ao futuro. Existem imensas hipóteses e é fundamental que os alunos tenham as ferramentas necessárias para poder fazer uma primeira escolha o mais próxima possível daquilo que é o seu verdadeiro desejo e gosto pessoal, ou seja, a sua verdadeira vocação. É nesta fase em que não poucas vezes os Encarregados de Educação aproveitam para levar os seus filhos a fazer os exames psicotécnicos. É a altura em que as Escolas realizam um esclarecimento mais aprofundado das hipóteses que se afiguram aos alunos. Todas as dimensões humanas e científicas são desenvolvidas nesta altura por forma a contribuir para uma melhor capacidade de escolha por parte dos alunos. Estando nós cientes desta questão, ao olharmos para o programa de EMRC e percebendo as competências que eram apresentadas e as propostas para serem desenvolvidas, percebemos que havia uma grande oportunidade que não estava a ser explorada. Uma dimensão que estava a ser marginalizada pela escola e por grande parte dos Encarregados de Educação e que impossibilitava os alunos de desenvolverem uma dimensão fundamental no seu próprio desenvolvimento integral. Dimensão que se afigura igualmente importante para uma escolha mais consciente e que se pretende mais assertiva: a dimensão espiritual associada à vocação. Daí termos escolhido de imediato a Unidade Letiva 4 (Projeto de vida) para trabalhar. Mas, depois de uma análise mais aprofundada à própria Unidade Letiva, esta, pareceu-nos muito redutora, muito limitativa, e que as potencialidades da mesma não estariam a ser totalmente aproveitadas. Esta Unidade Letiva estava a debruçar-se e a desenvolver-se sob temas que são amplamente tratados quer pelo gabinete de psicologia, quer pelas diferentes disciplinas, sobretudo a Formação Cívica. Ficámos com o sentimento que a Unidade



Letiva 4 não nos traria nada de verdadeiramente novo que pudesse ser diferente para os alunos, que os pudesse marcar de forma significativa e que lhes possibilitasse uma escolha de fundo, muito mais do que uma escolha imediata. Percebemos que a Unidade Letiva, fechada sobre si mesma, não transmitia aos alunos toda a especificidade da disciplina, que não contribuía de forma decisiva e definitiva para a formação integral dos alunos, que não acrescentava nada de verdadeiramente significativo. Com este sentimento de insatisfação decidimos percorrer o restante programa de EMRC proposto para o 9º ano a fim de escolhermos a segunda Unidade Letiva a ser trabalhada. Deparámo-nos com uma Unidade Letiva que nos parecia, isoladamente, de grande complexidade para o estado de desenvolvimento religioso dos alunos desta faixa etária, bem como de enorme complexidade para se conseguir fazer passar a mensagem que contém e as competências que pretendem ser trabalhadas. A Unidade Letiva 2 (Deus, o grande mistério) corre o risco de ser uma Unidade Letiva demasiado teórica e catequética desviando-se assim da especificidade própria da disciplina de EMRC.

Tínhamos, agora, não só um, mas dois problemas. Uma Unidade Letiva (a 4) que não trazia nada de novo e de significativo para a vida e processo de desenvolvimento dos alunos bem como para a sua formação integral e uma outra (a 2) que corria o risco de se desviar dos objetivos e da especificidade da própria disciplina, para além da enorme complexidade que estava associada ao seu desenvolvimento. Apesar, ou precisamente por causa, desses dois problemas, estas foram as Unidades Letivas que mais nos entusiasmaram no mapa de Unidades Letivas propostas para o 9º ano de escolaridade.

A partir desse momento começámos por tentar (re)elaborar o percurso proposto pelas mesmas. Foi aí, nessa tentativa que nos surgiu uma ideia que para além de ser inovadora nos parecia bastante assertiva e de uma utilidade extrema para os alunos. E que tal se



nós juntássemos as duas Unidades Letivas criando uma só? Retirávamos o que era específico da disciplina em cada uma delas e, congregando-o e relacionando-o, teríamos material para constituir uma só Unidade Letiva. Depois desta primeira ideia foi tempo de analisar as competências específicas de cada uma delas e perceber se havia algumas que fossem comuns permitindo-nos, assim, a sua junção por forma a serem trabalhadas numa mesma planificação e em simultâneo e, num segundo momento, se também havia competências específicas que pudessem ser trabalhadas de forma autónoma pela escolha das especificidades de cada uma das Unidades Letivas. Depois de ultrapassarmos essas mesmas especificidades e de percebermos que era possível “desenhar” um trajeto novo, foi tempo de passar à ação e desenvolver uma Unidade Letiva nova, reformulando duas já existentes.

Assim, decidimos atribuir como título a esta Unidade Letiva o nome de “O que queremos e em que cremos?”. Como o próprio nome indica, o grande objetivo era trabalhar com os alunos a sua dimensão espiritual, mostrando as diversas possibilidades de crença ou não crença e, de que forma essa crença ou não crença pode influenciar a nossa vida concreta e as próprias escolhas que vamos fazendo ao longo da vida. Pareceu-nos a situação ideal para trabalhar as duas dimensões (religiosa e vivencial) em simultâneo. Em suma, uma forma de conseguirmos encarnar na vida concreta dos jovens uma Unidade Letiva (2) que parecia completamente desenraizada do seu dia-dia e de também acrescentar um valor bastante mais espiritual, marcando assim a especificidade da própria disciplina, de uma outra (4) que estava demasiado confundida com outras disciplinas e formas de ser trabalhada noutras áreas que não esta disciplina específica. Dando a uma um caráter mais concreto e a outra um caráter mais espiritual.



Congregar duas unidades letivas e transformá-las numa só, não é um processo linear, nem tão pouco de simples junção. O mais importante é conseguir fazer uma escolha acertada e coerente das competências específicas a serem trabalhadas. Nas duas unidades letivas em que nos propusemos trabalhar eram apresentadas dezanove competências específicas, o que implicava, que numa junção de unidades, nunca se poderia manter esse número sob pena de não serem trabalhadas convenientemente. Nesse sentido, o processo de junção das unidades letivas iniciou-se por uma análise cuidada de cada uma das competências tendo em conta todo o percurso teológico que suporta a criação da nova Unidade Letiva. Após a realização desse trabalho decidimos optar por um número muito mais reduzido de competências específicas, oito.

Uma Unidade Letiva que se debruça sobre o querer humano e o seu crer, não poderia deixar de começar pela competência específica número dois, “Questionar-se sobre o sentido da realidade”. Aliás, esse é o ponto de partida para um percurso que possa conduzir a um projeto de vida com plenitude. Só quando se questionam sobre a realidade concreta e o seu sentido, as pessoas podem definir com assertividade o percurso que gostariam de seguir e pelo qual se esforçarão em ordem à sua consecução. Esta competência acabará por ser a mais desenvolvida e a que mais vezes servirá de apoio à planificação de cada aula. Tendo em conta este questionamento, não nos parecia justo nem honesto não apresentarmos uma possibilidade de resposta. Esta possibilidade não contempla em si mesma uma formulação objetiva mas, antes, procura dar uma chave de leitura que habilitará os alunos a serem eles mesmos a encontrar a sua resposta e, eventualmente a aderirem a essa mesma chave. Essa chave de leitura cristã é-nos dada pela competência específica número 3, “Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.”



No seguimento desse percurso surge como inevitável a coerência que existirá entre o questionamento e a resposta que os alunos darão. Pretende-se com esta unidade letiva que os alunos sejam capazes de se questionar em verdade e de, na mesma verdade, serem capazes de dar uma resposta coerente com o que sentem, o que pensam, o que querem e o que creem. Nesse sentido, a competência específica número quatro adquire uma enorme importância pois impele o jovem a “organizar uma visão coerente do mundo”, partindo, no contexto específico da nova unidade letiva, daquilo que serão as suas crenças ou as suas não crenças.

Uma vez que a chave de leitura, que constitui ao mesmo tempo uma especificidade da disciplina, é o catolicismo a competência número oito aparece referida mas não desenvolvida concretamente em nenhuma planificação de aula, uma vez que é transversal ao desenvolvimento de toda a unidade letiva que “relaciona os fundamentos religiosos da moral cristã com os princípios, valores e orientações do agir humano, propostos pela Igreja”. No entanto, ao apresentarmos estes valores não pretendemos condicionar os jovens ao ponto de os estarmos a incluir obrigatoriamente numa estrutura eclesial a que eles podem não querer pertencer. Estamos, sim, a dar-lhes conhecimento de valores e princípios que a Igreja apresenta mas que podem ser seguidos e adotados de forma independente. Ou seja, privilegiando a dimensão humana, esses valores podem ser adotados numa posição puramente filantrópica desenraizada de qualquer pertença religiosa. É por aí que a competência específica número dez adquire a sua importância e aparece no seguimento da anterior, uma vez que defende a “mobilização dos princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano”.



Esta Unidade Letiva que se criou visa dar uma dimensão mais concreta à visão da fé que as pessoas têm. Procura fazer perceber aos jovens alunos que uma opção de fé tem, necessariamente, de influenciar diretamente a vida concreta de cada um, e não é (como muitos deles possam pensar) algo desenraizado e descontextualizado do seu quotidiano, do seu dia-dia. Através de diversos exemplos procura-se mostrar que valores fundamentais do ser humano e do próprio relacionamento humano estão presentes e são constitutivos de uma atitude de fé. Tal como a dimensão do encontro tão específica da fé cristã tem muito para ensinar mesmo àqueles que não a tenham ou que ainda estejam neste caminho de descoberta interior. É nestes dois contextos de vivência e de encontro que aparecem as duas últimas competências específicas que escolhemos para concluir esta nova unidade letiva, são elas a competência número doze que se define por “relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo” e a competência específica número treze de “reconhecer a relatividade das convicções pessoais, como contributos de aproximação à verdade”.



## 5.1. Planificação nível 3

### COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
4. Organizar uma visão coerente do mundo.
8. Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.
13. Reconhecer a relatividade das convicções pessoais, como contributos de aproximação à verdade.
23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.

### GESTÃO E PLANIFICAÇÃO

12 AULAS

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
1.	Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3) Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, assumindo uma posição pessoal em ordem à construção de uma visão coerente do mundo. (Comp. 3, 4, 13)	<ul style="list-style-type: none"><li>• O problema da existência de Deus – Acreditar é um ato irracional?</li><li>• Os grandes objetivos do ser humano: a realização da felicidade própria e alheia.</li><li>• Fé como fonte de felicidade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Visualização e audição de um clip musical (<i>Boss Ac – Que Deus</i>).</li><li>• Preenchimento de ficha ao longo da música.</li><li>• Sondar as opiniões sobre o que ouviram.</li><li>• Aprofundamento da finalidade da vida humana - felicidade.</li><li>• Apresentação e discussão de dois artigos que apresentam pessoas religiosas como pessoas mais felizes e que identificam a fé com a felicidade.</li></ul>	Observação direta

Na operacionalização de competências decidimos juntar estas duas temáticas uma vez que consideramos fazer todo o sentido, na especificidade da disciplina de EMRC, que ao elaborar o seu projeto de vida, o jovem deva considerar a possibilidade deste ser elaborado tendo presente a crença (ou não) em Deus. Iniciámos esta planificação por apresentar as possibilidades que os jovens têm diante de si, para poderem utilizar como pilares de construção do projeto das suas vidas.



<b>Aula</b>	<b>Operacionalização das competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Avaliação</b>
2.	Organizar um universo de valores que inclua os grandes objetivos de cada ser humano e da comunidade humana, mobilizando-os para a orientação do comportamento. (Comp. 2, 10 e 12) Questionar-se sobre a existência de Deus. (Comp. 2)	<ul style="list-style-type: none"><li>• A felicidade como projeto de vida.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Visualização de um pequeno documentário.</li><li>• Manual.</li></ul>	Observação direta
		<ul style="list-style-type: none"><li>• A questão da existência de Deus.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Três posições possíveis face à existência de Deus</li><li>• Manual.</li><li>• Orientações para o trabalho em grupo.</li></ul>	

No seguimento da explicação do sentido de projeto, das possibilidades das diversas visões sobre a transcendência, parece-nos importante partilhar com os alunos as três possibilidades de pensamento/atuação face à sua relação com Deus, ou seja, explicando o Ateísmo, o Agnosticismo e a Crença, possibilitamos um conhecimento abrangente aos alunos, através do qual, poderão enquadrar-se naquele que melhor lhes convier. É importante que os alunos percebam que a descrença também se enquadra numa linha de pensamento. Na segunda parte, inicia-se a abordagem das implicações concretas que tem a fé na vida daqueles que a professam nomeadamente, a contribuição ou não para a felicidade individual.



Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
3.	Questionar-se sobre a existência de Deus. (Comp. 2)  Organizar um universo de valores que inclua os grandes objetivos de cada ser humano e da comunidade humana, mobilizando-os para a orientação do comportamento. (Comp. 2, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"> <li>A questão da existência de Deus.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação dos trabalhos que expõem as três posições face à existência de Deus.</li> <li>Frases afixadas.</li> </ul>	Observação direta
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Natal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Abordar o natal sob as três perspectivas apresentadas.</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>AUTOAVALIAÇÃO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ficha de autoavaliação</li> </ul>	

Consideramos que o contexto do Natal cristão é uma época propícia à discussão e reflexão acerca da existência de Deus e da própria organização de valores que advêm do nascimento de Jesus Cristo e da forma como Ele influenciou os que acreditam nele. Através da narrativa do nascimento podem-se elaborar diversos pensamentos relativamente à crença, à adesão, e à mudança que essa crença e adesão a Jesus Cristo implicam nas vidas das pessoas e na sua atuação em sociedade.

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
4.	Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Definição de projeto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura do manual.</li> </ul>	Observação direta
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Projeto de vida.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Visualização de uma pequena apresentação (<i>Ignite</i>).</li> <li>Conversa com os alunos.</li> <li>Manual.</li> <li>Poema presente no manual.</li> </ul>	

Antes de se poder falar de projeto de vida é necessário fazer uma contextualização sobre a definição de projeto, da forma como ele influencia e comanda quer a vida pessoal quer a vida em sociedade. Os projetos são apresentados como base do agir e



organização humanos. Através deles as pessoas reconhecem o caminho a percorrer e podem fazer balanços de vida mais concretos.

<b>Aula</b>	<b>Operacionalização das competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Avaliação</b>
5.	<p>Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3)</p> <p>Dar sentido à vida pela vivência de valores e princípios que se adequem à especificidade e orientações próprias das escolhas que se fazem e das convicções que se sentem. (Comp. 2, 10 e 12)</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Projeto de vida.</li><li>• Vocação.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Visualização de um documentário.</li><li>• Brainstorming.</li><li>• Manual.</li><li>• Audição de uma música e análise da letra.</li></ul>	Observação direta

Depois de se falar em projeto, de se explorar o significado e a adaptabilidade do conceito de projeto para a vida das pessoas, parece-nos que se enquadra de forma bastante interessante a dimensão da vocação e da forma como as convicções são expressão dessa mesma vocação. O projeto de vida é a definição e estruturação da vocação e a hierarquização de valores de acordo com este princípio.



Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
6.	Relacionar a fé em Deus como eixo central da vida pessoal com o agir feliz, otimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas. (Comp. 10 e 23)	<ul style="list-style-type: none"><li>A vocação de Abraão e a descoberta do Deus único.</li><li>S. Paulo e a centralidade de Jesus Cristo na sua vida.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Manual.</li><li>Caderno do aluno.</li></ul>	Observação direta

Depois de se abordar o tema da vocação e da forma como esta dá um contributo fundamental na criação e organização do projeto de vida, é altura de apresentar dois exemplos bíblicos onde essa questão se manifesta de forma patente e explícita. Através de Abraão e de Paulo, os alunos têm acesso a duas personagens que foram descobrindo a sua vocação e que foram, através dela, elaborando e ajustando os seus projetos de vida.

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Avaliação
7.	O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"><li>A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Perceber que a visão que nós tivermos de Deus vai marcar de forma incontornável a nossa maneira de estar na vida e aquilo que vamos fazer com ela.</li><li>Manual.</li><li>Trabalhos de grupo.</li><li>Pesquisa e elaboração da biografia de alguém que tenha contribuído para um mundo melhor através das suas opções de vida.</li></ul>	Observação direta

Esta aula e as duas seguintes (8 e 9) estão projetadas para que os alunos possam ter conhecimento, através do seu trabalho de investigação, de pessoas que pela sua fé conseguiram alcançar patamares de grande felicidade. São exemplos e testemunhos, não só para aqueles que conviveram com eles como também para todos os que (como os



alunos), procuram conhecê-los melhor e perceber a importância da fé nas suas ações. Com este trabalho, pretende-se que os alunos possam perceber que as vidas das pessoas que eles irão escolher seriam certamente diferentes se não houvesse a dimensão da fé nas suas ações. Queremos que, através destes exemplos, os alunos percebam que a fé não é algo abstrato e do domínio simplesmente da razão, mas que pelo contrário tem uma consecução prática e uma dimensão de concretização capaz de alterar não só a vida de quem a sente mas também e, sobretudo, a vida daqueles com quem se cruzam.

<b>Aula</b>	<b>Operacionalização das competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Avaliação</b>
8.	O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"><li>• A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Trabalhos de grupo.</li></ul>	Observação direta

<b>Aula</b>	<b>Operacionalização das competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Avaliação</b>
9.	O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"><li>• A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação dos trabalhos de grupo.</li></ul>	Observação direta

<b>Aula</b>	<b>Operacionalização das competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Avaliação</b>
10.		<ul style="list-style-type: none"><li>•</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• TESTE DE AVALIAÇÃO</li></ul>	Observação direta



<b>Aula</b>	<b>Operacionalização das competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Avaliação</b>
11.		<ul style="list-style-type: none"><li>•</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• ENTREGA E CORREÇÃO DO TESTE DE AVALIAÇÃO</li></ul>	Observação direta

<b>Aula</b>	<b>Operacionalização das competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Avaliação</b>
12.	Reconhecer a relatividade das nossas concepções de Deus, enquanto simples aproximações à verdade do que Ele é. (Comp. 13)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Que Deus é o Deus Cristão?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação de algumas das diversas possibilidades de descrição do Deus Cristão.</li><li>• Preenchimento das tabelas.</li></ul>	Observação direta

Para terminar a lecionação desta Unidade Letiva, escolhemos as possibilidades de descrição que podem ser utilizadas para descrever o Deus cristão. Depois de todo o percurso feito, acreditamos que os alunos tenham já as ferramentas necessárias para identificar as diversas visões que frequentemente aparecem para descrever o Deus Cristão. Ao longo deste caminho, os jovens foram, eles mesmos, construindo a sua imagem de divindade. Procurámos desmistificar muito do que habitualmente é apresentado quer pela sociedade quer pelos seus pares a fim de eles poderem começar a optar por uma visão de Deus que corresponda com mais veracidade às suas convicções pessoais.



## **2ª PARTE**

### **1. Elementos para uma fenomenologia da fé e da descrença**

Para aprofundarmos a compreensão do que significa fé cristã, optámos por partir de uma experiência basilar da vida humana que, numa segunda fase, se constitui também como pressuposto fundamental para o processo de adesão à fé. Essa experiência está centrada na confiança. A confiança em si mesmo, nos outros e, eventualmente, em algo que nos transcende, constitui um elemento chave e determinante na vida em sociedade. Acontece, contudo, que esse elemento da confiança não é um dado adquirido, não é algo que se imponha por si mesmo, mas encerra em si a possibilidade da recusa, da descrença partilhada pelas duas realidades substancialmente diferentes que envolvem a confiança: por um lado, a confiança nos restantes seres humanos, uma confiança com um horizonte mais “antropológico” e a dimensão da confiança no transcendente, uma confiança com um horizonte mais “teológico” onde as realidades da vida podem encontrar, muitas vezes, outro significado e outro sabor.

No caminho que se percorre em direção à fé existem elementos comuns e transversais à humanidade que nos permitem estabelecer alguns pontos de passagem em ordem a uma adesão crente. São eles: a busca do sentido da vida, a procura através da razão pelas origens e, sobretudo, pelo fundamento último das coisas. Estes questionamentos acabam por transportar a pessoa para a questão do transcendente, sendo precisamente aí que a problemática da fé se coloca de forma mais efetiva.



Neste primeiro capítulo procuraremos estabelecer uma fenomenologia da fé com base nestes pressupostos e seguindo o caminho que o desenvolvimento destes temas nos indicarão.

### **1.1. A “confiança” como dado antropológico fundamental**

A humanidade atual é herdeira dos seus antecessores e é garante de legado para os que se seguem no percurso natural da história. Para cada geração que passa não existe um recomeço, existe antes uma continuação do percurso já realizado, uma atualização, uma evolução. São estes dados recebidos que permitem à humanidade encetar e prosseguir um desenvolvimento, encontrando a confiança como característica fundamental que torna possível todos estes avanços e evolução extraordinários. A confiança nas gerações anteriores, no caminho percorrido, nas descobertas feitas e seus resultados permite não ter a necessidade de começar tudo de novo. Se não tivéssemos confiança provavelmente ainda não teríamos saído da pré-história, não teríamos evoluído da forma fantástica que evoluímos.

Enquanto humanidade não partimos de uma tábua rasa, temos memória e identidade. Partilhamos uma história com os que nos precederam e escrevemos a história dos que se nos seguem. “A confiança aparece como a condição que permite ao homem avançar para o conhecimento de coisas que a lógica racional nem sempre abarca. O homem define-se como desafiador das realidades, como evolutivo, na medida em que avançando, chega ao conhecimento pessoal e interpessoal.”<sup>6</sup> É pela confiança que a humanidade é capaz de formar a sua identidade quer como um todo (identidade global) quer na individualidade. A confiança leva a humanidade a aceitar aquilo que nem

---

<sup>6</sup> DUQUE, João, *Homo credens – para uma teologia da fé*, UCP, Lisboa, 2004, 114.



sempre compreende à luz da razão, mas que pela via geracional se lhe apresenta como verdadeiro e como fidedigno.

Neste sentido, a confiança aparece como um fator determinante no contexto, na história e na identidade do ser humano. Com toda a razão podemos afirmar que a confiança nos diferencia em grande escala dos restantes animais. “O ser humano é um animal de crenças, um ser crédulo que depende da confiança dos outros. Por meio da educação incorpora a experiência acumulada pelos seus antepassados, através dela transmite a sabedoria da coletividade a partir de uma seleção do que se afigura como mais útil e necessário para transmitir às gerações mais jovens.”<sup>7</sup>

Esta confiança é traduzida no processo ensino/aprendizagem, na transmissão cultural, na vivência concreta de cada dia. Inatamente somos levados a confiar, desde logo quando recém nascidos nos pais e, daí por diante, naqueles que nos rodeiam e com os quais nos relacionamos. Os dados adquiridos por outros são por nós absorvidos e considerados como dignos de fé. Aprendemos com os que nos rodeiam, com a sociedade em que estamos inseridos e da qual fazemos parte.

Esta aprendizagem cultural, que funciona pelas vias da identificação afetiva e da imitação, permite à pessoa fazer uso de uma característica, também ela definitiva do ser humano, que é a liberdade.<sup>8</sup> É em liberdade que o ser humano pode fazer uso da confiança. Só em liberdade, e por intermédio dela, o ser humano pode verdadeiramente acreditar nos seus pares. Esta aparece como condição fundamental para o ato de crer. E aparece como ato fundamental porque o ato de crer me implica, e para que algo me implique verdadeiramente eu tenho de o assumir em plena liberdade.

---

<sup>7</sup> DUQUE, João, *Homo credens*, 114.

<sup>8</sup> Cf. ANTONIO ESTRADA, Juan, *Creencia e increencia*, in JOSÉ TAMAYO, Juan (Ed.), *Nuevo Diccionario de Teología*, Editorial Trotta, Madrid, 2005, 201.



Essa implicação toma forma, desde logo, pela própria expressão verbal. A dimensão da autoimplicação ou da rejeição desta implicação pessoal define-se a partir, precisamente, da conjugação do verbo crer/acreditar. A forma sintática determina a performatividade do próprio verbo, que mediante a sua utilização, também implica a liberdade com que se conjuga e pronuncia. Assim, o verbo crer ou acreditar, quando utilizados na primeira pessoa, constituem uma ação autoimplicativa, isto é, implicam o que a pessoa diz<sup>9</sup>. Ganham performatividade na própria pessoa (“Eu acredito em ti”). Ao utilizar o verbo na primeira pessoa, o utilizador está a assumir algo em que acredita por razões pessoais e critérios que, apesar de não serem suficientes para uma alegação firme e segura, são suficientes para a adesão pessoal, a adesão que parte do *cor* – coração<sup>10</sup> (em latim), donde se pode alegar resultar (*cor dare*) etimologicamente a palavra latina *credere*.<sup>11</sup>

Esta certeza, ainda que não se possa situar numa comprovação absoluta, está num nível superior à simples opinião. Quando os verbos são utilizados na segunda e terceira pessoas, seja do singular seja do plural, apenas se revestem de um sentido descritivo, externo, que não influi diretamente naquele que os pronuncia ou reproduz. Quando assim utilizados, os verbos desresponsabilizam o utilizador, passando essa responsabilização para o outro ou outros (“Tu acreditas que ele fala a verdade”). Há uma fuga à assunção das consequências que o confiar implica. A forma como o verbo é utilizado, depende, por isso, da intenção que a pessoa tem relativamente ao grau de comprometimento face ao crer/acreditar, é uma opção que deve ser livre e consciente.

Pode afirmar-se que o acreditar implica sempre, e ao mesmo tempo, três dimensões, a saber: acreditar como *um ato humano* (seja linguístico ou acional), acreditar *em*

<sup>9</sup> Cf. DUQUE, João, *Homo credens*, 37.

<sup>10</sup> Cf. KASPER, Walter, *Introdução à fé*, Telos, Porto, 1973, 78.

<sup>11</sup> Cf. FORTE, Bruno, *Eis o mistério da fé*, Paulinas, 2012, 6.



alguém ou acreditar *que algo é verdade*. A acentuação de uma destas dimensões não permite a supressão de nenhuma delas, uma vez que elas existem interligadas e interdependentes umas das outras, sendo que nenhuma delas existe por si só.<sup>12</sup>

Dentro desta interligação indissociável, a confiança aparece, segundo Bernhard Welte, como própria da condição ser-homem ou ser-mulher. É a confiança que permite que se avance para o futuro, que se afigura sempre como algo de incerto, negro, abismal. O desafio subjacente à dimensão do futuro implica que a pessoa tenha confiança, podendo assim dar mais um passo em direção à clarificação daquilo que outrora era escuro e negro. Mas este desafio provoca no ser humano uma vontade imensa de ir mais longe, de avançar, de crer ser mais, aprofundar ainda mais o conhecimento que tem de si mesmo, dos outros e do mundo.<sup>13</sup> Se a humanidade perder a confiança não conseguirá dar esses passos em ordem ao futuro, ficando, assim, presa a um presente que passou, não vivendo aquilo que é característico do ser humano: o desafio permanente de conhecer sempre mais. Desse modo, o ser humano só existe na medida em que supera, constantemente, os limites daquilo que pode saber e, desse modo, dominar. O ser humano é o eterno insatisfeito. Deseja e anseia sempre mais. Quer ir sempre mais além. Nunca se dá por saciado. É isto que faz com que a sociedade avance, é isto que faz com que a pessoa se defina cada vez mais, é isto que faz com que os limites deixem de o ser.

Sendo esta confiança uma estrutura necessária à nossa condição humana, não podemos deixar de confiar, ou afirmar que a fé (no sentido de confiar em algo que não se prova cientificamente) não existe. É evidente que como não podemos abarcar todo o conhecimento da realidade, temos a necessidade de viver confiando. A confiança não se

---

<sup>12</sup> Cf. KASPER, Walter, *Introdução à fé*, 77-79.

<sup>13</sup> Cf. WELTE, B., *O que significa crer?*, Cit. em DUQUE, João, *Homo credens*, 46.



afigura como uma limitação, mas antes como uma potência a explorar e desenvolver: uma vez que temos fé, podemos saber, podemos conhecer mais, podemos aprender melhor.<sup>14</sup>

A confiança é o sustento e o garante da satisfação inerente a este processo de busca e procura constante que tão bem define a pessoa humana. A necessidade de confiar é algo que nasce com o ser humano e que é estimulada e desenvolvida pela sua vivência em sociedade. É um dado antropológico que, sendo universal, adquire uma importância muito grande no desenvolvimento da relação de fé entre a humanidade e a transcendência. Há, nesta relação, um princípio de confiança a que a pessoa não é alheia, dada a importância que já é atribuída a esta característica quando a abordamos de forma estritamente antropológica e relacional entre seres humanos. Essa confiança entre pessoas experienciada comumente por toda a humanidade servirá de apoio e de modelo para a relação de confiança estabelecida na relação pessoal que as liga ao transcendente, sendo também aí o elemento basilar a confiança.

## **1.2. Condições e limites do “crer” – a possibilidade da descrença**

A confiança, sendo um dado antropológico comum a todo o ser humano, implica que ninguém pode existir sem crer em algo ou em alguém. Contudo, este crer não é absoluto, ele confronta-se com a existência de condições e limites<sup>15</sup>. A primeira das condições e limites tem a ver com a autoimplicação que está associada ao ato de crer, no sentido cristão do termo. No “eu creio/eu acredito” está envolvido um profundo compromisso com o que se acredita, comprometimento esse que nem sempre deseja ser

---

<sup>14</sup> Cf. VIDAL FERNANDEZ, Fernando, *La resistente fe de los “milenials” – Sociologia de la fe de la nueva generación del siglo XXI*, in *Sal Terrae* 101 (2013), 526.

<sup>15</sup> Cf. RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2006, 50.



assumido. A responsabilização aqui implicada acaba por funcionar muitas vezes como um bloqueio, uma barreira que nem todos estão na disposição de atravessar ou assumir. Uma outra condicionante e limite do crer reside no facto de que aquilo em que se crê não ser, normalmente, compreensível de forma racional demonstrativa, isto é, no facto de se tratar de algo que não se consegue provar facilmente ou demonstrar cientificamente. Quando cremos em algo ou em alguém, por norma, estamos a dispensar a comprovação científica daquilo em que acreditamos. Na sociedade contemporânea, fortemente marcada pela ciência e pela comprovação científica (ou pelo menos empírica) das realidades, o crer encontra nessa característica própria da sua essência uma limitação que condiciona o seu uso e a sua aplicação na plenitude de sentido e significado. Olhando para estes dois exemplos de limitações do crer percebemos que não é algo absoluto, pois afigura-se-nos a possibilidade de não crer, a possibilidade da rejeição dessa dimensão, se não totalmente, ao menos parcialmente, em áreas da nossa vida.

Neste sentido, a descrença, sendo a materialização da rejeição, aparece como uma possibilidade legítima face ao crer. O próprio método científico assenta no desafio de alguma forma de “crer”. Ou seja, a formulação de uma hipótese que depois se provará ser verdadeira ou falsa, parte da credulidade do cientista que a formula.

Cada pessoa encerra em si a possibilidade da rejeição quando considera irreal o que não se pode ver e que de modo algum pode ser colocado no campo visual. Ao entrarmos no campo das ideias, a hipótese de rejeição coloca-se com maior acuidade, dada a exclusão da possibilidade de comprovação científico-empírica da própria ideia ou convicção. Depende, a partir desse momento, única e exclusivamente da vontade e da capacidade interior da própria pessoa a aceitação de uma opção existencial como verdadeira e útil para a sua vida ou a sua rejeição e exclusão no que respeita ao seu



próprio viver. A rejeição aparece, assim, como uma opção deliberada de justificar humanamente, pelo que é visível e tangível, todos os mistérios do ser humano, sem fazer a passagem para uma visão do mundo onde o transcendente possa ser de facto o fundamento tão profundo que o torna tangível ao ponto de ser indispensável à existência.<sup>16</sup>

Acontece que esta transcendência que pode ser percebida como indispensável à existência e quase tangível pela experiência de ser compreendida não se deixa perceber de forma objetiva como algo palpável, sensível, nem em forma de acontecimento, mas antes, através destes elementos, demonstra que necessita ser descoberta, interpretada como presente na vida concreta das pessoas, dando-lhe profundidade e transcendência em simultâneo, mas sem se identificar com a própria vida, sendo-lhe sempre algo externo que se interioriza nela passando a integrá-la.<sup>17</sup> Acresce ainda que, nesta nossa sociedade hodierna, onde as realidades empiricamente constatáveis, materiais e económicas comandam as interpretações da realidade e aparecem como grandes chaves de leitura da existência humana, algo que não obedeça a estes critérios (como é a crença), entra facilmente em descrédito e é rapidamente posta em causa.

Nesta sociedade que, pelas mais variadas razões, trata de explicar o mundo a partir de uma maneira puramente autónoma e só a partir das suas causas imanentes, mundanas, seculares, a fé é colocada no âmbito do supérfluo, do pessoal, tendo muitas vezes de se afirmar como “crença” contra uma consciência cultural de carácter muito distinto.<sup>18</sup> Para além destes motivos realça-se a “imagem” tradicionalista associada à crença, ou seja, a roupagem do passado que tantas vezes lhe aparece ligada e que tantas vezes é confundida com ela. Precisamente, algo que a nossa sociedade contemporânea

---

<sup>16</sup> Cf. RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, 35-36.

<sup>17</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan, *Increencia y evangelización – Del dialogo al testimonio*, Sal Terrae, Santander, 1988, 17

<sup>18</sup> Cf. KASPER, Walter, *La fe que excede todo conocimiento*, Sal terrae, Santander, 1988, 20-24.



tanto rejeita, dando primazia, pelo contrário, ao que é moderno, ao progresso, esse sim, a verdadeira promessa do ser, de modo que o ser humano já não procura estabelecer-se no lugar da tradição e do passado, mas sim do espaço do progresso e do futuro.<sup>19</sup>

Importa também referir que, muitas vezes, estas fragilidades do crer advêm do facto das crenças disfarçarem, atrás de uma aparente força, robustez e segurança, as fragilidades humanas. “As cosmovisões servem de apontamento ao ser humano, enquanto estabelecedoras de sentido e dão ordem ao caos e indeterminação. Mas a contrapartida das crenças é que acabam por dominar sobre os crentes, cuja identidade acaba por depender das crenças em vez de ser resultado de um aprofundamento na dignidade e validade da própria consciência”<sup>20</sup>. Nesse sentido e tentando apresentar-se como alternativa credível e via assertiva, a descrença nega a possibilidade de partir do contingente para alcançar o transcendente e procura, por isso, oferecer alternativas para explicar o porquê e o para quê das crenças religiosas e antes de mais, da realidade do mundo em que se experimenta e em que se vive. A descrença procura justificar as questões essenciais do ser humano com motivos perceptíveis, excluindo a relação deste com o transcendente e a possibilidade de justificação das mesmas através do próprio transcendente ou de motivos não observáveis. A descrença procura encontrar alternativas para as questões essenciais do ser humano, aquelas questões que dizem respeito em especial ao sentido da vida.

A título de exemplo, podem dar-se conta de algumas alternativas apresentadas, que pretendem garantir um suporte plausível para a rejeição de questões justificadas pela via da crença na transcendência. Assim, pode-se começar por referir que a aceitação racional da morte como um destino que vincula o ser humano ao resto dos animais,

---

<sup>19</sup> Cf. RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, 37.

<sup>20</sup> ANTONIO ESTRADA, Juan, *Creencia e increencia*, 206.



critica qualquer questão de ordem transcendente e apresenta-se como alternativa à crença na imortalidade com base numa absolutização da finitude e numa rejeição dos sentidos teológicos que se oferecem da fé na vida mais além (depois da morte). Também se apresenta a rejeição da dimensão teológica da consciência moral, pois que a esta se sobrepõe a consciência coletiva, a utilidade, os preceitos estabelecidos, a normatividade da natureza, entre outros. Por último, no que concerne ao mal e ao sentido da vida, defende-se uma rejeição de qualquer referência ao transcendente, fazendo-se, em alternativa, um apelo a uma solidariedade humana, num comprometimento coletivo de luta contra o mal, apontando o progresso científico como enformador do sentido imanente da vida, como fonte de todas as respostas que a humanidade questiona.<sup>21</sup>

### **1.3. A questão do sentido da vida: Em busca de uma “grande confiança”**

Sendo um ato que abarca e envolve todo o ser humano e uma dimensão fundamental na sua existência, a confiança não pode ser excluída da procura do sentido da vida. O sentido da vida aparece, em última instância, como o grande desafio para cada ser humano na construção da sua existência. Cada pessoa procura, à sua medida e com as possibilidades que tem, encontrar o sentido para a sua vida, o significado da sua existência. É algo que todos, enquanto humanidade, partilhamos.

Neste contexto, importa estabelecer uma diferenciação/relação entre “dar sentido” e “ter sentido” à e na vida. Salienta Juan Alfaro: “«Dar sentido» à vida quer dizer comprometer de facto as decisões da liberdade no cumprimento da tarefa previamente configurada nas estruturas ontológicas que fundam a sua inteligibilidade e valor. «Ter

---

<sup>21</sup> Cf. ANTONIO ESTRADA, Juan, *Creencia e increencia*, 205.



sentido» é, pois, ontologicamente prévio ao «dar sentido», porque funda as condições necessárias para que o homem possa comprometer-se responsabilmente (inteligente e livremente) na tarefa de conferir sentido à sua vida.”<sup>22</sup>

A questão acerca do sentido da vida não se situa como mais uma questão entre tantas outras questões que a pessoa se coloca. É, antes, a pergunta fundamental que envolve o viver humano. É aquela que dá fundamento a todas as outras e que faz com que todas as outras se possam colocar com sentido e verdade. Esta é a pergunta que permite à pessoa fazer a sua opção fundamental.

Para que esta opção contemple a transcendência como parte integrante e o próprio movimento de procura do sentido da vida possa colocar a “questão de Deus” são necessárias algumas condições. Antes de mais, importa que, na própria experiência existencial, sobressaiam “sinais de transcendência”, indícios que apontem mais além das fronteiras da relação imanente ‘homem-mundo-história’. Além disso, que a reflexão fenoménico-transcendental sobre a experiência constitutiva da existência humana consiga mostrar a transcendência destes “sinais”, ou seja, que se torne impossível compreender o mais profundo do ser humano e de tudo o que implica a sua existência, sem se colocar a questão do transcendente.<sup>23</sup>

O lugar central, o sítio existencial onde se desenrola toda a “questão de Deus” é o interior da própria pessoa. É na vida que ela deve ser colocada. Só adquirindo sentido na vivência concreta do dia-a-dia, a dimensão transcendente do viver humano se situará na esfera do verdadeiramente necessário e imprescindível. O sentido da vida é algo muito concreto e pessoal, que implica a interioridade de cada um e as relações que cada pessoa

---

<sup>22</sup> ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, Ed. Sigueme, Salamanca, 1998, 19.

<sup>23</sup> Cf. ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, 19.



estabelece com o mundo, é um ato indiviso que engloba toda a pessoa, em todas as dimensões: é o ato indiviso de conhecimento-decisão-ação<sup>24</sup>. Segundo Juan Alfaro, esta procura do sentido da vida tem de partir das diversas relações constituintes do ser humano, a partir das quais conclui “a análise das dimensões fundamentais da existência humana (relação do homem com o mundo, os outros, a morte e a história) pode culminar na questão e na afirmação de Deus como Realidade Fundante, Amor Originário, etc. Cada um e a totalidade destes aspetos implicam a transcendência, a liberdade absoluta e o carácter pessoal de Deus: sendo eles a expressão da abertura do homem a Deus, como Aquele de Quem o homem não pode dispor de modo algum, senão unicamente reconhecê-lo e aceitá-lo como Graça Absoluta, como autodoação e autorrevelação do próprio Deus.”<sup>25</sup>

É neste contexto que podemos introduzir o conceito de “abertura”, isto é, a capacidade do ser humano ter no seu interior uma sensibilidade, uma propensão para o transcendente. Na realidade, a busca de sentido aparece como movimento e expressão de um desejo universal dos seres humanos como tais.<sup>26</sup> Esta abertura começa no momento em que a pessoa procura conhecer-se, perceber plenamente a sua existência. É o desejo inato de compreender a realidade que leva o ser humano a um pulsar para o transcendente face à inexistência de respostas imanentes que satisfaçam os mais profundos anseios humanos. Partindo do imanente a pessoa é conduzida, pela busca que faz e pelos resultados que persegue, ao transcendente. A própria liberdade, o desejo

---

<sup>24</sup> Cf. PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2006, 149.

<sup>25</sup> ALFARO, Juan, in PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, 151-152.

<sup>26</sup> Cf. PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, 149.



mais profundo e misterioso do homem, implica a sua transcendência face às circunstâncias e limites do mundo.<sup>27</sup>

Mas, se essa liberdade implica transcendência ante o mundo, seria legítimo perguntarmos de onde provém tal liberdade e a quem responderá o homem que a vive plenamente. Juan Alfaro diz que a resposta se encontra em Deus: a responsabilidade da liberdade “não se encontra diante da natureza pessoal, nem em última instância diante dos outros, porque também eles são responsáveis perante mim. Não é, pois, a liberdade responsável do outro a que funda (em última instância) a minha liberdade-responsabilidade, porque tão pouco a liberdade do outro é autofundante. Fica, pois, como explicação última, um fundamento comum e transcendente da liberdade responsável por todos: uma Liberdade transcendente, à qual está referida toda a liberdade humana. Esta Realidade fundante pessoal deve ter um nome único: Deus.”<sup>28</sup>

É um paradoxo que a liberdade, sendo tão profundamente imanente, tão profundamente vivencial e essencial ao homem, constitua uma das grandes “plataformas” que o homem tem para se voltar para o Transcendente. O caminho de procura desta grande confiança passa, em tudo, por aquilo que é mais querido e mais imanente ao ser humano: a liberdade que acaba por fundar a sua confiança em si, nos outros, no mundo e, em última instância, em Deus.

Outra das dimensões que nos conduzem para essa grande esperança transcendente que é Deus passa pelas relações interpessoais. No amor recíproco entre as pessoas está matizado um amor muito maior, um amor desinteressado, um amor que é fundamento e que alicerça o próprio amor entre as pessoas, é o Amor por excelência e origem de tudo:

---

<sup>27</sup> Cf. ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, 271-274.

<sup>28</sup> ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, 274.



Deus. É este Amor que é unificante, que mescla todas as dimensões da pessoa humana e todas as pessoas humanas, fazendo-as unas e criando a unidade necessária para haver uma verdadeira fraternidade. Se esses fundamentos forem procurados apenas numa visão antropológica (no ser humano como fundamento de si mesmo), veremos que se revelam muito frágeis por todas as condicionantes inerentes ao desenvolvimento social e humano. Esgota-se a realidade e não se vislumbra a verdadeira razão para que, apesar de todo o mal, a humanidade continue a aspirar a ser uma fraternidade. Este amor do mistério que chamamos Deus só pode ser conhecido pela pessoa humana no amor que esta sente e exprime pelos outros semelhantes a ela.<sup>29</sup>

Depois de percorrer este caminho, que caracteriza a liberdade como fundamento constituinte do próprio ser humano, que possibilita a cada pessoa amar os seus semelhantes e saber que é chamado a procurar o bem comum, aparece a última dimensão que questiona verdadeiramente o ser humano e que o pode conduzir ao encontro do Transcendente, único horizonte capaz de lhe dar a grande confiança que o meramente humano se vê impossibilitado de lhe atribuir. Fala-se da realidade da morte. É esta que, em última instância, coloca à pessoa a verdadeira questão do sentido da vida, e é perante esta que o ser humano verdadeiramente e necessariamente se questiona por esse sentido. “Se a morte for o fundamento da pessoa humana no nada, impõe-se a conclusão de que a vida, como totalidade, carece de sentido: é absurda”<sup>30</sup>. Neste caso, a falta de sentido seria a conclusão necessária - certamente não percebida assim por todos os seres humanos em concreto - da busca de um sentido para a vida. Uma vida que se esgote na morte corre o risco de não ter sentido pela contingência inerente à mesma e com o grau de incerteza com que o momento do final da vida se apresenta. Esta situação

---

<sup>29</sup> Cf. ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, 274-275.

<sup>30</sup> ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, 275.



pode levar a que a amargura de não se ter tempo para se fazer tudo o que se gostaria e pretenderia se possa apoderar da pessoa e a venha a limitar na vivência do tempo que tem para viver. A esperança que comanda o futuro da humanidade em geral e da pessoa em particular corre o risco de se tornar vaga, vazia, de estar assente em nada mais que nada. Esta Esperança, capaz de dar fundamento à existência e um sentido mais definido e mais substancial é Deus. E, mais uma vez, aparece como condição fundamental para poder encontrá-Lo a liberdade. A liberdade da opção pela esperança e pela busca de um sentido com mais significado e menos volátil e limitado.<sup>31</sup>

Assim, pode concluir-se que, estrutural e existencialmente “o homem é uma pergunta por Deus, que o interpela originariamente, com a própria criação: ser-criado = ser-interpelado por Deus (chamado à existência por Deus para Deus).”<sup>32</sup> Por esta razão a busca de sentido para a vida humana passa pela descoberta desta grande confiança que se fundamenta em Deus. Esta grande confiança, que permite a abertura do homem ao Transcendente, traduz-se numa busca permanente, nunca se sente satisfeita, nunca se dá por completa. Essa busca encontra, para os cristãos, a sua consolação na grande esperança da Ressurreição e Vida eterna onde se encontrará com Deus, fundamento dessa busca e ponto de chegada dessa procura permanente. A grande confiança que o homem vive desde já é o caminho que percorre, pela via do que é mais tipicamente humano, em direção ao que é mais transcendente, ao Transcendente, a Deus.

---

<sup>31</sup> Cf. ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, 276.

<sup>32</sup> MIGUEL J. M. de, *Revelación y fe*, 77, cit. em PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, 153.



## **2. A fé cristã como dom e como resposta da liberdade humana**

O caminho que se percorre em direção a uma adesão à fé, implica avanços e recuos, contempla a dimensão da confiança, da crença mas também os limites e possibilidades da descrença, resultantes da própria vivência pessoal de cada um. É precisamente nesta vivência pessoal em comunidade que as questões do sentido da vida se colocam com mais acuidade, com uma dimensão de questionamento mais profundo e mais explícita. É na tentativa de uma resposta convincente para a própria pessoa e para os que com ela convivem que se remete a busca para uma “grande confiança”, para o Transcendente. Este caminho que se percorre, implica que a fé não é um dado adquirido desde logo e por si mesma. Implica que seja um processo, um caminho que se vai realizando ao longo do nosso crescimento como pessoas.

A fé é uma relação que se vai aprofundando. A fé cristã é uma relação de conhecimento e adesão a uma Pessoa muito concreta que é Jesus Cristo, com todas as consequências dessa aceitação. “A fé cristã é mais do que uma opção por um fundamento espiritual do mundo, e é por isso que a sua fórmula central não diz «Creio em algo», e sim «Creio em Ti»”<sup>33</sup>.

### **2.1. A fé como dom – o acontecimento da revelação**

Entre as múltiplas descrições possíveis sobre a fé, pegamos em duas que, a nosso ver, melhor respondem e enquadram o desenvolvimento do tema sob a perspectiva que optámos por seguir e utilizar. Foram retiradas de dois dicionários da especialidade que descrevem a fé relacionando-a com a revelação. Assim, no seu artigo sobre a *Fé*, J. Prades refere que “à iniciativa de Deus que se autocomunica, responde o homem com a

<sup>33</sup> RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, 55.



aceitação da fé. Esta aceitação tem caráter de *resposta*, de aceitação do dom de Deus. O ato de fé vem, como consequência, depois da revelação e aparece como correlativo subjetivo a ela. A revelação de Deus é «para o homem», para a fé à qual se dirige, e da qual, em certa medida, depende. Isto não significa que a revelação se identifique com a fé, nem a sua realidade dependa do sujeito. A revelação é real em si mesma, e só depende do próprio Deus que se revela. Mas para que se tenha conhecimento dela, é necessário que alguém acredite nela.”<sup>34</sup> Por seu lado, Paul de Clerk, refere que “a fé, suscitada pela graça, é um ato de toda a pessoa que expressa adesão a Deus tal e qual Ele se revela e salva. Este ato manifesta-se ao longo de toda a vida do cristão.”<sup>35</sup>

As duas definições apresentadas relacionam a fé com o acontecimento da revelação, imprimindo-lhe, assim, o caráter especificamente cristão, que centra a fé no acreditar numa Pessoa concreta que é Jesus Cristo. É o dom que foi oferecido por Deus Pai à humanidade para que esta possa ter uma resposta ainda mais concreta para Ele, a resposta que é matizada na aceitação e adesão plena à vida, mensagem e ação de Jesus, a Sua última e derradeira revelação.

A revelação de Deus que começa, desde logo, com a própria criação é uma “livre, gratuita e indulgente autocomunicação absoluta de Deus”<sup>36</sup>. Deus quis-se comunicar ao ser humano, criando-o como excesso de Dom, como o extravasar de amor. Deus quis criar o ser humano e quis que ele O conhecesse, chegasse a Ele, se sentisse como capaz dele. Partindo destes pressupostos, a fé pode ser entendida como estando em “correlação

---

<sup>34</sup> PRADES, J., *Fe*, cit. em César IZQUIERDO (Dir.), *Diccionario de Teología*, EUNSA, Navarra, 2ª ed., 2007, 394.

<sup>35</sup> CLERCK, Paul de, *Confesiones de fe*, cit. em Jean-Yves LACOSTE (Ed.), *Diccionario Akal Crítico de Teología*, Ediciones Akal, Madrid, 2007, 285.

<sup>36</sup> RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe – introducción al concepto de cristiano*, Editorial Herder, Barcelona, 1979, 147.



com o preceito da salvação divina, em correlação com a revelação divina, feita por palavras e obras.”<sup>37</sup>

Segundo a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, no número 6, a revelação não constitui apenas comunicação de conteúdos sobre Deus, mas sim autocomunicação e autodoação do próprio Deus trino.<sup>38</sup> Contudo, esta autocomunicação de Deus não quer dizer, apenas nem sobretudo, que Ele diga algo sobre Si mesmo, mas antes que na Sua realidade mais autêntica se faz o constitutivo mais íntimo da pessoa.<sup>39</sup> A revelação (enquanto este processo de autocomunicação e autodoação de Deus) começa no momento da criação e atinge o seu apogeu na encarnação de Jesus Cristo. Esta revelação, culminada e atualizada na força do seu Espírito, é que nos pode dar o suporte e o garante da fé, é que nos pode permitir aceder a este dom. A relação acontece como um diálogo e, como se sabe, dentro do diálogo há um proponente, que é aquele que inicia a conversa, e um recetor, que dá seguimento à conversa. Neste diálogo entre Deus e a humanidade, é Ele que introduz a “conversa”, introdu-la pela revelação que se inicia na criação e se “materializa” em Jesus Cristo. A encarnação de Jesus Cristo mostra-nos a gratuidade da proposta de fé, manifesta-nos o amor desinteressado de Deus pela humanidade.

A fé, enquanto adesão à mensagem da revelação, é adesão pessoal ao próprio Deus, pela qual nos é concedida a participação na sua vida trinitária. Desse modo, a fé assume uma forte dimensão histórico-salvífica e trinitária. Não deixando o ato de fé de ser um ato autenticamente humano, a Trindade, dá uma possibilidade a que a pessoa possa nela

---

<sup>37</sup> TRÜTSCH, Joseph, *Explicação teológica da fé*, in FEINER, J., LOEHRER, M. (Ed), *Mysterium Salutis*, Volume I/4, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, 41.

<sup>38</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Dogmática Dei Verbum*, 6.

<sup>39</sup> Cf. RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe*, 147-148.



encontrar o seu princípio, o seu caminho e o seu fim<sup>40</sup>, aparece também, como princípio, meio e fim do próprio ato de fé.

Segundo Pié-Ninot, este Deus uno e trino que se revela, encontra três formas indissociáveis para o fazer: a revelação como palavra, como encontro e como presença. A revelação como palavra é a própria Palavra de Deus, o Logos que se manifesta e está presente do princípio ao fim da Sagrada Escritura, que vai comunicando a vontade e o sentir de Deus aos e pelos homens. A revelação como encontro alicerça-se na Palavra, já que uma palavra, ao ser dita, pressupõe que haja alguém a escutá-la - caso contrário não teria qualquer sentido ter sido dita. É nesta simbiose entre a palavra que é dita e escutada que se define o encontro entre o emissor e o recetor. É nesse encontro de Deus que fala por vontade própria, como Dom comunicado, com o outro que o escuta e interpela que se pode falar na revelação como encontro. Um encontro que para passar a ser verdadeiramente relacional exige uma reciprocidade e uma intimidade, a intimidade de quem ama e de quem se sente amado. A revelação como presença é o culminar deste Dom que se oferece. É uma presença efetiva, uma presença real. Uma presença que começou a ser preparada ao longo do Antigo Testamento e que atinge o seu culminar com a encarnação de Cristo, a Verdadeira presença. Ele que vai “ficar connosco todos os dias até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20).

Desta forma, a revelação aparece como um Dom que se autocomunica, como palavra, encontro e presença, todas elas interligadas pela alteridade e doação voluntária de Deus aos homens. Não são formas limitativas, mas amplas e englobantes. Estão abertas a todos e servem para todos, é um dom gratuito do próprio Deus que se torna

---

<sup>40</sup> Cf. DUQUE, João, *Homo credens – para uma teologia da fé*, 111.



dependente da liberdade humana para poder frutificar e produzir uma adesão unívoca e inequívoca à fé.<sup>41</sup>

A liberdade humana tem um papel determinante na aceitação da revelação de Deus. Efetivamente, a comunicação de Deus acontece sempre, uma vez Ele não pode não se manifestar correndo o risco de ser uma falta de amor para com aqueles que criou, algo que em Deus não é possível. Ora, se assim é, se Deus se revela, a adesão e aceitação desse Dom depende em grande medida do “sim” ou “não” humano. Por esse motivo a fé torna-se, também, dependente da aceitação ou recusa do ser humano.<sup>42</sup>

A autocomunicação divina significa que Deus se pode comunicar a si mesmo como Ele próprio ao não divino, ou seja, não precisa deixar de ser Deus para se revelar ao não Deus que é o ser humano. Esta autocomunicação de Deus é um dom gratuito que no seu eterno amor, Deus decide dar.

Uma dimensão importantíssima neste Dom gratuito é perceber que aquele que dá é o próprio Dom em si mesmo. Ou seja, Deus dá-se a si mesmo. Ao dar-se a Si mesmo, Deus está a elevar a pessoa humana a um patamar ontológico que lhe permite uma relação afetiva e efetiva com Ele, sem que nenhum perca a sua essência ontológica, está a criar condições que possibilitam, numa segunda fase (visão beatífica), um conhecimento pleno, ilimitado e real.<sup>43</sup>

## **2.2. A fé como opção de liberdade**

A fé é, em primeiro lugar, obra divina e depois obra humana, ainda que este “antes” e “depois” exprima sobretudo uma relação ontológica, não propriamente uma sequência

---

<sup>41</sup> Cf. PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, 252-257.

<sup>42</sup> Cf. RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe – introducción al concepto decristiano*, 150.

<sup>43</sup> Cf. RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe – introducción al concepto decristiano*, 147-156.



estritamente temporal na experiência crente. É a resposta a um movimento, em sentido inverso, que se antecipou ao ser humano. Um movimento que começa com a criação e que culmina na encarnação.

Enquanto obra humana tem a necessidade das razões para crer, os chamados “motivos de credibilidade”. Contudo, tais motivos não conseguem encontrar uma demonstração evidente, já que dessa forma a fé se converteria na conclusão necessária de um processo demonstrativo e não seria, portanto, um ato livre do homem nem sequer dom gratuito de Deus.<sup>44</sup>

Quando falamos em fé nunca podemos colocar em concorrência liberdade humana e graça divina.<sup>45</sup> Elas não podem concorrer entre si, mas antes, complementar-se, caminharem na e para a mesma direção – a salvação integral da pessoa humana. Esta questão da liberdade é algo pressuposto e afirmado como sólida verdade dogmática. Diz o Concílio de Trento, no contexto das interpelações colocadas pela Reforma Protestante: a fé é um ato livre.<sup>46</sup> “A fé cristã radica, de facto, no mais profundo da liberdade do homem. Como resposta ao dom de Deus que chega até nós sob sinais históricos e como capacitação interior, ela enraíza-se naquele núcleo em que cada pessoa é chamada a empenhar e a comprometer a sua liberdade na busca do sentido de vida.”<sup>47</sup>

Todas as ofertas, para o serem de verdade, têm em si, como condição, a possibilidade de aceitação, ou recusa, por parte de quem as recebe. Nesse sentido e sendo a autocomunicação de Deus uma oferta de si mesmo à humanidade, tem também a condição necessária de poder ser recusada por quem é o agente de aceitação, ou seja, a

---

<sup>44</sup> Cf. PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, 192.

<sup>45</sup> Cf. TRÜTSCH, Joseph, *Explicação teológica da fé*, cit. em FEINER, J., LOHRER, M. (Ed), *Mysterium Salutis*, Volume I/4, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, 49.

<sup>46</sup> D.S. 1526.

<sup>47</sup> PINHO, J. E. Borges de, *Viver a fé no mundo de hoje*, in *Communio* 1 (1984), 55.



pessoa humana.<sup>48</sup> É uma possibilidade dada não à Humanidade em geral como um todo, mas antes à Humanidade toda por via de ser ofertada a cada um dos seres humanos que a compõem e que a constituem, sempre como possibilidade de aceitação ou recusa individual. A vontade salvífica de Deus é para todas as pessoas que existiram, que existem e que existirão. Deus não exclui ninguém do seu projeto salvífico. Cada um na sua situação e condições específicas pessoais, nas suas circunstâncias próprias da existência, é que tem a capacidade de se autoexcluir desse mesmo projeto pela aceitação ou recusa do dom de Deus.<sup>49</sup> É uma relação que se estabelece entre Deus e a humanidade. E tal como qualquer relação entre duas pessoas tem de assentar sobretudo no diálogo. Também a relação entre Deus e os homens se pauta e mantém pelo diálogo. E é precisamente nesse diálogo existencial que se alicerça a fé do crente. Este diálogo que tantas vezes ultrapassa as expectativas da própria pessoa humana, transportando-a para um ser com Deus que não cabe apenas na vontade e potencialidades humanas.<sup>50</sup> É a aceitação ou recusa de estabelecer esse diálogo com Deus que nos inclui ou exclui do projeto salvífico de Deus. É uma decisão livre e em liberdade de quem pode, legitimamente, encetar ou não uma conversa.

Deus não age, em circunstância alguma, contra o ser humano. Se isso acontecesse, Deus estaria a negar a essência do que Ele próprio criou e, por conseguinte, entrar em contradição consigo próprio, algo que em Deus não é possível que possa acontecer. Pelo contrário, a liberdade deve ser entendida como a possibilidade de prolongamento por parte da pessoa humana da ação iniciada Deus. O ser humano foi criado para a liberdade, desde o início que a criação lhe foi entregue para que a cultive e, também,

---

<sup>48</sup> Cf. RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe – introducción al concepto decristiano*, 161.

<sup>49</sup> Cf. RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe – introducción al concepto decristiano*, 161-162.

<sup>50</sup> Cf. AMBROSIO, Juan, *A fé como atitude dialógica de vida*, in *Communio* 5 (1995), 426



para que a guarde (Cf. Gn 2, 15), e é essa liberdade natural plasmada no dia-a-dia que se estabelece e que nos remete para a liberdade sobrenatural originária de Deus.<sup>51</sup>

Por último, e em forma de conclusão, importa chamar à atenção para a importância que a liberdade adquire enquanto experiência de garantia na certeza de fé. Só pode haver certeza quando a liberdade foi condição fundamental para se chegar a ela. Ninguém fica plenamente convencido por algo que lhe é imposto. A certeza advém de algo que livremente se aceitou e aderiu. Com a fé é precisamente a mesma coisa, “a fé é certa, porque é livre; é livre porque é certa”<sup>52</sup>.

### **2.3. Dimensões dialógicas da atitude crente e suas consequências**

A fé, como Dom oferecido por Deus que induz a uma resposta do ser humano tem, neste, implicações muito profundas que não podem ser desenraizadas do seu viver cotidiano. Como pode alguém viver algo fora da sua vida? A pessoa humana só assume aquilo que vive. Uma fé que não se traduza na vivência concreta daquele que a professa, que apenas esteja ligada à intelectualidade ou emotividade, que não envolva a totalidade do sujeito em todas as suas dimensões e expressando-se nas suas ações, não é uma fé viva e verdadeira. A fé vive-se “no meio das circunstâncias do mundo, num tempo e espaço concretos, perante as interpelações históricas que envolvem a existência humana individual e coletiva”<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> Cf. HANSOUL, B., *El hombre*, cit. em *Iniciación teológica* vol. I, HENRY, A. M., [et. al.], Herder, Barcelona, 1967, 603

<sup>52</sup> TRÜTSCH, Joseph, *Explicação teológica da fé*, 57.

<sup>53</sup> PINHO, J. E. Borges de, *Fé e compromisso no mundo*, in *Communio* 5 (1995), 438.



A consciência desta questão não exclui, de maneira alguma, a dimensão transcendental tão própria e constitutiva da fé. Apenas alerta as pessoas para uma vivência encarnada dessa mesma fé, o “agora” que prepara o “ainda não” escatológico. Uma fé sem obras é morta para usar uma ideia de São Tiago exposta na sua carta “Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta.” (Tg 2, 17). A pessoa humana só consegue fazer obras na vida concreta, não consegue obrar fora da imanência da sua situação ou no imaterial. Assim, a fé só tem sentido na atuação vivencial da pessoa humana.

Jesus Cristo, na sua encarnação, é a possibilidade de o homem dar uma resposta concreta ao projeto de Deus. Como resposta à proposta do Deus que se revela, o cristão tem necessidade de ouvir a Palavra e guardá-la no seu coração para que produza obras abundantes. A palavra é o meio lógico, decisivo de comunicação humana, é a forma que as pessoas têm para se revelarem umas às outras, para se conhecerem, exporem ideias e ideais, para se aproximar ou afastar do outro. Neste movimento de fala e de escuta a pessoa conhece e é conhecida.<sup>54</sup> Desta importância da palavra e do seu uso, advém toda a importância que a palavra adquire na Revelação. Toda a revelação de Deus tem de ser traduzida em palavra. Caso contrário, a pessoa humana nunca a poderá compreender, aceitar e assumir, muito menos lhe poderá responder de forma total pela vivência concreta dessa mesma fé. É este movimento dialógico de proposta-resposta que caracteriza a fé proposta por Deus e aceite ou rejeitada pela pessoa. Deus quer que a pessoa assuma uma importância fundamental em todo este processo, e a verdade é que isso acontece, pois a resposta da pessoa humana sempre foi fundamental para Deus se ir desvelando. “A resposta do homem surge, assim, como elemento co-constitutivo da própria revelação, e o crente torna-se um participante ativo nessa mesma revelação, de

---

<sup>54</sup> Cf. AMBROSIO, Juan, *A fé como atitude dialógica de vida*, 424.



tal modo que se pode mesmo dizer que Deus se revela ao homem através do próprio homem.”<sup>55</sup>

A revelação de Deus tem em Jesus Cristo o seu culminar, ele é o dom por excelência que Deus dá à humanidade e o elevar humano a um patamar diferente daquele em que se encontrava. A encarnação de Cristo veio lembrar a importância que a vida tem e a forma como a fé deve influenciar a vivência das pessoas. “Acolher ativamente a palavra de Deus é, acima de tudo, acolher Jesus Cristo, Palavra plena do Pai, num íntimo diálogo de vida. Como acolhimento ativo da palavra, a fé expressa-se por esta relação existencial com a pessoa de Jesus Cristo.”<sup>56</sup>

Uma relação que é de tal forma existencial que não comporta em si qualquer tipo de seleção. Uma relação que não se permite excluir partes da vida em que não se viva e não se pratiquem todas as implicações inerentes a ela.

Através da adesão incondicional a Jesus Cristo, o cristão passa “a ser em Cristo, e em Cristo assume a totalidade da sua existência numa intimidade dialogal com o Pai”<sup>57</sup>, aquilo a que podemos chamar opção fundamental de vida que irá comandar todas as atitudes e todas as decisões que a pessoa vai tomar, nada exclui.

Tal como Jesus, o cristão é chamado a intervir ativamente no mundo que o rodeia, a viver a sua fé em comunidade. A dimensão comunitária da fé é algo que a constitui, fundamenta e alimenta. A relação com o mundo é, portanto, algo que alimenta constantemente a fé, por ela se manifesta a universalidade da salvação de Deus. O mundo, não é, por isso, apenas um sítio onde os cristãos vivem, mas é um lugar necessário à vivência e configuração da fé.<sup>58</sup>

<sup>55</sup> AMBROSIO, Juan, *A fé como atitude dialógica de vida*, 425

<sup>56</sup> AMBROSIO, Juan, *A fé como atitude dialógica de vida*, 425

<sup>57</sup> AMBROSIO, Juan, *A fé como atitude dialógica de vida*, 427

<sup>58</sup> Cf. PINHO, J. E. Borges de, *Fé e compromisso no mundo*, 438-439.



### **3. A fé como atitude global e opção de vida**

A fé cristã também se caracteriza por ser uma adesão incondicional a uma Pessoa concreta na história da Humanidade, essa Pessoa é Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem. Mas esta adesão comporta em si mesma, uma série de fatores e condicionantes que aferem a incondicionalidade da mesma. Mais do que se pautar por profissão verbal de verdades de fé aprendidas e repetidas, pauta-se por uma atitude de vida que engloba toda a pessoa. É uma opção que, por tão radical, se apelida mesmo de fundamental. Mas uma opção destas acontecerá tanto mais facilmente quanto mais forte e impactante for o encontro da pessoa com Jesus Cristo. A dimensão de encontro adquire neste contexto uma importância muito grande, pois só uma experiência vivida e sentida de, e com, Cristo pode efetivamente transformar o mais íntimo da pessoa humana levando-a à conversão do seu bem mais precioso, o coração.

#### **3.1. A liberdade da fé como interpelação ao ser humano**

A fé cristã é uma fé concreta e objetiva: concreta porque passa pela adesão a uma pessoa, objetiva porque essa pessoa tem um nome que é Jesus Cristo e uma mensagem de amor de Deus pela humanidade. Como objetiva que é, a fé cristã não se pode definir de forma abstrata, por isso, ela tem motivos de credibilidade concretos e objetivos: concretos na medida em que passa pela vida real dos homens e mulheres que a professam, objetivos porque é capaz de alterar essas vidas, de lhes imprimir uma performatividade, de ser a base nas opções fundamentais de cada um.

Apesar destas características, a fé cristã não se impõe por si mesma à pessoa humana, ela é um Dom dado por Deus que suscita a resposta livre da pessoa. É Deus que vindo



ao encontro da pessoa a chama a participar nesse encontro de livre e espontânea vontade, convicto de que esse encontro pode mudar, de facto e realmente, a sua vida.

Importa recuperar, neste contexto, o pensamento de Juan Martin Velasco em relação à dimensão de encontro entre a pessoa humana e o Mistério que Deus é. Assim, J. M. Velasco defende que, apesar das diferenças ontológicas existentes entre Deus e a pessoa humana, o encontro pode acontecer com uma intensidade de tal maneira forte que é capaz de provocar uma profunda alteração na vida concreta da pessoa humana, sem que isso comprometa de forma alguma a transcendência absoluta de Deus.

Recuperando a categoria do encontro humano que, ao acontecer, altera de forma existencial a vida das pessoas que se encontram. Pela partilha, doação e abertura ao outro e do que o outro tem para dar, os sujeitos não permanecem como antes do encontro. No entanto, para que essa alteração aconteça, de facto, é imprescindível a liberdade dos sujeitos que se encontram, é necessário que ambos se queiram encontrar ou que estejam disponíveis, abertos a um possível encontro do outro e com o outro. Esses encontros podem igualmente ser fortuitos ou programados, acontecer por acaso ou pré-determinados, ter uma dimensão de imprevisibilidade ou serem calculados e esquematizados, acontecerem naturalmente ou serem providenciados por terceiros. J. M. Velasco defende que também o encontro da pessoa humana com a pessoa de Jesus Cristo, o Deus feito Homem para a humanidade, encerra em si estas dimensões e possibilidades. Este encontro cria na pessoa humana a consciência de ter sido “alvo” da graça de Deus pela doação de uma vida nova, capaz de responder aos seus mais profundos anseios e de lhe possibilitar a sua derradeira salvação. Este encontro tem a capacidade de alterar profundamente a vida da pessoa humana, transferindo o seu eixo para Jesus, capacitando o crente de uma confiança e liberdade interior que o abarcam



por completo, o libertam até ao mais profundo de si mesmo, refletindo-se isso na sua vida concreta do dia-dia.<sup>59</sup>

Apesar de este encontro que se dá entre a pessoa humana e Jesus Cristo, Mistério de Deus, ser algo real e profundamente humano, pela diferença ontológica existente entre os dois<sup>60</sup> o ser humano não tem possibilidade de dominar ou possuir totalmente a transcendência. Essa diferença ontológica impede que o encontro que se dá entre Jesus Cristo e a pessoa humana seja totalmente igual ao encontro que se dá entre duas pessoas humanas, a diferença de essência implica uma diferença de encontro e uma diferença de significação na vida da própria pessoa. É precisamente por via dessa diferença ontológica que a fé aparece como uma interpelação ao ser humano, uma vez que o convida a descentrar-se de si e das suas realidades para se centrar na transcendência por via afetiva e racional, mas sempre com a certeza de não a poder captar totalmente. É uma interpelação de Deus que não pede apenas parte da pessoa humana, ou algumas das suas dimensões, mas que interpela a totalidade, aquilo que de mais valioso a pessoa tem, que lhe pede o coração.

Mesmo tendo em conta a dimensão performativa da fé, aquele que tem e vive todas as dimensões inerentes a ela não é automaticamente transformado em alguém diferente, superior àquele que não tem ou não adere. As transforações resultantes desta adesão vêm-se e situam-se na atitude global na e face à vida vivida no dia-dia. A fé deve trazer a quem a professa uma certeza sobre o sentido profundo da sua vida e a capacidade de aceitação do mundo e das realidades mais serena e mais pacificada, uma atitude de vida capaz de interpelar o outro que não tem fé e de lhe transmitir essa mesma serenidade e paz. A fé não faz da pessoa que a vive alguém superior àquele que não a vive, não faz

---

<sup>59</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan, *El Encuentro com Dios – una intepretación personalista de la religión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1976, 19-59

<sup>60</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan, *Introducción a la fenomenología de la religión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1978, 142



com que crente tenha uma vida melhor em termos imediatamente perceptíveis do que o não crente, faz antes com que a vida da pessoa com fé tenha um sabor e um horizonte diferentes daquela que não tem fé, que se há de refletir, se a pessoa crente é fiel, em muitas dimensões e circunstâncias da vida. Partindo desta perspectiva a vida daqueles que têm fé, que aderiram e se encontraram, de facto com Jesus Cristo, devia ser caracterizada como a vida da liberdade. Escreveu Karl Rahner: “Liberdade é, em última instância, a abertura à aceitação de tudo sem exceção: a abertura à verdade absoluta, ao amor absoluto, à absoluta falta de limites da vida humana no imediatismo do que chamamos de Deus.”<sup>61</sup>

Ora a fé situa-se assim num horizonte humano de implicação concreta de vida que exclui, em si mesma, a possibilidade de ser considerada algo de abstrato, como muitas vezes corre o risco de ser. “A fé cristã radica, de facto, no mais profundo da liberdade do homem. Como resposta ao dom de Deus que chega até nós sob sinais históricos e como capacitação interior, ela enraíza-se naquele núcleo em que cada pessoa é chamada a empenhar e a comprometer a sua liberdade na busca de sentido da vida”<sup>62</sup>. É uma interpelação feita por Deus aos homens e mulheres em busca de uma resposta que tem de ser dada em liberdade. A liberdade que caracteriza este encontro de Cristo com a humanidade possibilitará à pessoa humana uma resposta dada com a veemência possível a todas as dúvidas e inquietações que a assolam ao longo da vida. Ao descentrar-se de si mesma, a pessoa humana, está a colocar toda a sua confiança em Deus, envolvendo-O, assim, no seu caminhar histórico de vida, com as suas dúvidas, os seus problemas, as suas alegrias e conquistas. É esta opção que, por ser fundamental, se vai renovando dia após dia na vivência concreta do crente e que lhe vai dando e confirmando as “razões”

---

<sup>61</sup> RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe – introducción al concepto de cristismo*, 464

<sup>62</sup> PINHO, J. Borges de, *Viver a fé no mundo de hoje*, in *Communio* 1 (1984), 55



da sua fé. Esta consonância e complementaridade implicam, necessariamente, que não haja sobreposições de vontades quer de Deus para com a pessoa humana quer da pessoa humana para com Deus. Existe, no caminho percorrido na adesão e no processo de maturação da fé, uma libertação da própria pessoa que acontece pelo encontro consigo mesma e na relação com os outros. É este caminho que conduz a uma existência empenhada na construção de uma sociedade mais justa, mais verdadeira, mais fraterna<sup>63</sup>, em última instância, uma procura empenhada da construção do Reino de Deus no mundo em que está inserido.

### **3.2. Condições existenciais de adesão e responsabilidade crentes**

A adesão à fé cristã implica uma entrega total da pessoa, pelo descentrar-se de si própria para se focar em Deus. Nessa atitude, a pessoa está também a despojar-se de si mesma, deixando de ocupar o primeiro lugar e procurando dar essa primazia a Deus. Esta é a condicionante mais exigente que a fé provoca na pessoa humana. Não é um passo que se defina como simples, nem pode ser tomado de forma leviana sem plena consciência do que se está a fazer. A verdadeira fé não é aquela que simplesmente se aprende ou se herda, é aquela que, para além dessas duas dimensões, comporta em si mesma a dimensão da experiência vivenciada do encontro real com o Deus que se fez homem, Jesus Cristo e, que através do seu Espírito, deixou essa possibilidade de encontro para todos aqueles que desejem verdadeira e ardentemente encontrar-se com Ele.

---

<sup>63</sup> Cf. PINHO, J. Borges de, *Religião e maturidade da fé*, in *Communio* 1 (1987), 13



Esta condicionante imputa, naturalmente, à pessoa crente uma enorme responsabilidade que se pauta por uma vivência total em cada momento do seu existir da ação impressa pela dimensão crente, pelo processo gradual que cada pessoa faz para essa verdadeira vivência de fé. Como diz Joseph Ratzinger na sua *Introdução ao Cristianismo*: “A fé nunca foi simplesmente uma atitude que descesse de forma automática até ao desnível da existência humana; ela foi sempre uma decisão que envolve toda a profundidade da existência, exigindo sempre uma viragem do ser humano condicionada por uma decisão”<sup>64</sup>. É esta opção que, por ser tão profunda e englobante da vida da pessoa, é chamada de fundamental. Contudo, esta opção fundamental não existe apenas e em exclusivo para a própria pessoa que a assume. Ela só é possível em compromisso com outras pessoas seguindo os mandamentos de Jesus Cristo. Ele que se manifestou como sendo o amor total comprometido com a humanidade, não deveria ser alvo de um amor que esteja abaixo do auto-comprometimento total com Ele e, por Ele, com o Pai e com os seus irmãos e irmãs.<sup>65</sup>

Esta fé, que implica um auto-comprometimento total da pessoa humana com Jesus Cristo, transfigura de tal forma a vida da pessoa que a professa que esta não pode calar aquilo que vive e aquilo que sente. A fé deixa, assim, de estar reservada ao ato privado da vida pessoal de cada um para assumir um lugar de destaque em toda a vida social que a pessoa realiza. A fé deixa de ser uma fé que só fala para o interior da pessoa para passar a ser uma fé que se vira para o exterior da própria pessoa, passando desta forma a ser uma fé professada. A radical conversão inerente à adesão à fé leva a pessoa humana a gradualmente deixar o seu coração ser ocupado pelo Espírito de Deus fazendo com que esse coração passe a realizar-se não no domínio ou posse, mas na autodoação e na

---

<sup>64</sup> RATZINGER, Joseph, *Introdução ao cristianismo*, 36.

<sup>65</sup> Cf. FERREIRA, C. Faustino, *Fé, consciência e moral*, in *Communio* 4 (1984), 389-390.



entrega. Esta entrega transforma a vida do crente em manifestação desse novo epicentro, fazendo com que daí parta para o mundo com novas prioridades e com uma nova entrega. O centro da pessoa humana deixa de ser ela própria e passa a ser o outro que está ao seu lado, seja ele quem for. Mas esta alteração, com implicações tão profundas para a pessoa que a assume, só tem lugar após uma verdadeira experiência de Deus. Só um encontro, uma experiência pessoal de Deus tem a força suficiente para que esta mudança se dê e para que ela perdure no tempo, adquirindo mais força a cada dia que passa e a cada obstáculo que enfrenta. Sem este encontro e experiência a fé fica reduzida a um conjunto de ensinamentos e normas que não subsistem perante as adversidades mais avassaladoras, pois não são suficientemente fortes para converterem o coração, ficando-se apenas por uma alteração epidérmica.

Este arrebatamento com que a pessoa é transformada é de tal forma intenso que a fé assumida não pode ser calada ou camuflada. Ao absorver a totalidade da pessoa, a fé “serve-se” de todos os elementos constitutivos da pessoa para se expressar ao mundo e aos outros. A fé não ocupa um lugar de suposta profundidade que a impeça de extrapolar para o exterior, ficando remetida a uma passividade que não faz parte da sua essência. Desde a oração confiante em que se expõe toda a confiança em Deus e preocupação com o mundo até à dimensão testemunhal no desempenho das ações do dia-dia, a fé tem de ser mais do que ativa, pró-ativa. A adesão à fé implica uma permanência no mundo sem pertencer ao mundo, implica uma entrega desinteressada ao outro sem retirar Deus do centro do coração e da vida.<sup>66</sup>

Esta identificação plena entre o mais íntimo que habita o coração da pessoa crente e as suas ações atribui um grau de verdade à vida e ao testemunho da própria pessoa que é capaz de transformar e inquietar o outro com quem ela se cruza ou encontra. Só quando

---

<sup>66</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan, *Increencia y evangelización*, 126-142.



esta verdade abrange a totalidade da pessoa testemunhante ela pode ser plenamente aceite como digna de fé pela pessoa que testemunha. A este propósito, H. Urs von Balthazar, estabelece o paralelismo entre o testemunho verdadeiramente credível da fé e o amor, assim: “Que tu me amas, podes, de facto, dizê-lo, reiterá-lo, atestá-lo, talvez até fazê-lo parecer como plausível mediante ações isoladas; com isto consegue-se apenas uma grande, talvez muito grande probabilidade. Mas esse comprometimento da inteira pessoa numa fidelidade provada acrescenta à fé a qualidade de certeza objetiva, sem que por isso esta certeza se transforme em ciência, porque eu não posso nunca transformar a liberdade de quem me ama num objeto possuído. [...] num último sentido, sem motivo para dúvidas, só amor é digno de crédito.”<sup>67</sup> É nesta entrega plena e incondicional que se pode compreender o profundo impacto e as inúmeras conversões suscitadas pelos grandes santos da Igreja, como são, apenas para citar dois exemplos contemporâneos: Madre Teresa de Calcutá e Dom Óscar Romero.

O Concílio Ecuménico Vaticano II, no decreto *Ad Gentes* número 11, defende que “para poderem dar frutuosamente [o] testemunho de Cristo, unam-se a esses homens com estima e caridade, considerem-se a si mesmos como membros dos agrupamentos humanos em que vivem, e participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas; façam assomar à luz, com alegria e respeito, as sementes do Verbo neles adormecidas; mas atendam, ao mesmo tempo, à transformação profunda que se opera entre os povos e trabalhem por que os homens do nosso tempo não deem tanta importância à ciência e tecnologia do mundo moderno que se alheiem das coisas divinas, mas, antes pelo contrário, despertem para um desejo mais profundo da verdade e da caridade reveladas por Deus. Assim como o próprio Cristo perscrutou o coração

---

<sup>67</sup> BALTHAZAR, H. U. von, *Testemunho*, in *Communio* 2 (1988), 168.



dos homens e por meio da sua conversação verdadeiramente humana os conduziu à luz divina, assim os seus discípulos, profundamente imbuídos do Espírito de Cristo, tomem conhecimento dos homens no meio dos quais vivem, e conversem com eles, para que, através dum diálogo sincero e paciente, eles aprendam as riquezas que Deus liberalmente outorgou aos povos; mas esforcem-se também por iluminar estas riquezas com a luz evangélica, por libertá-las e restituí-las ao domínio de Deus Salvador.”

### **3.3. A educação da fé como desafio a uma maturação humana: as razões do “crer” e a capacidade de “querer”**

A maturação humana é um processo longo e exigente, na prática, nunca acabado. Não há uma fórmula linear que seja transversal a todas as pessoas, não existe uma idade para ser atingida, não se conhece uma receita para ser alcançada. Depende da evolução pessoal e social de cada sujeito, contribuindo para isso a família, a comunidade em que está inserido, a história de vida com as suas interpelações e os desafios, a aprendizagem que se faz, entre tantos outros fatores. Entre estes fatores existe um que era importante ser destacado pela sua importância no presente e na preparação do futuro, fala-se da questão da educação da fé como forma de contribuir para essa mesma maturação, mas fala-se também dos desafios que são colocados a essa educação pela não linearidade da maturação humana.

Pela dimensão de liberdade definitiva da própria fé, esta nunca pode ser imposta senão proposta, e pelo caráter volátil da maturidade humana esta tem de ser educada de forma personalizada a cada pessoa concreta. Este é um enorme desafio que se apresenta à educação da fé: conseguir que ela seja personalizada e direcionada a cada pessoa que



visa educar, tendo em conta as suas necessidades e desejos, os seus patamares e anseios, sem, no entanto, deixar cair os seus “conteúdos” fundamentais.

A dimensão do encontro, da experiência de Deus e do testemunho são fundamentais para a adesão e o desenvolvimento da fé, mas essa adesão não se esgota nestas três dimensões, existe ainda a dimensão da razão, ou seja, a pessoa só pode acreditar se, na uso da sua razão, lhe parecer seguro ou plausível o que se acredita. O processo de maturação não só da pessoa humana em concreto, mas da humanidade em geral, fez com que a razão adquirisse uma importância extrema naquilo que define as ações e opções da pessoa. Nesse sentido, se a fé pretende estar presente no processo de maturação da pessoa, tem, inevitavelmente, de dar “razões” de credibilidade de si mesma, passíveis de serem compreendidas pela pessoa humana. É nesta complementaridade entre fé que procura a sua legitimidade intelectual e fé vivenciada que uma proposta englobante de fé deve ser feita.

Pode, no entanto, acontecer que, mesmo seguindo corretamente todos os passos nesta proposta de fé, ela não seja aceite e não se verifique uma adesão por parte do outro que a recebe. Ou seja, não existe um método que seja por si mesmo uma condição *sine qua non* para se verificar uma adesão inequívoca do outro à fé que lhe é proposta. Mesmo com a ação do Espírito no coração das pessoas, a adesão está sempre condicionada pela vontade e pela capacidade de verdadeiramente aceitar a proposta. E neste momento é importante discernir duas situações bastante distintas entre si: a daqueles que apesar de uma procura séria, honesta, feita em verdade e com verdade não conseguem dar o passo da vivência da fé, ou seja, que pelos mais diversos motivos não consegue aderir à fé com todas as implicações inerentes, e aqueles que não estão na disposição de procurar



ou simplesmente se recusam a aceitar uma adesão à fé. Entre estes dois grupos de pessoas existe uma grande diferença, é a diferença do querer!

É precisamente partindo daqueles que querem muito aderir à fé, que perscrutam o mais íntimo do seu coração, que calcorreiam as páginas da Sagrada Escritura, que refletem nos testemunhos de tantos irmãos, que aprofundam os escritos dos teólogos, mas que mesmo assim não são capazes de aderir à fé que se concluirá este ponto.

Seria bom ficar bem claro que, depois de percorrido o caminho da forma mais correta e séria exequíveis, se afigura ainda a possibilidade da não adesão á fé. Não tendo a ver com questões de maturidade, de verdade, de disponibilidade interior, mas com questões insondáveis, muitos são aqueles que vivem na amargura de não conseguir dar este último passo<sup>68</sup>. Não são pessoas inferiores ou limitadas, essas, bem pelo contrário, são

---

<sup>68</sup> Gostaria a este propósito de evocar um dos grandes poetas portugueses, Miguel Torga. A sua constante procura, o seu mais íntimo e profundo desejo de encontrar Deus e de dar este passo que conduziria à adesão plena da fé, ocuparam grande parte da sua vida. A sua profunda revolta interior e aspereza face à vida resultaram em grande medida da não consecução desse desejo. Como exemplo, deixaria o poema presente no seu livro *Câmara Ardente*, intitulado *Desfecho*. Nele, Miguel Torga aborda precisamente esta ânsia de encontrar de Deus, de o ter procurado em toda a parte, mas não ter sido capaz de o encontrar:

Não tenho mais palavras  
Gastei-as a negar-te...  
(Só a negar-te eu pude combater  
O terror de te ver  
Em toda parte,)

Fosse qual fosse o chão da caminhada,  
Era certa a meu lado  
A divina presença impertinente  
Do teu vulto calado  
E paciente...

E lutei, como luta um solitário  
Quando alguém lhe perturba a solidão,  
Fechado num ouriço de recusas,  
Soltei a voz, arma que tu não usas,  
Sempre silencioso na agressão.

Mas o tempo moeu na sua mó  
O joio amargo que te dizia...  
Agora, somos dois obstinados,  
Mudos e malogrados,  
Que apenas vão a par na teimosia.



peessoas admiráveis e que em muito se assemelham àquelas que, tendo fé, não se resignam e conformam com o que têm, mas continuam a busca incessante por mais conhecimento, por mais proximidade, por mais ferramentas que lhes possibilitem melhor viver a sua fé. “Se há uma diferença a assinalar, então não será tanto a diferença entre crentes e não crentes, mas entre os que pensam e os que não pensam, entre homens e mulheres que têm a coragem de procurar incessantemente Deus e homens e mulheres que renunciaram à luta, que se contentaram com o horizonte penúltimo e já não sabem suscitar em si mesmos o anseio ao pensamento da última pátria. Qualquer gesto, mesmo o mais difícil, seria digno de ser vivido se acendesse em nós o desejo da verdadeira pátria e a coragem de tender para ela, até ao fim, para além do fim, sobre a estrada do Deus Vivo.”<sup>69</sup>

O encontro entre Jesus Cristo e a pessoa humana é envolto num Mistério, conduzido pelo Espírito que é totalmente insondável para as pessoas. Cabe a Deus, na sua infinita omnisciência, perceber o grau de identificação do coração de cada um com Jesus Cristo e o lugar que Este verdadeiramente ocupa nos seus corações.

---

<sup>69</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Carta aos que procuram Deus*, Ed. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Moscavide, 2010, 21



### **3ª PARTE**

#### **1. Proposta de itinerário para a nova Unidade Letiva**

A reflexão teológica que sustenta a elaboração da nova unidade letiva corrobora que a dimensão da fé se encontra intimamente ligada à procura do sentido da vida e que pode, em muitas circunstâncias, ser mesmo a resposta a essa procura. A elaboração da unidade letiva proposta procurou apresentar um itinerário que, indo ao encontro das motivações dos jovens adolescentes, não se apresentasse demasiado descentrada daquela que é a essência da fé, a relação com o Transcendente.

Esta unidade letiva a ser trabalhada no nono ano de escolaridade terá como alunos os jovens adolescentes, esse grupo de características tão específicas e de tão grande desafio. Antes de explicarmos toda a orgânica da nova unidade letiva, convém termos em conta alguns aspetos deste grupo etário. Segundo José Machado Pais as culturas juvenis “aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar. Esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase da vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude) quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista).”<sup>70</sup>

Vemos nesta afirmação do autor que a noção de juventude é bastante volátil, pouco uniforme e de caráter muito diverso. Temos vindo a assistir, nesta juventude, a uma gradual (mas rápida) quebra de transmissão cultural e religiosa de pais para filhos.

---

<sup>70</sup> PAIS, J. M., *Culturas juvenis*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1993, pág. 23



Queremos com isto referir que cada vez mais as ideias culturais, ideológicas e religiosas dos pais têm menos impacto e determinam menos a vida e as escolhas dos jovens hodiernos. Nesta mudança de paradigma, observou-se também uma mudança estrutural. O surgimento de um grupo dentro dos jovens, um grupo que tem bastante força e que marca uma transição essencial na maneira de viver, nas convicções pessoais, nos projetos e anseios, que cada um tem e terá no futuro, é o grupo dos *Adolescentes*. Consideramos a adolescência como o período mais importante para a assunção da questão religiosa. Os adolescentes definem-se sobretudo pela sua cultura grupal e pelo peso e importância que o outro, o grupo e a aceitação da própria pessoa pelo outro e pelo grupo têm na sua vida e conduta. Nos últimos anos – como nos diz Cristina de Sá Carvalho – os adolescentes tornaram-se produtores de cultura e são, cada vez mais, um grupo social autónomo.<sup>71</sup>

Não podemos duvidar que cada vez mais estamos numa sociedade *juvenilizada*<sup>72</sup> no sentido de percebermos cada vez com mais clareza a substituição dos adultos (pais, professores, ...) no processo evolutivo/formativo dos adolescentes pelos seus próprios pares. Aquelas funções que até aqui estavam confiadas à dedicação e responsabilidade dos adultos têm sido negligenciadas por todas as novas condicionantes destes (trabalho, ocupações, afazeres, necessidades, ...). Os seus lugares não poderiam ficar vazios, uma vez que os adolescentes e jovens procuram referenciais que possam servir de modelo para as suas condutas. Pela primeira vez na história assistimos a uma inversão radical de perspectiva na construção e transmissão da cultura.<sup>73</sup> Essa missão passou para os pares e isso faz com que também estes tenham pouco de novo para dar. Esta questão leva a que

---

<sup>71</sup> Cf. CARVALHO, C. S., *Uma certa fé – como creem os adolescentes*, Pastoral Catequética 21/22 (2011/2012), 169

<sup>72</sup> CARVALHO, C. S., *Uma certa fé*, 172

<sup>73</sup> CARVALHO, C. S., *Uma certa fé*, 172



os adolescentes e jovens acabem por ir criando a sua própria cultura, as suas próprias convicções à medida que vão crescendo, adotando por isso, não poucas vezes, posturas de desafio da autoridade (porque acaba por não ser reconhecida) por forma a conquistar a sua própria liberdade. Como diz Cristina Sá Carvalho “entender a cultura adolescente é relevante para mapear as suas crenças uma vez que esta primeira inspira e limita as escolhas dos indivíduos”<sup>74</sup>, revelando-se igualmente fundamental quando falamos na proposta de uma fé ou de proposta de sentido da vida, já que são essas estruturas cognitivas e de desenvolvimento psíquico-afetivo que determinam a aceitação ou não da proposta.

A religião situa-se numa das áreas fronteira que servem para o adolescente e o jovem mostrar a sua independência e liberdade face aos estereótipos e àquilo que é a tradição e a sugestão dos mais velhos. É, portanto, uma área muito importante e de grande utilidade para adolescentes e jovens. Assim que essas posturas mais radicais de negação e de ausência de qualquer tipo de religião devem ser relativizadas e enquadradas no momento concreto da vida deles. Mas desvalorizar não quer dizer negligenciar ou esquecer a questão, quer antes dizer que tem de ser encarado como um processo natural que faz parte do crescimento da pessoa e que por isso, tal como todos os outros, deve ser acompanhado e aceite sem nunca se deixar de apontar o caminho que consideramos certo. Tendemos muitas vezes a utilizar a palavra “crise” para definir a adolescência. Dizemos que os jovens estão a atravessar uma crise de fé, uma crise de identidade, entre outras crises. Mas, mais do que “crise”, talvez devesse falar-se de “crítica” ou de “revisão e atitude crítica” frente às teorias e práticas religiosas da infância. Ou ainda da

---

<sup>74</sup> CARVALHO, C. S., *Uma certa fé*, 173



“conversão” de uma religiosidade infantil e de certo modo inconsciente e objetiva a uma religiosidade mais consciente e subjetiva (personalizada).<sup>75</sup>

A adolescência é a fase da mudança por excelência. O adolescente percebe, ao chegar a essa fase, que nada será como era até ali. E essas mudanças acontecem no âmbito cognitivo e educacional, com o desenvolvimento exponencial da capacidade de raciocinar. A capacidade de elaboração de um sistema de valores próprio e a alteração da relação com a cultura até aí essencialmente herdada e assimilada de forma passiva. No âmbito emocional e social os jovens começam a ter consciência de si mesmos, daquilo que valem, da vocação, do que desejam fazer no futuro, adquirem consciência da autoestima e sua importância. Tudo isso se refletirá na forma como interagirão com os seus pares, na forma como desempenharão um papel na sociedade, definir-se-ão os grupos a que pertencerão e aqueles de que não farão parte. No âmbito moral, os adolescentes dão mais valor e importância a virtudes sociais como o ser amigo, educado, cooperativo. Nesta fase procura-se responder positivamente às expectativas que os outros têm para ele, por forma a não os desiludir. Deixam de viver uma moralidade heterónoma ascendente (de acordo com os padrões de outros geralmente provindas de gerações mais velhas que a própria) para passar a viver uma moralidade heterónoma horizontal (de acordo com os pares da mesma geração). É nesta fase que acontece a aprendizagem do bem e do mal, do justo e do injusto, sempre em vista ao bom funcionamento do grupo. No âmbito fisiológico e sexual, com o desenvolvimento e explosão hormonal, os adolescentes vêm o seu corpo a mudar de forma abrupta, causando-lhe insegurança e desconforto. Com o desenvolvimento dos órgãos sexuais

---

<sup>75</sup> Cf. OLIVEIRA, J. B., *Psicologia da Religião*, Livraria Almedina, Coimbra, 2000, pág. 114.



definem-se também as normas de conduta sexuais que irão acentuar-se na idade adulta.<sup>76</sup>

Pelo desenvolvimento cognitivo, os adolescentes, tendem a viver a religião de uma forma mais subjetiva, a construir a sua religião na base de motivações mais pessoais, recusando ideias e motivações infantis e entrando muitas vezes em conflito com os pais, os catequistas e em geral os representantes da Igreja instituída. Daí relativizarem tudo e todos, em confronto com o pluralismo cultural e o seu pragmatismo. As consequências desta crise ou revisão das suas posições religiosas podem, através de dúvidas naturais, levar a um aprofundamento da fé ou então ao ceticismo e indiferença. Como consequência pode surgir o abandono da prática religiosa, dependendo muito das pessoas representativas que possam, ou não, apoiar o adolescente nesta “travessia do deserto”. Pelo desenvolvimento emocional, sabendo nós do turbilhão de emoções que assolam o adolescente e de como são elas as suas grandes motivações, a vivência religiosa vai depender em grande parte da ligação emocional e afetiva que conseguir alcançar, com a religião. Pelo desenvolvimento moral, a posição dos adolescentes pode igualmente situar-se em dois polos, ou seja, na aceitação ou recusa da religião. Isto acontece porque o entendimento do adolescente acerca das sugestões morais da religião pode ser de obrigação (criando assim a necessidade de se libertar, abandonar a religião conquistando a sua independência) ou pode ser visto como uma forma de contribuição para a formação da sua personalidade e de fazer dele uma melhor pessoa (que leva a uma adesão e reconhecimento da religião). Pelo desenvolvimento social, o fator grupo é o mais importante e significativo na vida do adolescente e a religião oferece-lhe por um lado o local ideal para desenvolver esse sentimento de pertença a um grupo, pois é

---

<sup>76</sup> Cf. CARVALHO, C. S., *Uma certa fé*, 191-209



vivida em comunidade, mas por outro lado pode fazer com que o jovem se afaste por sentir que as práticas religiosas são demasiado infantilizadas não o deixando afirmar-se.<sup>77</sup>

Perante estes dados, considerámos que as duas unidades letivas propostas pelo programa de EMRC não respondiam, de forma adequada, às necessidades dos jovens adolescentes. Nesse sentido, e após uma cuidada análise, resolvemos criar uma nova unidade letiva que, indo ao encontro das características dos jovens desta faixa etária, não desprezasse os conteúdos, objetivos e competências contidos nas duas unidades letivas que lhe deram origem.

A nova UL tem como base a Unidade Letiva 2 do programa do 9º ano de escolaridade, intitulada: “Deus, o grande mistério” e a Unidade Letiva 4 intitulada: “Projeto de vida”. Com a junção das duas UL surge uma nova, congregando e excluindo conteúdo das duas que lhe deram origem, intitulada: “O que queremos e em que cremos?”.

O primeiro ponto a destacar deste título da nova UL é a base antropológica de que se parte, ou seja, a temática da UL 4 surge como a base de desenvolvimento da temática da UL2 (embora na planificação essa ordem não seja estanque). Com isto quisemos realçar a dimensão antropológica no processo de descoberta de fé e de relação com o Transcendente. O confiar humano como base para a confiança na transcendência, como base para a “grande confiança” que se procura. O segundo ponto a destacar neste título é o sentido interrogativo, plasmado na utilização do ponto de interrogação final, com que esta unidade é apresentada. Esta não é uma questão de somenos importância, é, antes, uma dimensão definitiva do próprio percurso elaborado. Toda a Unidade Letiva

---

<sup>77</sup> Cf. OLIVEIRA, J. B., *Psicologia da Religião*, 113-118



pretende ser uma grande interrogação dirigida ao aluno e feita a pensar na estimulação da vontade e do desejo de uma resposta interior dada por ele.

O exercício levado a cabo na elaboração desta UL tem como finalidade pedagógica criar um itinerário atrativo ao aluno, capaz de estimular a sua curiosidade, prender a sua atenção, exercitar o seu pensamento sobre si próprio, o outro e o Transcendente.

Pedagogicamente destaca-se a complementaridade e harmonização que estas duas unidades letivas nos possibilitam realizar. Sem se sentir a necessidade de alterações estruturais profundas (com a entrada de novas temáticas, por exemplo), o nosso trabalho passou sobretudo por uma seleção e distribuição dos temas que nos pareceram mais profícuos e passíveis de serem trabalhados.

Ao fundirmos estes dois temas estamos a procurar levar os alunos a um questionamento interior, em direção a um caminho por eles realizado com novas chaves de leitura da realidade. Existiu, também, a preocupação de resgatar um tema que pela sua formulação se encontrava demasiado distante do quotidiano dos alunos nesta faixa etária (Adolescência), a UL2 e de outro tema que pela altura em que é abordado (9º ano) já é suficiente e exponencialmente trabalhado quer noutras disciplinas quer noutras circunstâncias (orientações vocacionais, etc). Esta junção procura dar um novo tratamento a estas duas unidades letivas tornando-as por um lado mais atrativas e por outro introduzindo-lhe um caráter de novidade, de algo sobre o qual os alunos pouco haviam refletido e trabalhado (sobretudo em ambiente académico). Pedagogicamente pretende-se, ainda, demonstrar aos alunos que o desenvolvimento científico permite e possibilita o desenvolvimento pessoal, o questionamento interior, e a opção do futuro. Assim, a maturação humana e científica caminham lado a lado nesta nova unidade letiva, como poderemos confirmar pelo quadro que segue abaixo.



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
4. Organizar uma visão coerente do mundo.
8. Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.
13. Reconhecer a relatividade das convicções pessoais, como contributos de aproximação à verdade.
23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.

Operacionalização de Competências	Conteúdos
1. Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3)	<ul style="list-style-type: none"><li>• O problema da existência de Deus – Acreditar é um ato irracional?</li><li>• Os grandes objetivos do ser humano: a realização da felicidade própria e alheia.</li><li>• A fé como fonte de felicidade.</li></ul>
2. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, assumindo uma posição pessoal em ordem à construção de uma visão coerente do mundo. (Comp. 3, 4, 13)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Definição de projeto</li><li>• Projeto de vida</li><li>• Vocação</li></ul>
3. Organizar um universo de valores que inclua os grandes objetivos de cada ser humano e os da comunidade humana, mobilizando-os para a orientação do comportamento. (Comp. 2, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"><li>• A felicidade como projeto de vida.</li><li>• A questão da existência de Deus.</li><li>• Natal</li></ul>
4. Questionar-se sobre a existência de Deus. (Comp. 2)	
5. Dar sentido à vida pela vivência de valores e princípios que se adequem às escolhas que se fazem e às convicções que se têm. (Comp. 2, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Vocação.</li><li>• Projeto de vida.</li></ul>
6. Relacionar a fé em Deus como eixo central da vida pessoal para um agir feliz, otimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas. (Comp. 10 e 23)	<ul style="list-style-type: none"><li>• A vocação de Abraão e a descoberta do Deus único.</li><li>• S. Paulo e a centralidade de Jesus Cristo na Sua vida.</li></ul>
7. O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"><li>• A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.</li></ul>
8. Reconhecer as concepções humanas de Deus, enquanto aproximações à verdade do que Ele é. (Comp. 13)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Que Deus é o Deus Cristão?</li></ul>



## 1.1. O que queremos e em que cremos?

### 1.1.1. Planificação aula a aula<sup>78</sup>

#### LIÇÃO Nº: 11, 1ª AULA

<b>COMPETÊNCIAS:</b>			
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade. 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 4. Organizar uma visão coerente do mundo.			
<b>SUMÁRIO:</b> Em que cremos e o que queremos?			
Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	
Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3)  Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, assumindo uma posição pessoal em ordem à construção de uma visão coerente do mundo. (Comp. 3, 4, 13)		<ul style="list-style-type: none"><li>Acolhimento e Sumário.</li></ul>	5'
	<ul style="list-style-type: none"><li>O problema da existência de Deus – Acreditar é um ato irracional?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Visualização e audição de um clip musical (<a href="#">Boss Ac – Que Deus</a>).</li><li>Preenchimento de uma <a href="#">ficha</a> com a letra da música que visa o completar de espaços deixados em branco.</li><li>Diálogo com os alunos acerca do sentido da música que ouviram.</li></ul>	20'
	<ul style="list-style-type: none"><li>Os grandes objetivos do ser humano: a realização da felicidade própria e alheia.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Leitura dos 2§ da página 158 do manual do aluno.</li><li>Diálogo com os alunos acerca do texto lido e da percepção que têm relativamente à felicidade como projeto de vida. Procurando averiguar as suas grandes linhas orientadoras da felicidade, apontando no quadro as três palavras fundamentais que cada um associa à felicidade.</li></ul>	10'
	<ul style="list-style-type: none"><li>A fé como fonte de felicidade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Apresentação de dois artigos (<a href="#">Felicidade está mais relacionada à fé que ao dinheiro</a>; <a href="#">Religion 'linked to happy life'</a>): a fé como fonte de felicidade; as pessoas religiosas são mais felizes que as não religiosas.</li><li>Discussão com os alunos acerca dos estudos apresentados; aferir a sua posição pessoal face aos conteúdos lidos.</li></ul>	8'
		<ul style="list-style-type: none"><li>Síntese final: O questionamento acerca de Deus é positivo, pois dele nascem visões e convicções mais profundas do Transcendente. A felicidade é o grande objetivo de vida das pessoas e a fé pode potenciar essa felicidade.</li></ul>	2'

<sup>78</sup> Por uma questão prática e de formatação, procedemos a uma alteração naquilo que é a versão final e oficial das planificações. Retirámos, na presente apresentação, duas colunas do final da planificação. As colunas dizem respeito aos recursos utilizados e à avaliação. As planificações de nível 4 podem ser encontradas, na sua versão original no Anexo 1.



Como forma de introdução e apresentação do tema e da própria unidade letiva, recorreremos a uma música interpretada por um músico amplamente conhecido e ouvido pelos jovens, Boss AC, com o tema: Que Deus?<sup>79</sup>. A temática desta música gira em torno da questão da existência ou não de Deus, da questão, tantas vezes fraturante, da existência do mal e da “permissividade” de Deus perante essa existência, a contradição existente entre Deus Criador e a criatura que não consegue fazer um mundo melhor. A música pretende traduzir para linguagem acessível e audível toda a problemática explanada no ponto 1 da 2ª parte deste trabalho (Cf. [Elementos para uma fenomenologia da fé e da descrença](#)).

Escolhermos esta música por ser um bom ponto de partida para provocar reflexão pessoal nos alunos face à problemática da existência de Deus.

No seguimento deste questionamento acerca de Deus, da sua possível existência, da problemática do mal, da condição humana, pela leitura do 2§ da página 158 do manual do aluno<sup>80</sup> procuramos perceber, recorrendo a três palavras, qual a definição dos alunos para felicidade. Constatou-se que a totalidade dos alunos associou a felicidade valores morais denotando-se uma ausência quase completa de valores materiais. Esta associação aborda já temáticas que se relacionam com a questão do sentido da vida (Cf. [parte 2, 1.3](#)). No seguimento da temática, terminámos a aula com uma atitude mais provocatória ao abordar dois estudos<sup>81</sup> que “provam” que a fé é fonte de felicidade e as pessoas religiosas são mais felizes que as não religiosas. Da discussão gerada saíram apontamentos muito interessantes, sobretudo relativas à ideia de dissociação que os alunos tinham da fé e da vida concreta.

---

<sup>79</sup> Letra completa em Anexo II.

<sup>80</sup> Anexo III

<sup>81</sup> Anexo IV



A surpresa com que constataram que as duas realidades podem estar interligadas despertou a sua curiosidade em relação a esta matéria e deixou já antever uma séria e salutar inquietação fundamental para o aprofundamento da temática.

As perguntas, os porquês presentes na música com que iniciámos a aula pairam nas suas cabeças e são também por eles assumidas. Como pode a fé ser fonte de felicidade se as pessoas que a têm (ou dizem ter) continuam a cometer tantos males aos outros?

O sentido da vida que aparecendo ligado à felicidade assume contornos de mais amplitude. A inquietação com que termina a música, com um questionamento sobre as origens e o fim, com a hipótese da ressurreição poder levar a uma morte tranquila, a uma passagem para “um sítio melhor”.

Todas estas questões despertaram nos alunos uma predisposição e uma vontade de aprofundar o trabalho iniciado e deixou bons indicadores para o desenvolvimento da Unidade Letiva.



**LIÇÃO Nº: 12, 2ª AULA**

**COMPETÊNCIAS:**

- 2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
- 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.
- 12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

A felicidade como projeto de vida e a questão da existência de Deus.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
<p>Organizar um universo de valores que inclua os grandes objetivos de cada ser humano e os da comunidade humana, mobilizando-os para a orientação do comportamento. (Comp. 2, 10 e 12)</p> <p>Questionar-se sobre a existência de Deus. (Comp. 2)</p>	• A felicidade como projeto de vida	• Acolhimento e Sumário.	7'
		• Visualização de um documentário intitulado " <a href="#">O que é a felicidade?</a> ", onde se percebem as diferentes formas que as pessoas têm de encontrar a felicidade.	15'
	• A questão da existência de Deus.	• Troca de impressões com os alunos acerca do documentário.	5'
		• Leitura do manual nas páginas 158 e 159. Em que se apresenta a felicidade como uma aspiração de todas as pessoas e um projeto que se vai construindo dia-dia com as mais diversas decisões que se vão tomando.	5'
		• Três posições possíveis face à existência de Deus: Ateísmo, Agnosticismo, Crença.	5'
		• Orientações para o trabalho em grupo.	5'
	• Síntese final: Perceber que há diversas formas de se encontrar a felicidade. A felicidade é algo pelo qual vale a pena lutar. Diversas posições face à existência de Deus.	3'	



Ao recordar a aula anterior, onde se abordou, de forma muito sucinta, a noção de felicidade, marcamos o ponto de partida desta aula, mais precisamente o conceito de felicidade e as diferentes interpretações que esse conceito tem. Para o efeito escolhemos um documentário intitulado: “O que é a felicidade?”<sup>82</sup> no qual surgem diversas pessoas que definem o que é para si a felicidade. É mostrada uma comparação entre países, tentando mostrar em que país as pessoas são mais felizes e porquê. Neste texto percebe-se que a felicidade é algo que a grande maioria das pessoas procura e anseia. Para muitos a própria felicidade assimila-se ao sentido da vida. No contexto do documentário aprofundou-se com os alunos a diferença entre verdadeira felicidade e aparência de felicidade. Neste aprofundamento analisámos algumas questões problemáticas para os jovens, como são a toxicodpendência, a sexualidade, o álcool, o tabaco, os jogos, entre outras temáticas que foram surgindo, propostas pelos alunos.

Decorrente da discussão gerada em torno do conceito de felicidade, recuperaram-se as ideias com que se havia terminado a aula anterior, suscitadas pelos dois artigos que defendiam a fé como fonte de felicidade e que apresentavam as pessoas religiosas como sendo mais felizes do que as não religiosas. Após o qual avançámos para o nível seguinte ao introduzir a discussão sobre a relação com a transcendência e sobre a forma como a definição dessa relação pode, ou não, influenciar o discurso da vida e o atingir, ou não, um grau maior ou menor de felicidade.

Nesta discussão em torno da felicidade recuperaram-se as ideias (a fé como fonte de felicidade; e as pessoas religiosas serem mais felizes do que as não religiosas) defendidas pelos dois artigos com que se havia terminado a aula anterior para se voltar a trazer à discussão a questão da fé. Aproveitando essa temática, transpusemo-la para a discussão sobre a relação com a transcendência e para a forma como a definição dessa

---

<sup>82</sup> <http://videos.sapo.pt/AV7diCOBvCfZcDZY4P3Z>, conferido em 10-02-21014 às 22h10m.



relação pode, ou não, influenciar o decurso da vida e o atingir, ou não, da felicidade. A propósito desta temática, apresentámos as três possibilidades de enquadramento teórico que existem no que diz respeito à análise e reflexão da relação com a transcendência: o ateísmo, o agnosticismo, a crença. Os alunos como trabalho de casa e em três grupos, ficaram encarregados de pesquisar sobre o conceito de agnosticismo, de ateísmo e de crença. Acreditámos que este trabalho elaborado pelos alunos iria ajudar a uma melhor compreensão dos conceitos.



**LIÇÃO Nº: 13, 3ª AULA**

**COMPETÊNCIAS:**

- 2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
- 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
- 12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

A questão da existência de Deus.  
Natal sob três perspetivas diferentes.  
Autoavaliação.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
Questionar-se sobre a existência de Deus. (Comp. 2)  Organizar um universo de valores que inclua os grandes objetivos de cada ser humano e da comunidade humana, mobilizando-os para a orientação do comportamento. (Comp. 2, 10 e 12)		<ul style="list-style-type: none"><li>• Acolhimento e Sumário.</li></ul>	7'
	• A questão da existência de Deus.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Exposição dos trabalhos de grupo que exploram as três posições face à existência de Deus: Crentes, agnósticos e ateus.</li></ul>	15'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• A partir de um conjunto de frases previamente selecionadas, os alunos devem identificar a posição que exprimem face à existência de Deus. Para tal devem afixá-las na coluna respetiva.</li><li>• Síntese e registo das conclusões.</li></ul>	10'
	• Natal	<ul style="list-style-type: none"><li>• O Natal sob as três perspetivas anteriormente apresentadas: ateus e agnósticos que excluem a dimensão transcendental da celebração e os crentes cristãos que fazem dessa dimensão o centro e sentido da celebração.</li></ul>	5'
	• Autoavaliação	<ul style="list-style-type: none"><li>• Aplicação da ficha de autoavaliação de final de período.</li></ul>	5'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Síntese final: Existem diversas formas de olhar para a mesma realidade que é Deus e dessa forma de olhar depende a forma como se organiza a vida e se vivem acontecimentos comuns.</li></ul>	3'



A aula teve início com a apresentação por parte dos três grupos de alunos dos conceitos que encerram as três posições que as pessoas frequentemente assumem face à transcendência: crentes, agnósticos, ateus. Em ordem a perceber se os conceitos foram apreendidos pelos alunos, recorreremos a um conjunto de frases, previamente escolhidas, impressas e recortadas, nas quais o autor não aparecia identificado e através das quais os alunos deveriam identificar a posição do seu autor face à transcendência. Depois de lidas as frases e de um momento para refletir, cada aluno que considerasse saber a resposta devia levantar-se e afixá-la na coluna respectiva, ao passo que os outros confirmavam a assertividade da escolha.

Esta aula tendo sido lecionada em vésperas de interrupção letiva de Natal serviu para se levar a cabo uma profunda discussão das diferentes perspectivas de vivência do Natal por parte de sujeitos que partilham cada uma destas posições face à existência de Deus, ou seja, como pode um crente, um agnóstico ou um ateu entender o Natal.

A partir desta discussão com base especulativa, encontrou-se a possibilidade de confrontar os alunos com o sentido cristão – que no nosso contexto personifica a posição crente – do Natal: não se trata de tradição, de possibilidade, de encontro com uma realidade definitiva e transformadora: pela encarnação de Jesus Cristo temos acesso à derradeira revelação de Deus, a oferta em gratuidade com que Deus se oferece à humanidade.

Convém referir que as aulas dadas até ao momento vão fazendo de forma mais ou menos linear o percurso proposto nos [pontos 1 e 2 da 2ª parte](#) do presente trabalho:

Começámos com a primeira parte da primeira aula por falar e abordar a questão da confiança, da possibilidade de acreditar em Deus como uma ação que tem por base a nossa experiência de vida e relações interpessoais; estando esta aula também relacionada com as possibilidades de descrença ao serem apresentados alguns elementos



que aparecem como limitações do crer; A “grande confiança”, ou como abordada na planificação – fé, que aparece nesta primeira aula associada à ideia de felicidade que por sua vez aparece como uma das possibilidades de desejo e sentido da vida.

Ao passarmos para a segunda aula, aparece nela plasmada a opção de liberdade específica da fé bem como uma breve referência às consequências da atitude crente. A estas temáticas acresce, na terceira e presente aula, a fé como Dom, como acontecimento da revelação no nascimento de Jesus Cristo.



LIÇÃO Nº: 14, 4ª AULA

**COMPETÊNCIAS:**

1. Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

**SUMÁRIO:**

Definição de projeto.  
A importância de um projeto de vida.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	🕒
Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 1, 2 e 3)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	7'
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Definição de projeto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura, pelos alunos, do primeiro e terceiro parágrafos da página 144 e da página 145. Nesses parágrafos vai-se fazer a definição de projeto: A palavra «projeto» deriva do étimo latino <i>projicere</i> («lançar para a frente»), sugerindo movimento, ação, uma trajetória que se visualiza no tempo e no espaço, com um ponto de partida e outro de chegada.</li> <li>Indicação para registar no caderno os tópicos da definição de projeto presentes na página 145: é um processo que nos permite aplicar ideias na transformação da realidade, através de estratégias e ações concretas; tem como objetivo alterar a realidade pessoal ou social; concretiza-se num determinado contexto social, espacial e temporal; permite que as pessoas aprendam e cresçam experimentando; resulta de uma atividade pessoal ou coletiva, que obedece a um plano previamente estabelecido; inclui um processo avaliativo, centrado na relação entre as ideias, as ações e o produto final.</li> </ul>	10'
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Projeto de vida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Visualização de um vídeo realizado no âmbito das conferências do 8º <i>Ignite</i> de Lisboa, intitulada "<a href="#">Puzzle com gente dentro</a>": a importância que devemos dar aos outros; essa importância passa pelos projetos que estabelecemos para as nossas vidas e das prioridades que traçamos.</li> </ul>	15'
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Conversa com os alunos acerca do vídeo: motivações e desafios lançados; aferir se se percebeu a importância de um projeto de vida, um projeto realizável. Recolha, e registo no quadro, das ideias principais vindas dos alunos.</li> </ul>	5'
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura do manual na página 147: inquietações dos jovens; fazê-los perceber que as inquietações por eles sentidas são perfeitamente naturais e não devem constituir um drama emocional.</li> <li>Poema presente no manual na página 149: "<i>Sísifo, Miguel Torga</i>". Com a <b>correção da última palavra</b>, já que o poema não termina com "<b>recomeças</b>" mas sim "<b>reconheças</b>".</li> </ul>	5'
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Síntese final: Para se elaborar um projeto há que ter em conta os objetivos que se querem atingir, delinear as estratégias e ir-se adaptando aos imprevistos que surjam. Um projeto de vida, tem sempre de passar por aqueles que nos rodeiam.</li> </ul>	3'	



Com o objetivo da criação de uma unidade letiva em que os assuntos não fossem abordados de forma demasiado afastada da realidade da vida dos alunos ainda em mente, esta aula procura voltar-se sobretudo para a vida de cada um deles. Nesta quarta aula vamos apresentar a definição de projeto, partindo da representação que os alunos têm de projeto, da própria noção base de projeto arquitetônico dos edifícios. Pegando nessa imagem da construção de um edifício, fizemos a transposição para a construção do edifício da vida de cada um dos alunos e destacamos a importância da definição de um projeto de vida.

De seguida, foi visualizado um vídeo retirado das conferências do 8º Ignite de Lisboa, intitulada “Puzzle com gente dentro”<sup>83</sup>. A conferência fala-nos da importância que devemos dar aos outros e alerta-nos para o facto dessa relevância dever passar pelos projetos que estabelecemos para as nossas vidas e das prioridades que para ela traçamos. Pelos testemunhos na primeira pessoa, os alunos têm a possibilidade de perceber melhor o que significa ter um projeto de vida e, acima de tudo, que esse projeto, sendo vinculativo, não é definitivo, ou seja, pode ser alterado, indo ao encontro de um sentido da vida que se vai descobrindo, de atitudes e escolhas que se vão tomando e das consequências inerentes a essas escolhas e atitudes.

Na posterior conversa tida com os alunos aferiram-se os projetos que já tinham idealizado e, desses, os que já tinham conseguido concretizar e aqueles que ainda estavam por realizar bem como aqueles que por algum motivo, já tinham sido abandonados. Esta conversa teve como finalidade ajudar os alunos a compreender que os projetos são passíveis de serem alterados, corrigidos ou reformulados.

---

<sup>83</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=mGCokwtIU7U>, conferido em 10-02-21014 às 23h47m.



Tendo por base o poema “Sísifo”<sup>84</sup> de Miguel Torga, abordamos a forma como se lida com o fracasso e o insucesso. Um poema que evoca o mito homónimo mas de forma a motivar e incentivar a tentativa sucessiva até ao alcançar dos objetivos, um poema que fala do constante desejo humano de avançar, de conhecer mais de ser melhor. Um poema que fala do contínuo recomeçar inerente à vida humana, um contínuo recomeço na tentativa de fazer mais e melhor - “de nenhum fruto queiras só metade”. A constante caminhada da humanidade em ordem ao futuro, em desvelar o que estava, até então, velado.

---

<sup>84</sup> Anexo VI



LIÇÃO Nº: 15, 5ª AULA

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

**SUMÁRIO:**

A vocação como base estruturante do projeto de vida.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3)  Dar sentido à vida pela vivência de valores e princípios que se adequem às escolhas que se fazem e às convicções que se têm. (Comp. 2, 10 e 12)		<ul style="list-style-type: none"><li>• Acolhimento e Sumário.</li></ul>	7'
	• Projeto de vida.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Visualização de um documentário transmitido na RTP, no magazine portugueses extraordinários, sobre a história de um jovem que começou por pensar que a sua vocação era ser sacerdote, mas depois percebeu que apesar de querer ajudar os outros, gostaria de o fazer de uma outra forma. <a href="#">Vídeo</a></li></ul>	15'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Preenchimento de uma ficha sobre o documentário visto.</li><li>• Recolha de impressões, dos alunos, acerca do documentário.</li></ul>	5'
	• Vocação	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Brainstorming</i> acerca da palavra vocação. Registam-se no quadro as ideias principais.</li><li>• Apanhado geral das ideias transmitidas pelos alunos.</li><li>• Confronto das ideias gerais com as apresentadas pelo manual, sendo que para isso se lê a página 152 do manual: a vocação está voltada para o futuro, mas vai-se realizando no presente, ajuda a dar sentido à vida, é o chamamento que Deus nos faz à felicidade e é uma resposta livre da pessoa.</li></ul>	7'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Audição da música "<a href="#">A Fisga</a>" dos <i>Rio Grande</i> e análise da letra: mostra que a vocação tem de ser algo pessoal; mas que apesar de ser algo pessoal, os conselhos de terceiros são importantíssimos; os mediadores da vocação, como pessoas que lidam com os jovens e que os aconselham e ajudam na descoberta dessa vocação, apresentando diversos pontos de vista.</li></ul>	8'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Síntese final: O projeto de vida depende da vocação que , apesar de voltada para o futuro é importante que a vamos realizando no presente. A vocação apesar de não ser algo fácil de descobrir, permite que a vida seja vivida com maior plenitude e felicidade.</li></ul>	3'



Partindo da ideia de que na vida sempre se pode recomeçar e das alterações que podem ser feitas aos projetos de vida que se vão traçando, começámos esta aula com a visualização de um documentário onde um jovem partilha um pouco da sua história de vida. Um jovem que, pela necessidade que sentia de ajudar os outros, pensou inicialmente em ser padre. Mais tarde, percebendo que esse não era o seu caminho, fez umas alterações ao seu projeto de vida, sem nunca perder o essencial: a vontade de ajudar os outros. Apenas decidiu fazê-lo de forma diferente. “Anjo protetor”<sup>85</sup> é o título do documentário que dá a conhecer a vida de Carlos Codinha, um jovem que aos onze anos se encontra com Madre Teresa de Calcutá e, pelo seu testemunho, e exemplo descobre a sua vocação. Este documentário marcou fortemente os alunos e que o recordaram até ao final do ano, muito tempo volvido desde esta aula.

É no contexto deste vídeo e do testemunho de Carlos Codinha que surge, nas aulas, pela primeira vez, a palavra vocação. Aproveitando esse momento, propôs-se um *brainstorming*, para que os alunos encontrassem a sua própria definição de vocação. Depois de apresentadas as diferentes ideias e de as relacionarem com a definição presente no manual, foi tempo de falar dos mediadores das vocações: aqueles que nos ajudam, seja pelo testemunho que dão, seja pelos conselhos que prestam, seja pelas perspetivas diferentes que têm sobre os assuntos e pela experiência de vida, na definição da nossa vocação. Para auxiliar a compreensão destes conceitos utilizámos uma música, intitulada “Fisga”<sup>86</sup>, do grupo Rio Grande, e que os alunos não conheciam. Que, a vocação, apesar de ser algo pessoal tem nos conselhos de terceiros uma ajuda determinante para a sua. São os chamados mediadores da vocação, que os alunos foram desafiados a encontrar e a deixar-se abrir à sua ajuda.

---

<sup>85</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=cP4xOmCo1mk>, conferido em 11-02-2104, às 21h37m.

<sup>86</sup> Anexo VII e <http://www.youtube.com/watch?v=1Mtg-6lQIss>, conferido em 11-02-2014, às 21h52m.



**LIÇÃO Nº: 16, 6ª AULA**

**COMPETÊNCIAS:**

10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.

23. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

**SUMÁRIO:**

Abraão e Paulo, dois homens, uma vocação – o sentido da vida encontrado na centralidade de Deus nas suas vidas.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
Relacionar a fé em Deus como eixo central da vida pessoal para um agir feliz, otimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas. (Comp. 10 e 23)	• A vocação de Abraão e a descoberta do Deus único.	• Acolhimento e Sumário.	5'
		• Leitura das passagens bíblicas presentes no manual, nas páginas 176 e 177: O chamamento de Abraão e a promessa de uma descendência e a oferta de terra.	5'
	• Leitura do manual: páginas 175, 176, 177 e 178: referência a Abraão e ao surgimento do Judaísmo com a opção feita de acreditar num só Deus, deixando de lado o politeísmo.	10'	
	• Explicar a descendência de Abraão.		
	• S. Paulo e a centralidade de Jesus Cristo na Sua vida.	• Leitura da passagem bíblica na página 181: o “encontro” de Paulo com Cristo quando ia a caminho de Damasco em perseguição dos cristãos que lá viviam.	5'
		• Leitura do manual: páginas 180, 181: a história de vida de Paulo é explicada com especial enfoque para o momento da sua conversão.	10'
		• Realização das fichas de trabalho números 34 e 35 do Caderno do Aluno. Sobre as temáticas desenvolvidas nos textos lidos.	10'
		• A síntese final, nesta aula, foi substituída pela realização das fichas de trabalho.	



No sentido de fomentar o contacto dos alunos com passagens e personagens bíblicas, surge pertinente a leitura<sup>87</sup> das histórias das vocações de Abraão e de Paulo. Duas histórias bem diferentes e que podem dar uma perspetiva nova aos alunos. Para além de que a análise das mesmas ajudou os alunos a perceber melhor alguns conceitos, como por exemplo: monoteísmo, a origem do cristianismo no judaísmo, a possibilidade do encontro com Deus...

Assim, os dois textos bíblicos presentes nas páginas 176 e 177 do manual, referem-se a Abraão e à sua descendência, bem como a promessa da terra lhe ser entregue. No seguimento do mesmo, os textos que se encontram na página 177 e 178 do manual, também elas referência a Abraão e ao surgimento do Judaísmo com a opção feita de acreditar num só Deus, deixando de lado o politeísmo. A intercalar as duas páginas fizemos uma explicação da descendência de Abraão, explicando o seu significado e a sua relação com a constituição do povo e da religião Judaica. Os alunos mostraram grande interesse relativamente ao tema e um sentimento de admiração pelo simbolismo nele contido.

Proseguimos, depois, para o Novo Testamento e para a figura de São Paulo começando por ler a passagem bíblica presente no manual na página 181 e 182 que consistia numa breve explicação do texto bíblico lido anteriormente e a sua ligação com o tema da centralidade de Jesus Cristo na vida de São Paulo. Terminadas as leituras foi tempo de se proceder à realização das fichas de trabalho<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> Todas as leituras efetuadas nesta aula estão contidas no Anexo VIII.

<sup>88</sup> Anexo IX



LIÇÃO Nº: 17 E 18, 7ª E 8ª AULA

**COMPETÊNCIAS:**

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

O sentido da vida.

“Pessoas que fizeram da sua vida altares para Deus!”: pesquisa e trabalhos por grupos.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	•A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Acolhimento e Sumário.</li></ul>	7'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Encaminhamento e acompanhamento dos alunos para a sala de informática.</li></ul>	5'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Distribuição dos alunos de acordo com os grupos previamente estabelecidos em cada um dos computadores existentes.</li><li>• Tarefa: pesquisar na internet a biografia de uma pessoa que tenha contribuído para que o nosso mundo se tornasse um mundo melhor, através das suas escolhas e opções. Os critérios de escolha da pessoa deve obedecer aos seguintes critérios:<ul style="list-style-type: none"><li>➢ Foto da pessoa;</li><li>➢ Identificação da pessoa;</li><li>➢ Data de nascimento e de morte (nos casos em que já tenha morrido);</li><li>➢ País e cidade;</li><li>➢ Religião que a pessoa confessa ou confessava;</li><li>➢ Feitos que tenha praticado;</li><li>➢ Motivações que o/a levam/ram a proceder da forma que procede/u;</li><li>➢ Frase que defina a pessoa (da autoria do próprio ou do grupo).</li><li>➢ O trabalho deve ser impresso e a folha colada (de forma original) numa cartolina de tamanho A4 para exposição na sala de aula. No verso da cartolina deve estar presente a identificação do grupo.</li></ul></li></ul>	33'



Esta aula faz parte de um conjunto de três aulas (a que se juntam as duas seguintes) em que o trabalho é todo ele desenvolvido pelos alunos. Gostaria no entanto de realçar o entusiasmo, a dedicação e a alegria com que os alunos aderiram a esta proposta de encontrarem e apresentarem aos colegas uma pessoa que tenha feito da sua vida um altar para Deus. Em geral, os alunos procuram pessoas de que já ouviram falar (ainda que vagamente), mas que tinham vontade de aprofundar o conhecimento. Cruzando os dados que na aula anterior haviam sido abordados em relação à vocação de Abraão e de Paulo, da forma como as suas vidas sofreram alterações significativas depois do encontro com Deus, da forma como a partir desse momento ganharam novo impulso e novo ardor na vida e como redirecionaram a sua fé.

Este trabalho pretende destacar a dimensão do testemunho inerente à fé, bem como as responsabilidades que estão adjacentes a quem se diz crente e a quem professa uma fé. A aceitação livre dessa fé implica uma mudança profunda no modo de estar e de viver, na forma como se relaciona e como se entrega aos outros. Este trabalho pretende fazer com que os alunos percebam por si mesmos que a fé não é algo que apenas se situa ao nível do transcendente e das ideias, mas que tem uma consecução muito prática e muito enraizada na vida das pessoas.



**LIÇÃO Nº: 19, 9ª AULA**

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

Apresentação dos trabalhos individuais com o tema: “Pessoas que fizeram da sua vida altares para

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	• A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.	• Acolhimento e Sumário.	5'
		• Preparação das apresentações dos trabalhos.	5'
		• Apresentação dos trabalhos <sup>89</sup> .	15'
		• Apreciações finais aos trabalhos de cada um dos alunos por parte do professor e dos restantes alunos.	5'
		• Afixação dos trabalhos nos painéis da sala de aula.	5'
		• Revisões para o teste de avaliação sumativa	8'
		• Síntese final com base nos trabalhos apresentados.	2'

<sup>89</sup> Anexo X



**LIÇÃO Nº: 20, 10ª AULA**

**COMPETÊNCIAS:**

**SUMÁRIO:**

Teste de avaliação sumativa.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Acolhimento</li></ul>	5'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Teste de avaliação sumativa<sup>90</sup>.</li></ul>	40'

<sup>90</sup> Anexo XI



**LIÇÃO Nº: 21, 11ª AULA**

**COMPETÊNCIAS:**

**SUMÁRIO:**

Entrega e correção do teste de avaliação sumativa.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	⌚
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Acolhimento e sumário.</li></ul>	5'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Entrega e correção do teste de avaliação sumativa<sup>91</sup>.</li></ul>	20'
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Conversa com os alunos acerca do trabalho realizado ao longo do Período e das celebrações pascais.</li></ul>	10'

<sup>91</sup> Anexo XII



**LIÇÃO Nº: 22, 12ª AULA**

**COMPETÊNCIAS:**

13. Reconhecer a relatividade das convicções pessoais, como contributos de aproximação à verdade.

**SUMÁRIO:**

Que Deus é o Deus Cristão?

Autoavaliação.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	🕒	
• Reconhecer as concepções humanas de Deus, enquanto aproximações à verdade do que Ele é. (Comp. 13)		<ul style="list-style-type: none"><li>• Acolhimento e sumário.</li></ul>	7'	
		<ul style="list-style-type: none"><li>• Elaboração partilhada (através de um esquema) do caminho percorrido ao longo da unidade letiva, como forma de síntese e em simultâneo de ambientação do tema para esta aula.</li></ul>	10'	
	• Que Deus é o Deus Cristão?		<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação das diversas possibilidades de descrição do Deus cristão, que muitas vezes ouvimos, lemos ou percebemos por parte de críticos ou da opinião pública em geral e, inclusive, dentro do próprio cristianismo.</li></ul>	6'
			<ul style="list-style-type: none"><li>• Preenchimento de tabelas elaboradas para o efeito.</li></ul>	15'
			<ul style="list-style-type: none"><li>• Síntese das diversas perspetivas que as pessoas têm de Deus.</li></ul>	7'



Terminamos esta Unidade Letiva fazendo um esquema do itinerário realizado ao longo das aulas. Pela elaboração de uma apresentação de Powerpoint<sup>92</sup>, os alunos com grande eficácia e assertividade, foram sistematizando aquilo que tinham retido de cada uma das aulas. O esquema síntese começou por referir a dicotomia entre acreditar e não acreditar, ressaltando ainda a racionalidade ou irracionalidade inerente ao processo de crença. De seguida os alunos destacaram o conceito de felicidade que, ligado ao primeiro ponto, pode estar dependente da posição que se tem face a Deus. Posição esta que se encontra intimamente ligada ao próprio projeto de vida, elemento destacado no ponto seguinte, como forma de se encontrar um sentido para a vida. Sentido para a vida que foi destacado pelos alunos em Abraão e São Paulo, nas escolhas que fizeram e na forma como as seguiram, estando referidos no penúltimo quadrado. Já a terminar os alunos conseguiram fazer a transposição da forma como as escolhas podem de facto alterar a vida das pessoas no mais concreto e mais real das suas ações e do seu sentido. Ao ponto, inclusive, de se alterar o rumo de, uma pessoa, um bairro, uma sociedade, uma cultura.

Por último referir que sensivelmente a partir da 4ª aula as planificações encontram o seu fundamento teológico sobretudo no [ponto 2 e 3 da 2ª parte](#) do presente trabalho.

---

<sup>92</sup> Anexo XIII



## **1.2. Reflexões sobre o processo**

Na conclusão da lecionação desta Unidade Letiva intitulada “O que queremos e em que cremos?” é tempo de fazer uma avaliação global daquilo que foi o nosso percurso em relação ao que eram as nossas metas inicialmente estabelecidas.

Tal como ficou dito na reflexão inicial desta Unidade Letiva, partíamos para ela com grandes expectativas e com grandes receios também. Era um sentimento paradoxo mas que nos elevou a fasquia e nos motivou ainda mais para este ano de Prática de Ensino Supervisionada que, de per si, constituía já um enorme desafio.

Podemos concluir no final da lecionação da Unidade Letiva que a opção arriscada se revelou ser de grande utilidade e muito bem conseguida. Se no início estávamos expectantes acerca do desenvolvimento de Unidade e da forma como ela iria ser aceite pelos alunos, cedo ficámos descansados e percebemos que tínhamos encontrado a fórmula certa para trabalhar as competências de “dentro para fora”, ou seja, a partir dos alunos para a aula, e não tanto de “fora para dentro”, de forma mais expositiva. Com essa dinâmica da aula centrada nos alunos ganhámos o seu interesse, motivação e uma maior aquisição de conhecimentos.

Apesar de percebermos isso logo no início da lecionação da própria Unidade Letiva, sentimos igualmente que os alunos tinham um grande défice de capacidade de trabalho, motivação, e capacidade de problematização das questões. Perante tal facto, optámos por uma abordagem progressiva, ou seja, uma abordagem de carácter mais geral ao início até chegarmos ao mais específico no final, terminando assim com um peso mais acentuado na capacidade de pensar e problematizar dos alunos. E em grande verdade esse caminho foi percorrido. Fomos notando, à medida que íamos lecionando as aulas que o interesse, a motivação, a participação e a envolvimento dos alunos na aula foi



crescendo. Fomos trilhando um caminho lento mas que conseguiu produzir os seus frutos.

Ao deixarmos, gradualmente, uma abordagem mais expositiva, mais centrada no professor que visa transmitir conhecimentos aos alunos, adotámos como o programa organizado por competências nos sugere, uma dinâmica centrada no processo de ensino-aprendizagem onde o centro do desenvolvimento das mesmas passa a ser o próprio aluno. Mas para que isso aconteça é necessário que o aluno se sinta envolvido no processo de ensino-aprendizagem, que se sinta como peça fundamental e central neste processo. Foi este aspeto que tentámos desenvolver ao longo das nossas planificações e aulas. O efeito gradual notou-se na evolução que fomos dando ao longo das planificações. De aula para aula a presença dos alunos ia crescendo e a do professor diminuindo. De aula para aula o material produzido e pré feito foi diminuindo e o material produzido no momento pelos alunos aumentando. Deixou-nos bastante confiantes o facto de os alunos terem correspondido, cada vez mais, ao que lhes era pedido. Fez-nos perceber que estávamos no caminho certo os diversos comentários que os alunos faziam no final de cada aula. Permitiu-nos aferir que estávamos a entrar no mais profundo dos alunos quando na semana seguinte (ou mais tempo depois) os alunos se lembravam da matéria trabalhada na última aula e conseguiam reproduzi-la não de forma linear mas de forma interpretada. Esta característica esteve bem plasmada na última aula em que foram os próprios alunos a conduzi-la e acima de tudo a dar-lhe forma.

Acreditamos ter conseguido, com esta junção de Unidades Letivas, contribuir de forma concreta para a formação integral dos alunos e para a sua consciencialização que



a escolha do querer da vida também passa pelo questionamento e adoção de posição face à transcendência.

É um facto que este caminho percorrido não foi isento de dificuldades. A primeira grande dificuldade situou-se na escolha da metodologia a adotar, de seguida, a escolha das competências específicas a serem trabalhadas também se revelou bastante difícil tendo em conta o elevado número que existia no desdobramento da Unidade Letiva. A opção de trabalhar poucas competências incumbia-nos uma grande responsabilidade que era a de as trabalhar de forma efetiva e que os resultados pudessem ser relativamente bem observáveis, por forma a dar credibilidade às nossas opções.

Outra das dificuldades foi a diversidade de metodologias que os alunos nos “obrigaram” a adotar por forma a ir correspondendo à evolução que de aula para aula iam sofrendo bem como para podermos estimular ainda mais essa evolução (sempre com o cuidado de não sermos demasiado radicais correndo dessa forma o risco de deixarmos alguém “para trás”, uma vez que estamos a falar de alunos profundamente desmotivados face ao seu percurso académico e com alguma resistência – inicial – à própria disciplina de EMRC).

Foram enormes os desafios iniciais, foram absolutamente fantásticas as metas atingidas no final. A relação de proximidade que se criou, o ambiente de trabalho que envolveu as aulas, o sentimento de crescer em conjunto que se verificou deixa-nos com a consciência de dever cumprido.

É, por isso, com agrado que concluindo podemos dizer que crescemos juntos, muito partilhámos e nenhum de nós poderá dizer que acabou o ano sendo a mesma pessoa que era no início do mesmo. Nós crescemos imenso enquanto professores com a ajuda deles,



da PES e dos professores que nos acompanharam, eles cresceram imenso com eles próprios e conosco.

Certamente que as escolhas destes alunos, independentemente das que sejam, contarão já com a dimensão religiosa, ainda que pela sua recusa. A formação integral dos alunos sofreu um grande incremento ao longo deste ano. Ficou, no final, o desafio a eles lançado: “continuem a investir na vossa formação integral, não negligenciem nenhuma das áreas da formação. Um dia mais tarde serão pessoas mais completas e mais equilibradas. Isso de certeza que vos trará melhor qualidade de vida, ou seja, um grau de felicidade bastante superior àquele que tereis se não o fizerdes.”



## **CONCLUSÃO**

Ao longo deste trabalho pretendemos elaborar um percurso de apresentação, estruturação, fundamentação, aplicação e avaliação de uma Unidade Letiva criada a partir da unificação de duas Unidades Letivas já existentes no Programa de EMRC para o 9º ano de escolaridade.

Procurando traçar um caminho complementar ao já percorrido pelos alunos, a nova Unidade Letiva intitulada “O que queremos e em que cremos?” pretende ser uma proposta de atuação vivencial e experiencial para um questionamento da espiritualidade e dos próprios alunos. Esta UL foi estruturada para funcionar como um auxílio aos jovens alunos na opção de rumo para as suas vidas.

Na fundamentação teológica que serve de base à apresentação desta nova UL, fazemos um percurso que será posteriormente seguido pela planificação da própria UL. Começando pela dimensão comum a toda a humanidade, é apresentada a confiança como um dado antropológico fundamental. Vimos que sem confiança a sociedade não subsistiria. A pessoa humana tem a necessidade de confiar nos seus pares e nas instituições. É esta experiência de confiança que servirá de modelo para o desenvolvimento da fé e confiança em Deus. A fé que se alicerça na confiança não é um automatismo, ou seja, a dedução: *eu tenho confiança logo tenho fé*, não é verdadeira. A confiança funciona, antes, como uma base de apoio para a possibilidade da aceitação do Dom que Deus oferece e que necessita da aceitação da pessoa humana. Como esta aceitação não é automática nem se afigura como obrigatória, a liberdade humana pode recusar esta fé, pode escolher não acreditar, pode considerar que o sentido da sua vida não passa por uma “grande confiança” em Deus, mas numa confiança *inter pares*.



A liberdade da aceitação ou recusa da fé como Dom dado por Deus tem sempre em conta as inerentes e necessárias transformações na vida daqueles que aceitando, aderem à fé em Jesus Cristo. As consequências, como foi amplamente aprofundado nas aulas propostas para a nova UL, prefiguram uma alteração profunda e radical na forma de estar e de se relacionar com os outros e com o mundo. Os alunos tiveram a oportunidade de comprovar esta questão na recolha de elementos das vidas das pessoas que escolheram para o trabalho: “Pessoas que fizeram da sua vida altares para Deus.” Pelo exemplo de Madre Teresa de Calcutá, João Paulo II ou Óscar Romero, os alunos tomaram consciência das implicações que tem na vida o encontro e aceitação de Jesus Cristo.

Em jeito de balanço global à UL, consideramos que foi conseguido um equilíbrio entre o carácter concreto e espiritual da proposta apresentada. Não se verificou uma sobreposição de nenhuma das duas dimensões o que permitiu que a especificidade da disciplina de EMRC fosse respeitada ao máximo não se tendo convertido as aulas, em momento algum, numa sessão de catequese ou procura e tentativa de conversão dos alunos. Apenas lhes foram dadas algumas chaves de leitura da realidade que até então os alunos não possuíam. O questionamento interior e o percurso que daí resultará já será da responsabilidade de cada um dos alunos e os resultados terão, certamente, implicações nas suas vidas.

Pela experiência positiva resultante da aplicação desta nova UL, deixamos como desafio a ponderação da inclusão da mesma numa próxima reformulação do Programa de EMRC. Levantamos ainda a questão da validade de se realizar o mesmo exercício noutras UL do Programa quer para uma otimização dos ricos conteúdos que o Programa



contém quer para uma melhor e mais justa adequação dos mesmos à vida e interesses dos alunos da disciplina de EMRC.



## **BIBLIOGRAFIA**

AAVV, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – *Ensinos Básico e Secundário*, SNEC, Lisboa, 2007.

ALFARO, Juan, *De la question del hombre a la question de Dios*, Ed. Sigueme, Salamanca, 1998.

ID., in PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2006.

AMBROSIO, Juan, *A fé como atitude dialógica de vida*, in *Communio* 5 (1995), 424-428.

ANTONIO ESTRADA, Juan, *Creencia e increencia*, in JOSÉ TAMAYO, Juan (Ed.), *Nuevo Diccionario de Teología*, Editorial Trotta, Madrid, 2005.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, Mcgraw-Hil, Lisboa, 1995.

BALTHAZAR, H. U. von, *Testemunho*, in *Communio* 2 (1988), 167-172.

CARVALHO, C. S., *Uma certa fé – como creem os adolescentes*, Pastoral Catequética 21/22 (2011/2012).

CLERCK, Paul de, *Confesiones de fe*, cit. em *Diccionario Akal Crítico de Teología*, Jean-Yves LACOSTE (Ed.), Ediciones Akal, Madrid, 2007, 285-289.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Dogmática Dei Verbum*.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Carta aos que procuram Deus*, Ed. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Moscavide, 2010.



- DUQUE, João, *Homo credens – para uma teologia da fé*, UCP, Lisboa, 2004.
- FERREIRA, C. Faustino, *Fé, consciência e moral*, in *Communio* 4 (1984), 382-390.
- FORTE, Bruno, *Eis o mistério da fé*, Paulinas, Lisboa, 2012.
- HANSOUL, B., *El hombre*, cit. em *Iniciación teológica vol. I*, HENRY, A. M., [et. al.], Herder, Barcelona, 1967, 574-606.
- KASPER, Walter, *Introdução à fé*, Telos, Porto, 1973.
- Id., *La fe que excede todo conocimiento*, Sal terrae, Santander, 1988.
- MIGUEL J. M. de, *Revelación y fe*, in PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2006.
- MARTIN VELASCO, Juan, *Increencia y evangelización – Del diálogo al testimonio*, Ed. Sal Terrae, Santander, 1988.
- OLIVEIRA, J. B., *Psicologia da Religião*, Livraria Almedina, Coimbra, 2000.
- PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2006.
- PINHO, J. E. Borges de, *Fé e compromisso no mundo*, in *Communio* 5 (1995), 437-451.
- Id., *Viver a fé no mundo de hoje*, in *Communio* 1 (1984), 54-65.
- Id., *Religião e maturidade da fé*, in *Communio* 1 (1987), 5-19.
- PRADES, J., *Fe*, in IZQUIERDO, César (Dir.), *Diccionario de Teología*, EUNSA, Pamplona, 2ª ed., 2007, 394-415.



RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe* – introducción al concepto decristiano, Editorial Herder, Barcelona, 1979.

RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2006.

TRÜTSCH, Joseph, *Explicação teológica da fé*, cit. Em FEINER, J., LOEHRER, M. (Ed), *Mysterium Salutis*, Volume I/4, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, 39-109.

VIDAL FERNANDEZ, Fernando, *La resistente fe de los “milenials” – Sociologia de la fe de la nueva generación del siglo XXI*, in *Sal Terrae* 101 (2013), 525-540.

WELTE, B., *O que significa crer?*, Cit. em DUQUE, João, *Homo credens – para uma teologia da fé*, UCP, Lisboa, 2004.



## **ANEXOS**

### **ANEXO I**

LIÇÃO Nº: 11 (1ª AULA)

DATA: 28/11/2011

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
4. Organizar uma visão coerente do mundo.
13. Reconhecer a relatividade das convicções pessoais, como contributos de aproximação à verdade.

**SUMÁRIO:**

Em que cremos e o que queremos?

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
<p>Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3)</p> <p>Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, assumindo uma posição pessoal em ordem à construção de uma visão coerente do mundo. (Comp. 3, 4, 13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	5'		<p><b>O professor observa nos alunos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Se escreveram o sumário;</li> <li>- O interesse;</li> <li>- A atenção;</li> <li>- A participação.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>O problema da existência de Deus – Acreditar é um ato irracional?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Visualização e audição de um clip musical (<a href="#">Boss Ac – Que Deus</a>).</li> <li>Preenchimento de uma ficha com a letra da música que visa o completar de espaços deixados em branco.</li> <li>Diálogo com os alunos acerca do sentido da música que ouviram.</li> </ul>	20'	Computador; Data-show; Cópias com a letra da música.	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os grandes objetivos do ser humano: a realização da felicidade própria e alheia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura dos 2§ da página 158 do manual do aluno.</li> <li>Diálogo com os alunos acerca do texto lido e da percepção que têm relativamente à felicidade como projeto de vida. Procurando averiguar as suas grandes linhas orientadoras da felicidade, apontando no quadro as três palavras fundamentais que cada um associa à felicidade.</li> </ul>	10'	Manual, quadro, caneta.	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>A fé como fonte de felicidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação de dois artigos (<i>Felicidade está mais relacionada à fé que ao dinheiro; Religion 'linked to happy life'</i>) que demonstram a fé como fonte de felicidade e as pessoas religiosas como mais felizes que as não religiosas.</li> <li>Discussão com os alunos acerca dos estudos apresentados, tentando perceber se concordam ou não com o que foi dito.</li> </ul>	8'	Artigos em suporte de papel.	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Síntese final: O questionamento acerca de Deus é positivo, pois dele nascem visões e convicções mais profundas do próprio Deus. A felicidade é o grande objetivo de vida das pessoas e a fé pode potenciar essa felicidade.</li> </ul>	2'		

LIÇÃO Nº: 12 (2ª AULA)

DATA: 05/12/2011

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.
13. Reconhecer a relatividade das convicções pessoais, como contributos de aproximação à verdade.

**SUMÁRIO:**

A felicidade como projeto de vida e a questão da existência de Deus.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
Organizar um universo de valores que inclua os grandes objetivos de cada ser humano e da comunidade humana, mobilizando-os para a orientação do comportamento. (Comp. 2, 10 e 12)	• A felicidade como projeto de vida	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	7'		<b>O professor observa nos alunos:</b>  -Se escreveram o sumário; - O interesse; - A atenção; - A participação.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Visualização de um documentário intitulado "<a href="#">O que é a felicidade?</a>", onde se percebem as diferentes formas que as pessoas têm para encontrar a felicidade.</li> </ul>	15'	Computador; Data-Show	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Troca de impressões com os alunos acerca do documentário.</li> </ul>	5'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura do manual nas páginas 158 e 159.</li> </ul>	5'	Manual	
Questionar-se sobre a existência de Deus. (Comp. 2)	• A questão da existência de Deus.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Três posições possíveis face à existência de Deus</li> </ul>	5'	Manual	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Orientações para o trabalho em grupo.</li> </ul>	5'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Síntese final: Perceber que há diversas formas de se encontrar a felicidade. A felicidade é algo pelo qual vale a pena lutar Diversas posições face à existência de Deus.</li> </ul>	3'		

**COMPETÊNCIAS:**

- 2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
- 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.
- 12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

- A questão da existência de Deus.
- Natal sob três perspectivas diferentes.
- Autoavaliação.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
Questionar-se sobre a existência de Deus. (Comp. 2)  Organizar um universo de valores que inclua os grandes objetivos de cada ser humano e da comunidade humana, mobilizando-os para a orientação do comportamento. (Comp. 2, 10 e 12)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	7'		<b>O professor observa nos alunos:</b>  -Se escreveram o sumário; - O interesse; - A atenção; - A participação. - O preenchimento da ficha de autoavaliação.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A questão da existência de Deus.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exposição dos trabalhos de grupo que expõem as três posições face à existência de Deus: Crentes, agnósticos e ateus.</li> </ul>	15'	Alunos	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma série de frases proferidas por pessoas crentes, agnósticas e ateias, são selecionadas e levadas já recortadas para a aula. Os alunos, depois de lidas têm de decifrar a que grupo de pessoas pertencem as frase e depois de adivinharem afixam-nas na coluna respetiva.</li> <li>• Fazer um apanhado geral daquilo que foi dito.</li> </ul>	10'	Frases recortadas em papel; massa fixadora;	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Natal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perspetiva do Natal sob as três perspetivas anteriormente apresentadas.</li> </ul>	5'	Fotocópias	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Autoavaliação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicação da ficha de autoavaliação.</li> </ul>	5'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese final: Existem diversas formas de olhar para a mesma realidade que é Deus e dessa forma de olhar depende a forma como se organiza a vida e se vivem acontecimentos comuns.</li> </ul>	3'		

**COMPETÊNCIAS:**

1. Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

**SUMÁRIO:**

- Definição de projeto.  
A importância de um projeto na nossa vida.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 1, 2 e 3)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	7'		<b>O professor observa nos alunos:</b>  -Se escreveram o sumário; - O interesse; - A atenção; - A participação.
	• Definição de projeto	<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura do primeiro e terceiro parágrafos da página 144 por dois alunos e da página 145 por um terceiro aluno. Nesses parágrafos vai-se fazer a definição de projeto.</li> <li>Indicação para registar no caderno os tópicos da definição de projeto presentes na página 145.</li> </ul>	10'	Manual do aluno	
	• Projeto de vida	<ul style="list-style-type: none"> <li>Visualização de um vídeo realizado no âmbito das conferências do 8º <i>Ignite</i> de Lisboa, intitulada "<a href="#">Puzzle com gente dentro</a>". A conferência fala-nos da importância que devemos dar aos outros e alerta-nos que essa importância passa pelos projetos que estabelecemos para as nossas vidas e das prioridades que nela traçamos.</li> </ul>	15'	Computador; Data-Show	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Conversa com os alunos acerca do vídeo visualizado, das motivações e desafios lançados e aferir se se percebeu a importância de um projeto de vida, um projeto realizável. Recolhendo as ideias principais vindas dos alunos, escrevendo-as no quadro.</li> </ul>	5'	Quadro; Caneta	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura do manual na página 147, onde se fala acerca das inquietações dos jovens. Esta leitura tem como objetivo fazê-los perceber que as inquietações por eles sentidas são perfeitamente naturais e não devem constituir um drama.</li> <li>Poema presente no manual na página 149: "<i>Sísifo, Miguel Torga</i>". Com a <b>correção da última palavra</b>, já que o poema não termina com "<b>recomeças</b>" mas sim "<b>reconheças</b>".</li> </ul>	5'	Manual	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Síntese final: Para se elaborar um projeto há que ter em conta os objetivos que se quer atingir, delinear as estratégias e ir-se adaptando aos imprevistos que surjam. Um projeto de vida, tem sempre de passar por aqueles que nos rodeiam.</li> </ul>	3'			

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

A vocação como base estruturante do projeto de vida.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
Questionar-se sobre a noção de projeto e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal. (Comp. 2 e 3)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	7'		<b>O professor observa nos alunos:</b>  -Se escreveram o sumário; - O preenchimento das fichas; - O interesse; - A atenção; - A participação.
	• Projeto de vida.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Visualização de um documentário transmitido na RTP, no magazine portugueses extraordinários, sobre a história de um jovem que começou por pensar que a sua vocação era ser sacerdote, mas depois percebeu que apesar de querer ajudar os outros o gostaria de fazer de forma diferente. <a href="#">Vídeo</a></li> </ul>	15'	Computador; Data-Show	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Partilha do preenchimento da ficha; impressões acerca do documentário com os alunos.</li> </ul>	5'	Fotocópias	
	• Vocação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Propõe-se um <i>brainstorming</i> acerca da palavra vocação. Registam-se no quadro as ideias principais.</li> <li>De seguida faz-se um apanhado geral das ideias transmitidas pelos alunos.</li> <li>Confrontam-se as ideias gerais com as apresentadas pelo manual, sendo que para isso se lê a página 152 do manual ( o que está entre os documentos).</li> </ul>	7'	Quadro; Caneta	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Distribuição da letra da música que irão ouvir.</li> <li>Audição da música "<a href="#">A Fisga</a>" dos <i>Rio Grande</i> e análise da letra, mostrando que a vocação tem de ser algo pessoal. Mas apesar de ser algo pessoal, os conselhos de terceiros são importantíssimos. Mediadores da vocação.</li> </ul>		8'	Computador; Data-Show; Fotocópias		
Dar sentido à vida pela vivência de valores e princípios que se adequem à especificidade e orientações próprias das escolhas que se fazem e das convicções que se sentem. (Comp. 2, 10 e 12)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Síntese final: O projeto de vida depende da vocação que vamos descobrindo. A vocação não é algo fácil de se descobrir, mas vale a pena procura-la.</li> </ul>	3'		

LIÇÃO Nº: 16 (6ª AULA)

DATA: 23/01/2012

**COMPETÊNCIAS:**

10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.  
23. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

**SUMÁRIO:**

Abraão e Paulo, dois homens, uma vocação.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
Relacionar a fé em Deus como eixo central da vida pessoal com o agir feliz, otimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas. (Comp. 10 e 23)	• A vocação de Abraão e a descoberta do Deus único.	• Acolhimento e Sumário.	5'	Manual e Caderno do Aluno (fotocópias das fichas)	<b>O professor observa nos alunos:</b> - O interesse; - A atenção; - A participação;
		• Leitura das passagens bíblicas presentes no manual, nas páginas 176 e 177.	5'		
	• S. Paulo e a centralidade de Jesus Cristo na Sua vida.	• Leitura do manual: páginas 175, 176 e 177. • Explicar a descendência de Abraão. • Leitura do manual: página 178.	10'		
		• Leitura da passagem bíblica na página 181.	5'		
		• Leitura do manual: páginas 180, 181.	10'		
		• Distribuição (das fotocópias para quem não tiver o Caderno do Aluno) e realização das fichas de trabalho números 34 e 35 do Caderno do Aluno. (O que não terminarem em sala de aula fica como trabalho de casa)	10'		

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

Realização da pesquisa e trabalhos de grupo com o tema: “Pessoas que fizeram da sua vida altares para Deus!”.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	•A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	7'	Computador com ligação à Internet	<b>O professor observa nos alunos:</b>  - O empenhamento e capacidade de trabalho em grupo. - A dinâmica de grupo.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encaminhamento e acompanhamento dos alunos para a sala de informática.</li> </ul>	5'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Distribuição dos alunos de acordo com os grupos previamente estabelecidos em cada um dos computadores existentes.</li> <li>• Comunicação de que terão de realizar durante esta aula o trabalho de grupo com o tema: “Pessoas que fizeram da sua vida altares para Deus!”.</li> <li>• Assim, comunica-se a necessidade de pesquisarem na internet a biografia de uma pessoa que tenha contribuído para que o nosso mundo se tornasse um mundo melhor, através das suas escolhas e opções. Após encontrarem e decidirem qual a pessoa que pretendem, devem elaborar um trabalho em folha A4 para apresentar à turma dentro de duas aulas. O trabalho deve conter:               <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Foto da pessoa;</li> <li>➤ Identificação da pessoa;</li> <li>➤ Data de nascimento e de morte (nos casos em que já tenha morrido);</li> <li>➤ País e cidade;</li> <li>➤ Religião que a pessoa confessa ou confessava;</li> <li>➤ Feitos que tenha praticado;</li> <li>➤ Motivações que o/a levam/ram a proceder da forma que procede/u;</li> <li>➤ Frase que defina a pessoa (da autoria do próprio ou do grupo).</li> <li>➤ O trabalho deve ser impresso e a folha colada (de forma original) numa cartolina de tamanho A4 para exposição na sala de aula. No verso da cartolina deve estar presente a identificação do grupo.</li> </ul> </li> </ul>	33'		

LIÇÃO Nº: 20 (8ª AULA)

DATA: 27/02/2012

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

Conclusão dos trabalhos com o tema: “Pessoas que fizeram da sua vida altares para Deus!”.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo ⌚	Recursos	Avaliação
O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	•A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e Sumário.</li> </ul>	7'	Computador com ligação à Internet	<b>O professor observa nos alunos:</b>  - O empenhamento e capacidade de trabalho em grupo. - A dinâmica de grupo.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encaminhamento e acompanhamento dos alunos para a sala de informática.</li> </ul>	5'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conclusão do trabalho iniciado na semana anterior, a saber: A necessidade de pesquisarem na internet a biografia de uma pessoa que tenha contribuído para que o nosso mundo se tornasse um mundo melhor, através das suas escolhas e opções. Após encontrarem e decidirem qual a pessoa que pretendem, devem elaborar um trabalho em folha A4 para apresentar à turma na aula seguinte. O trabalho deve conter:               <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Foto da pessoa;</li> <li>➢ Identificação da pessoa;</li> <li>➢ Data de nascimento e de morte (nos casos em que já tenha morrido);</li> <li>➢ País e cidade;</li> <li>➢ Religião que a pessoa confessa ou confessava;</li> <li>➢ Feitos que tenha praticado;</li> <li>➢ Motivações que o/a levam/ram a proceder da forma que procede/u;</li> <li>➢ Frase que defina a pessoa (da autoria do próprio ou do grupo).</li> </ul> </li> <li>• O trabalho deve ser impresso e a folha colada (de forma original) numa cartolina de tamanho A4 para exposição na sala de aula. No verso da cartolina deve estar presente a identificação do aluno.</li> </ul>	33'		

LIÇÃO Nº: 21 (9ª AULA)

DATA: 05/03/2012

**COMPETÊNCIAS:**

2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

**SUMÁRIO:**

Apresentação dos trabalhos individuais com o tema: “Pessoas que fizeram da sua vida altares para Deus!”.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
O projeto pessoal de felicidade como construção de um mundo melhor. (Comp. 2, 3, 10 e 12)	• A construção da sociedade dependente das escolhas pessoais de cada um.	• Acolhimento e Sumário.	5'	Trabalhos realizados pelos alunos	<b>O professor observa nos alunos:</b>  - Bom ritmo de trabalho, interesse e motivação. - Capacidade de seleção e organização da informação. - A apresentação oral. - O trabalho final.
		• Preparação das apresentações dos trabalhos.	5'		
		• Apresentação dos trabalhos.	15'		
		• Apreciações finais aos trabalhos de cada um dos alunos por parte do professor e dos restantes alunos.	5'		
		• Afixação dos trabalhos nos painéis da sala de aula.	5'		
	• Revisões para o teste de avaliação sumativa	8'			
	• Síntese final com base nos trabalhos apresentados.	2'			

LIÇÃO Nº: 22 (10ª AULA)

DATA: 12/03/2012

**COMPETÊNCIAS:****SUMÁRIO:**

Teste de avaliação sumativa.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> </ul>	5'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Teste de avaliação sumativa.</li> </ul>	40'		<p><b>O professor observa nos alunos:</b></p> <p>A realização do teste</p>

LIÇÃO Nº: 23 (11ª AULA)

DATA: 19/03/2012

**COMPETÊNCIAS:****SUMÁRIO:**

Entrega e correção do teste de avaliação sumativa.

Autoavaliação.

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e sumário.</li> </ul>	5'		<b>O professor observa nos alunos:</b>  O interesse e a participação.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Entrega e correção do teste de avaliação sumativa.</li> </ul>	20'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Realização da ficha de autoavaliação.</li> </ul>	5'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Conversa com os alunos acerca do trabalho realizado ao longo do Período e das celebrações pascais.</li> </ul>	10'		

LIÇÃO Nº: 24 (12ª AULA)

DATA: 16/04/2012

**COMPETÊNCIAS:**

13. Reconhecer a relatividade das convicções pessoais, como contributos de aproximação à verdade.

**SUMÁRIO:**

Que Deus é o Deus Cristão?

Op. Competências	Conteúdos	Experiências de Aprendizagem	Tempo 🕒	Recursos	Avaliação
• Reconhecer a relatividade das nossas concepções de Deus, enquanto simples aproximações à verdade do que Ele é. (Comp. 13)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e sumário.</li> </ul>	7'		<b>O professor observa nos alunos:</b>  O interesse e a participação.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Elaboração partilhada (através de um esquema) do caminho percorrido ao longo da unidade letiva, como forma de síntese e em simultâneo de ambientação do tema para esta aula.</li> </ul>	10'	Computador; Data-Show;	
	• Que Deus é o Deus Cristão?	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação de algumas das diversas possibilidades de descrição do Deus cristão, que muitas vezes ouvimos, lemos ou percebemos por parte de críticos ou da opinião pública em geral e, inclusive, dentro do próprio cristianismo.</li> </ul>	6'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Preenchimento de tabelas elaboradas para o efeito.</li> </ul>	15'		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Síntese das diversas perspetivas que as pessoas têm de Deus.</li> </ul>	7'		

## ANEXO II

### Boss AC – Que Deus?

Há perguntas que têm que ser feitas...  
Quem quer que sejas, onde quer que estejas,  
Diz-me se é este o mundo que desejas,  
Homens rezam, acreditam, morrem por ti,  
Dizem que estás em todo o lado mas não sei se já te vi,  
Vejo tanta dor no mundo pergunto-me se existes,  
Onde está a tua alegria neste mundo de homens tristes?  
Se ensinas o bem porque é que somos maus por natureza?  
Se tudo podes porque é que não vejo comida á minha mesa?  
Perdoa-me as dúvidas, tenho que perguntar,  
Se sou teu filho e tu amas porque é que me fazes chorar?  
Ninguém tem a verdade o que sabemos são palpites  
Se sangue é derramado em teu nome é porque o permites?  
Se me destes olhos porque é que não vejo nada?  
Se sou feito á tua imagem porque é que durmo na calçada?  
Será que pedir a paz entre os homens é pedir demais?  
Porque é que sou discriminado se somos todos iguais?  
Porquê?!  
Porquê que os Homens se comportam como irracionais?  
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?  
Porquê que a Paz não passa de ilusão?  
Como pode o Homem amar com armas na mão? Porquê?  
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas  
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?  
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...  
Eu acredito é na Paz e no Amor...  
Por favor não deixes o mal entrar no meu coração,  
Dou por mim a chamar o teu nome em horas de aflição,  
Mas tens tantos nomes, és Rei de tantos tronos,  
E se o Homem nasce livre porque é que é alguns são donos?  
Quem inventou o ódio, quem foi que inventou a guerra?

Às vezes acho que o inferno é um lugar aqui na Terra,  
Não deixes crianças sofrer pelos adultos,  
Os pecados são os mesmos o que muda são os cultos,  
Dizem que ensinaste o Homem a fazer o bem,  
Mas no livro que escreveste cada um só leu o que lhe convém,  
Passo noites em branco quase sem dormir a pensar,  
Tantas perguntas, tanta coisa por explicar,  
Interrogo-me, penso no destino que me deste,  
E tudo que acontece é porque tu assim quiseste,  
Porque é que me pões de luto e me levas quem eu amo?  
Será que essa é a justiça pela qual eu tanto reclamo?  
Será que só percebemos quando chegar a nossa altura?  
Se calhar desse lado está a felicidade mais pura,  
Mas se nada fiz, nada tenho a temer,  
A morte não me assusta o que assusta é a forma de morrer...  
Porquê que os Homens se comportam como irracionais?  
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?  
Porquê que a Paz não passa de ilusão?  
Como pode o Homem amar com armas na mão? Porquê?  
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas  
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?  
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...  
Eu acredito é na Paz e no Amor...  
Quanto mais tento aprender, mais sei que nada sei,  
Quanto mais chamo o teu nome menos entendo o que te chamei!  
Por mais respostas que tenha a dúvida é maior,  
Quero aprender com os meus defeitos, acordar um homem melhor,  
Respeito o meu próximo para que ele me respeite a mim,  
Penso na origem de tudo e penso como será o fim,  
A morte é o fim ou é um novo amanhecer?  
Se é começar outra vez então já posso morrer...  
(Ao largo ainda arde, a barca da fantasia,  
o meu sonho acaba tarde,  
acordar é que eu não queria...)



## A felicidade como projeto

A felicidade é a vocação fundamental do ser humano, a sua primeira inclinação e o objetivo último da sua existência, para a qual apontam todos os seus esforços.

A nossa vida está repleta de **decisões** importantes, umas fundamentais, outras nem tanto; umas conscientes, outras inconscientes. Mas em cada uma delas jogamos a nossa felicidade. Aquilo que somos e seremos no futuro depende das vicissitudes da vida, mas em maior grau das nossas escolhas, do que tivermos decidido ser e fazer. Todos imaginamos como gostaríamos de ser e o que fazer da vida, ou seja, que projeto de vida queremos para nós. É, pois, este o maior projeto de cada pessoa — **ser feliz**. Mas quantas vezes as nossas opções concretas contradizem este grande projeto!



Mahatma Gandhi

Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho.  
Mahatma Gandhi



## Religion 'linked to happy life'

**A belief in God could lead to a more contented life, research suggests.**

Religious people are better able to cope with shocks such as losing a job or divorce, claims the study presented to a Royal Economic Society conference.

Data from thousands of Europeans revealed higher levels of "life satisfaction" in believers.

However, researcher Professor Andrew Clark said other aspects of a religious upbringing unrelated to belief may influence future happiness.

**"What we found was that religious people were experiencing current day rewards, rather than storing them up for the future"**

Professor Andrew Clark  
Paris School of Economics

This is not the first study to draw links between religion and happiness, with a belief among many psychologists that some factor in either belief, or its observance, offering benefits.

Professor Clark, from the Paris School of Economics, and co-author Dr Orsolya Lelkes from the European Centre for Social Welfare Policy and Research, used information from household surveys to analyse the attitudes of Christians - both Catholic and Protestant - not only to their own happiness, but also to issues such as unemployment.

Their findings, they said, suggested that religion could offer a "buffer" which protected from life's disappointments.

Professor Clark said: "We originally started the research to work out why some European countries had more generous unemployment benefits than others, but our analysis suggested that religious people suffered less psychological harm from unemployment than the non-religious.

"They had higher levels of life satisfaction",

### Purpose of life

Even though churchgoers were unsurprisingly more likely to oppose divorce, they were both less psychologically affected by marital separation when it did happen, he said.

"What we found was that religious people were experiencing current day rewards, rather than storing them up for the future."

However, he said that the nature of the surveys used meant that undetected factors, perhaps in the lifestyle or upbringing of religious people, such as stable family life and relationships, could be the cause of this increased satisfaction.

The precise contribution of religion to mental health remains controversial, although there is other evidence that it does directly improve happiness, said Professor Leslie Francis, from the University of Warwick.

He said that the benefit might stem from the increased "purpose of life" felt by believers.

He said: "These findings are consistent with other studies which suggest that religion does have a positive effect, although there are other views which say that religion can lead to self-doubt, and failure, and thereby have a negative effect.

"The belief that religion damages people is still in the minds of many."

25/11/11

BBC NEWS | Health | Religion 'linked to happy life'

atheists and agnostics, said that studies purporting to show a link between happiness and religion were "all meaningless".

"Non-believers can't just turn on a faith in order to be happy. If you find religious claims incredible, then you won't believe them, whatever the supposed rewards in terms of personal fulfilment.

"Happiness is an elusive concept, anyway - I find listening to classical music blissful and watching football repulsive.

"Other people feel exactly the opposite. In the end, it comes down to the individual and, to an extent, their genetic predispositions."

But Justin Thacker, head of Theology for the Evangelical Alliance, said that there should now be no doubt about the connection between religious belief and happiness.

"There is more than one reason for this - part of it will be the sense of community and the relationships fostered, but that doesn't account for all of it.

"A large part of it is due to the meaning, purpose and value which believing in God gives you, whereas not believing in God can leave you without those things,"

Story from BBC NEWS:  
<http://news.bbc.co.uk/1/hi/health/7302609.stm>

Published: 2008/03/18 11:56:38 GMT

© BBC 2011



- [Home](#)
- [Anúncios no MA](#)
- [Parceiros MA](#)
- [Fórum](#)
- [MA por e-mail](#)
- [Sobre o MA](#)
- [Fale conosco](#)

Segunda-Feira, 21 de Novembro de 2011



## Felicidade está mais relacionada à fé que ao dinheiro, diz estudo



Por outro lado, entre os fatores que mais contribuem para a infelicidade de uma pessoa estão os problemas de saúde, o divórcio e a solidão, relata o site [Universo da Mulher](#).

O [economista](#) Angus Deaton e o [psicólogo](#) Daniel Kahneman (prêmio Nobel de Economia de 2002), da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, concluíram que a felicidade está mais relacionada à fé que ao dinheiro. Tal afirmação tem como base mais de 450 mil questionários elaborados pelo instituto Gallup, entre 2008 e 2009, que incluem perguntas sobre a felicidade cotidiana e o nível geral de satisfação das pessoas.

Na [pesquisa](#), os entrevistadores pediram para que as pessoas relatassem com que frequência se sentiam mais felizes ou sorridentes recentemente. Perguntaram o mesmo com relação ao estresse. Além disso, eles pediram que, em uma escala de zero a dez, os voluntários dissessem quão satisfeitos estavam com as suas vidas.

Dessa forma, o estudo conseguiu listar vários fatores que contribuem para a felicidade de alguém. O principal deles, considerado até mais importante do que o valor da [renda](#) pessoal, é o fato de a pessoa ter uma vida religiosa. Para os pesquisadores, além do conforto emocional, muitas igrejas também oferecem conexão social.

"Quem vai à igreja faz amigos por lá, e isso tem um impacto muito positivo. A religião também ajuda os fiéis a entender algumas questões mais difíceis da vida, e isso pode servir de apoio em tempos difíceis. Além disso, muitas denominações oferecem [cuidado](#) médico ou apoio social", declarou Kahneman.

Por outro lado, entre os fatores que mais contribuem para a infelicidade de uma pessoa estão os problemas de saúde, o divórcio e, no topo de todos, a solidão. Segundo o estudo, pessoas solitárias são mais infelizes até se comparadas com quem sofre com doenças crônicas.

Outro fator surpreendente é a correlação entre envelhecer e se sentir mais feliz. O levantamento concluiu que, aparentemente, a idade avançada faz com que as pessoas aprendam a lidar melhor com as dificuldades da vida.

O que traz felicidade:

1º - Ter fé (ser religioso)

2º - T b d é i

21/11/11

Felicidade está mais relacionada à fé que ao dinheiro, diz estudo | Melhor...

4º – Ser casado

0

5º – Ter plano de saúde

6º – Ter filhos

1

7º – Ter curso superior

0 que traz infelicidade:

1º – Sentir solidão

[Share](#)

2º – Ter dores de cabeça

[Compartilhar](#)

3º – Ter problemas crônicos de saúde

4º – Ser fumante

5º – Ter de sustentar alguém da família

6º – Ser obeso

7º – Ser divorciado

[Print](#) [Share](#)

Podech também gostar de:

O benefício de ter amigos <b>felizes</b>	Atividade é um jeito de viver	De bem com a vida	O paulista é feliz?	Como ter qualidade de vida nos dias de hoje

LiveRealty

Post publicado em 13 setembro 2010

Postado por: [magetinho](#)

[Carerl Qualidade de Vida](#)

**Tags:** [Felicidade](#) [como ser feliz](#) [o que é qualidade de vida](#) [Felicidade está mais relacionada à fé que ao dinheiro](#) [o que deve não ser feliz](#) [qualidade de vida](#) [para ser feliz](#) [porque mesmo infeliz](#) [devo me contribuir com a felicidade](#) [porque não ser feliz](#) [porquê ser feliz](#) [o que traz infelicidade](#) [o que traz infelicidade](#)

Post Anterior: [Piquete João de Deus, comemoraçao de Passagem](#)

Post Seguinte: [Pavé rancho de limão](#)

[Compartilhar](#)

Adicionar novo comentário

[Link](#)



Mostrando 0 comentários

Ordenar por: popularidade



\* [Notificar por e-mail](#) [RSS](#)



## A felicidade como projeto

A felicidade é a vocação fundamental do ser humano, a sua primeira inclinação e o objetivo último da sua existência, para a qual apontam todos os seus esforços.

A nossa vida está repleta de **decisões** importantes, umas fundamentais, outras nem tanto; umas conscientes, outras inconscientes. Mas em cada uma delas jogamos a nossa felicidade. Aquilo que somos e seremos no futuro depende das vicissitudes da vida, mas em maior grau das nossas escolhas, do que tivermos decidido ser e fazer. Todos imaginamos como gostaríamos de ser e o que fazer da vida, ou seja, que projeto de vida queremos para nós. É, pois, este o maior projeto de cada pessoa — **ser feliz**. Mas quantas vezes as nossas opções concretas contradizem este grande projeto!



Mahatma Gandhi

Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho.  
Mahatma Gandhi

Nas pedreiras de Carrara (Itália), encontraram um **bloco de mármore** de extraordinárias dimensões. A pedra era tão perfeita que não quiseram quebrá-la. Conservaram-na inteira, pensando que alguém pudesse extrair dela algo excepcional.

Chamaram os melhores escultores, mas nenhum quis encarregar-se do projeto. Algum tempo depois, Miguel Ângelo deparou com este enorme pedaço de mármore. Observou a pedra e imediatamente viu que o **rei David** morava no seu interior. Decidiu então trabalhar neste novo projeto. Utilizando os instrumentos necessários, começou a extrair todos os pedaços de mármore que encerravam a escultura. Pouco a pouco, o seu David foi tomando forma. Toda a sua beleza, que só Miguel Ângelo conhecia enquanto esteve oculta no enorme pedaço de mármore, apareceu, imponente, aos olhos de todos.



David, por Miguel Ângelo

Também **cada um de nós é um projeto**: projeto de alegria, de beleza, de felicidade. Contudo, também somos nós os verdadeiros artistas (escultores) da nossa própria vida e da nossa felicidade. E não podemos delegar nos outros esta missão, permitindo que nos moldem a seu bel-prazer! Somos chamados a **dar forma à nossa própria vida**, fazendo as escolhas que nos tornarão livres e felizes.

Sentimo-nos atraídos por diversas realidades e valores que podem construir-nos enquanto seres humanos ou, pelo contrário, destruir-nos, apesar de nos oferecerem algum bem-estar momentâneo. Aprender a **distinguir** aquilo que conduz à felicidade autêntica e duradoura é uma tarefa urgente. Ir retirando, a pouco e pouco, o pedaço de pedra que esconde a beleza que somos, libertarmo-nos daquilo que está a mais ou que em nada contribui para a nossa plena realização, organizar a vida de maneira consciente, segundo uma escala de valores que nos faça crescer enquanto pessoas em todas as suas dimensões é um trabalho sempre inacabado que durará a vida toda! A construção da nossa personalidade é tarefa de todos os dias, por meio dos nossos projetos, das nossas decisões (por mais insignificantes que possam parecer!) e das ações que realizamos.



## **ANEXO VI**

### **Sísifo**

Recomeça...

Se puderes,

Sem angústia e sem pressa.

E os passos que deres,

Nesse caminho duro

Do futuro,

Dá-os em liberdade.

Enquanto não alcances

Não descanses.

De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,

Vai colhendo

Ilusões sucessivas no pomar

E vendo

Acordado,

O logro da aventura.

És homem, não te esqueças!

Só é tua a loucura

Onde, com lucidez, te reconheças.

*Miguel Torga, Diário XIII*

## ANEXO VII

### Fisga

Trago a fisga no bolso de trás

E na pasta o caderno dos deveres

Mestre-escola, eu sei lá se sou capaz

De escolher o melhor dos dois saberes

CO meu pai diz que o Sol é que nos faz

Minha mãe manda-me ler a lição

Mestre-escola, eu sei lá se sou capaz

Faz-me falta ouvir outra opinião

Eu até nem sequer sou mau rapaz

Com maneiras até sou bem mandado

Mestre-escola diga lá se for capaz

P´ra que lado é que me viro. P´ra que lado?

Trago a fisga no bolso de trás

E na pasta o caderno dos deveres

Mestre-escola, eu sei lá se sou capaz

De escolher o melhor dos dois saberes.

*Rio Grande*



Abraão parte de Ur,  
por William Hole

### Vocação de Abraão

<sup>1</sup> O Senhor disse a Abraão: — Deixa a tua terra, os teus parentes e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te vou mostrar. <sup>2</sup>Farei de ti um grande povo; hei de abençoar-te e tornar-te famoso. O teu nome será uma bênção. <sup>3</sup>Através de ti serão abençoados todos os povos do mundo. <sup>4</sup>Abraão pôs-se a caminho tal como o Senhor lhe tinha ordenado.

Gn 12, 1-4



Itinerário de Abraão

Abraão **confiou** naquela voz misteriosa que lhe preencheu o coração e abriu possibilidades imprevisíveis. Outrora vivia sob o medo da ação de forças estranhas, às quais prestava culto para estabelecer uma relativa harmonia com a natureza e preservar a sua família de todos os seus malefícios. Agora tornara-se o confidente de Deus, sinal de **bênção para todos os povos e pai de um novo povo de crentes**.

Entretanto, Abraão já era idoso, tal como a sua mulher, Sara. Como seria possível tornar-se pai de um povo se não tinha descendentes? E Abraão pôs diante de Deus essa sua perplexidade.

Promessa de um filho e de uma terra

<sup>1</sup> O Senhor apareceu a Abraão e disse-lhe:  
 — Não temas, Abraão, vais ter uma grande recompensa.  
<sup>2</sup> Abraão respondeu:  
 — Ó Senhor, meu Deus, que podes tu dar-me se eu vou partir deste mundo sem filhos? Sabes bem que não me deste filhos e um criado meu é que vai ser o meu herdeiro.  
 Mas o Senhor respondeu-lhe:  
 — Um filho teu é que vai ser o teu herdeiro.  
 Deus mandou sair Abraão para fora de casa e disse-lhe:  
 — Olha para o céu e vê se podes contar as estrelas. Pois assim será o número dos teus descendentes.  
<sup>4</sup> Abraão acreditou em Deus e por isso Deus aceitou-o como justo.  
<sup>5</sup> Deus disse-lhe mais:  
 — Eu sou o Senhor que te fez sair de Ur para te dar esta terra como propriedade tua.

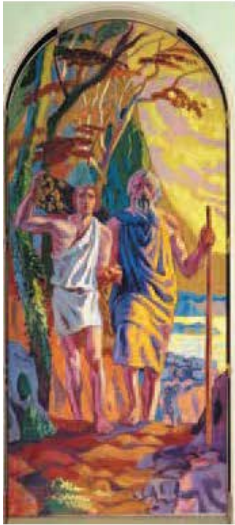
Gn 15, 1-7



Sara e Isaac, por Escola Inglesa

E Deus cumpriu efetivamente a sua promessa. Contra toda a expectativa, Sara teve um filho a quem deram o nome de **Isaac** o qual haveria de ser o pai de **Jacob**, que, por sua vez, seria o pai dos fundadores das doze tribos de Israel.





*Abraão e Isaac*  
por autor anônimo

Abraão é apresentado como o modelo do **crente ideal**, que sabe escutar Deus e acolher os seus projetos com obediência incondicional, com **confiança total**. Mesmo que as propostas de Deus pareçam incompreensíveis ou que os seus desafios interfiram com os projetos humanos, o crente ideal acolhe os planos de Deus e realiza-os com fidelidade.

O comportamento de Abraão revela, antes de mais, o lugar absolutamente central que **Deus** ocupou na sua existência. Deus é, para Abraão, o **valor máximo**, a prioridade fundamental; por isso, mostra-se disposto a oferecer a Deus o dom total e irrevogável de si próprio, da sua família, do seu futuro, dos seus sonhos, das suas aspirações, dos seus projetos, dos seus interesses. Para Abraão, nada mais conta quando estão em jogo os planos de Deus; nem o apego à sua terra de origem, nem o dinheiro, nem o poder, nem o reconhecimento social, nem o sucesso.

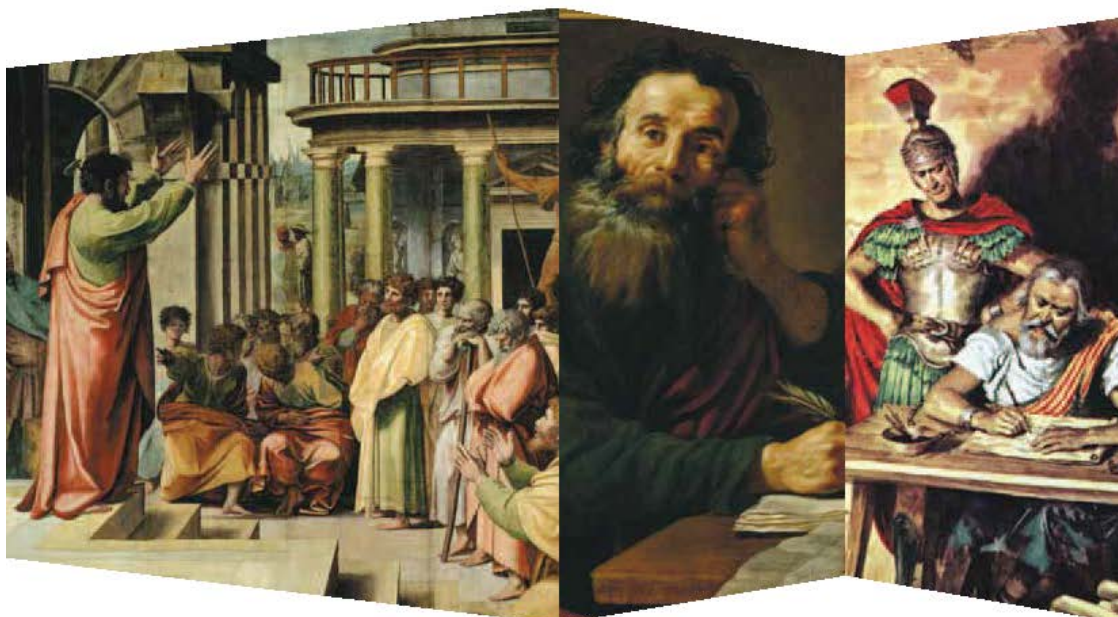
Na sua relação com Deus, Abraão manifesta respeito, humildade, disponibilidade, obediência, confiança, amor e fé — atitudes que o definem como crente ideal e modelo para os crentes de todas as épocas.

Abraão ensina, ainda, a confiar em Deus, mesmo quando tudo parece cair à nossa volta e quando os caminhos de Deus se revelam estranhos e incompreensíveis. Quando os nossos projetos se desmoronam, quando as nuvens negras da violência, da opressão se acastelam no horizonte da nossa existência, quando o sofrimento nos leva ao desespero, é preciso continuar a caminhar serenamente, confiando nesse Deus que é a nossa **esperança** e que tem um **projeto de vida plena** para nós e para o mundo.

A ideia de que a **obediência de Abraão a Deus é fonte de vida** para ele, para a sua família e para todos os povos do mundo deve ser uma espécie de garantia que atesta a validade deste caminho. Fazer de Deus o centro da própria existência e renunciar aos próprios critérios egoístas e interesses mesquinhos para cumprir os planos de Deus não é uma escravidão, mas um caminho de acesso à vida plena e verdadeira.



*Abraão, Sara e um Anjo*  
por Jan II Provost



## O projeto de Paulo: a descoberta de Cristo como eixo orientador da vida



São Paulo,  
por Miguel Ângelo

Paulo, originariamente Saulo, nasceu por volta do ano 8 da era cristã, em Tarso, na Ásia Menor (atual Turquia), de uma família judaica da diáspora, que observava rigorosamente a religião dos seus pais. Simultaneamente, contactou com a vida e a cultura do Império Romano. Recebeu a sua primeira educação religiosa em Tarso tendo por base a lei de Moisés e depois foi para Jerusalém aprofundar os seus conhecimentos religiosos com Gamaliel, mestre de grande prestígio. Estudou aramaico, hebraico, grego e latim. Aprendeu ainda uma profissão manual, o fabrico de tendas, que lhe permitiu sustentar-se sem depender de ninguém.

Judeu convicto, Paulo estava convencido de que o Cristianismo era uma seita nociva que introduzia alterações injustificadas à religião dos seus antepassados. Por isso, **perseguiu** com zelo os adeptos desta nova seita. Ainda adolescente, assistiu ao apedrejamento do diácono Estêvão, o primeiro mártir da Igreja cristã. Por volta do ano 35, com cerca de 30 anos, dirigiu-se a Damasco, cidade da Síria, para surpreender um grupo de cristãos e encarcerar, em Jerusalém, os seus chefes.

No entanto, já próximo de Damasco, Paulo teve uma **experiência religiosa** que iria mudar radicalmente o curso da sua vida.

### O encontro com Cristo

<sup>1</sup> **S**aulo não pensava senão em ameaças de morte contra os crentes no Senhor. Por isso, foi ter com o chefe dos sacerdotes <sup>2</sup> e pediu-lhe cartas de apresentação para as sinagogas de Damasco e para lá prender os que seguiam o caminho do Senhor. Quer fossem homens, quer fossem mulheres, ia levá-los presos para Jerusalém.

<sup>3</sup> Mas quando ia de viagem, já perto de Damasco, Saulo viu-se de repente envolvido pelo clarão de uma luz que vinha do céu. <sup>4</sup> Caiu por terra e ouviu então uma voz que dizia:

— Saulo, Saulo, porque me persegues?

<sup>5</sup> E ele perguntou:

— Quem és tu, Senhor?

A voz respondeu-lhe:

— Eu sou Jesus, a quem tu persegues! <sup>6</sup> Levanta-te, entra na cidade e lá te dirão o que deves fazer. <sup>7</sup> Os homens que viajavam com Saulo pararam assustados, porque ouviram a voz mas não viram ninguém. <sup>8</sup> Saulo levantou-se do chão. Tinha os olhos abertos mas não via nada. Tiveram de o levar para Damasco. <sup>9</sup> Durante três dias ficou sem ver e nesses dias não comeu nem bebeu.

At 9, 1-9



Conversão de São Paulo, por  
Nicolas-Bernard Lépicier

Após o encontro no caminho de Damasco, de perseguidor dos cristãos, Paulo passou a ser o mais brilhante **missionário do Evangelho**.

Dedicou o resto da sua vida a Cristo, numa contínua **identificação** com ele ao ponto de poder dizer: «para mim viver é Cristo» (Fl 1, 21) ou «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20).

Em **três viagens missionárias**, sob constantes perigos, difundiu a mensagem cristã pelo império romano, permitindo, assim, que o Cristianismo ultrapassasse a fronteira do povo judeu e abraçasse todos os povos que então eram conhecidos.

Preso por causa do seu zelo no anúncio do Evangelho, Paulo acabou por ser decapitado, de acordo com a tradição, no ano 67, na Via Ostiense, a cinco quilómetros dos muros de Roma.



São Paulo,  
por Diego Velázquez

**1** Lê o texto da página 175 do teu manual e assinala as afirmações verdadeiras.

**Abraão**

- a) viveu no Próximo Oriente Antigo, no século XIX a.C.
- b) era sedentário, como o eram os povos do seu tempo.
- c) prestava culto aos deuses da sua comunidade.
- d) foi progressivamente descobrindo a presença de um Deus único.
- e) não introduziu alterações na sua vida prática depois de se ter convertido ao monoteísmo.
- f) reformulou o seu projeto de vida fundando-o na relação com esse Deus.

**2** Lê Gn 12, 1-4 (MA 176) e assinala o conjunto de afirmações corretas.

- a) Deus comunicou com Abraão.
- b) Deus pediu a Abraão que permanecesse na sua terra e aí anunciasse o monoteísmo.
- c) Deus prometeu a Abraão uma bênção que se estenderia a todos os povos.
- d) Abraão compreendeu perfeitamente a mensagem de Deus.
- e) Abraão confiou e cumpriu a vontade de Deus.

A (a, b, c)     B (a, c, d)     C (c, d, e)     D (a, d, e)     E (a, c, e)

**3** Lê Gn 15, 1-7 (MA 177) e assinala cada uma das afirmações com V (verdadeiro) ou F (falso) consoante sejam ou não conformes à mensagem do texto.

- a) Deus havia prometido a Abraão que este seria pai de um grande povo. Entretanto, não tivera filhos, por isso, a dúvida começava a instalar-se no seu coração.
- b) Abraão achava que merecia uma recompensa de Deus por ter cumprido a sua vontade ao mudar de terra, mas não se atrevia a pedir-lha.
- c) Apesar de a sua mulher já ser demasiado idosa para ser mãe, Deus garantiu a Abraão que teria um filho legítimo.
- d) Deus prometeu a Abraão que a sua descendência seria numerosa como as estrelas do céu. Abraão acreditou. E a promessa cumpriu-se.

**4** Assinala as respostas corretas.

Abraão é apresentado como **modelo de todo o crente** porque

- a) soube escutar Deus, identificando a sua mensagem.
- b) acolheu o projeto de Deus com confiança total e obediência incondicional.
- c) Deus ocupou um lugar absolutamente central na sua existência.
- d) nunca teve dúvidas acerca da mensagem de Deus e do seu cumprimento.
- e) Deus foi o valor máximo e a sua prioridade fundamental.
- f) nunca pecou.
- g) confiou em Deus contra toda a esperança.
- h) até quando tudo parecia absurdo e sem futuro acreditou no projeto divino.
- i) entendeu que a obediência a Deus não é uma escravidão, mas caminho de vida plena e verdadeira.

- 5 Dos nomes que se seguem, identifica o **filho** de Abraão, rodeando o nome com um círculo vermelho; o **neto** de Abraão, rodeando o nome com um círculo verde; e os seus **bisnetos**, rodeando os nomes com círculos azuis.

Jonas	Dan	Elias	Benjamim	Isaac	Salomão	Judá	Oseias	Rúben	Isaías	Levi
Ezequias	Jacob	Josias	Simeão	José	Josué	Neftali	Moisés	Asser	Samuel	
Qoélet	Gad	Joaquim	Abel	Issacar	Lot	David	Zabulão	Noé	Josafat	Miqueias

- 6 Lê o **Doc 77** (MA 179) e deixa-te interpelar pelo seu conteúdo.

- 6.1 Sentes-te como a «**borboleta**», como as «**pedras**» ou como **Abraão**? Justifica a tua resposta.

**R:** Resposta pessoal

- 6.2 Que «**vozes**» te chamam a ir mais além? Identifica-as.

**R:** Resposta pessoal

- 6.3 Serás capaz de trocar a certeza pela **promessa** e a segurança pelo **risco**? Justifica a tua resposta.

**R:** Resposta pessoal

- 6.4 Acreditas que **confiar em Deus** é uma opção fundamental na tua vida? Justifica a tua resposta.

**R:** Resposta pessoal

### FICHA 35 · PAULO E A DESCOBERTA DE CRISTO (CA 102-103)

- 1 Completa os **dados biográficos** de Paulo (cf. MA 180).

#### REGISTO BIOGRÁFICO

- a) Nome judaico: Saulo.
- b) Local e data de nascimento: Tarso, c. 8 d.C.
- c) Religião na qual foi educado: Judaísmo.
- d) Estudos realizados: Lei de Moisés (A. T.), aramaico, hebraico, grego e latim.
- e) Profissão: Fabricante de tendas e pregador.
- f) Data, local e motivo da morte: Ano 67, Roma, decapitado por causa da sua fidelidade ao anúncio do Evangelho.



São Paulo, por Claude Vignon

## 2 Lê At 9, 1-9 (MA 181).

### 2.1 Assinala as afirmações corretas relativas ao percurso de S. Paulo.

- a) Para defender o Judaísmo, Saulo perseguia os seguidores de Cristo, disposto a tudo para os silenciar.
- b) Um dia dirigiu-se a Damasco com o objetivo de prender todos os judeus que encontrasse.
- c) No caminho de Damasco teve uma experiência religiosa que mudou radicalmente a sua vida.
- d) Cristo manifestou-se a Saulo, incitando-o a mudar de vida.
- e) Os judeus que viajavam com Saulo pararam assustados porque perceberam que já não iam prender os cristãos.
- f) Após o encontro com Cristo no caminho de Damasco, de perseguidor dos cristãos, Paulo passou a ser o mais brilhante missionário do Evangelho.

### 2.2 Corrige as alíneas que não assinalaste.

- R:** b) Um dia dirigiu-se a Damasco com o objetivo de prender todos os cristãos que encontrasse.  
e) Os judeus que viajavam com Saulo pararam assustados porque ouviram a voz mas não viram ninguém.

## 3 Lê o Doc 78 (MA 182-183).

### 3.1 Esboça o perfil de S. Paulo, identificando os eixos orientadores da sua vida, após a conversão.

- R:** Paulo centra a sua vida em Jesus Cristo.  
Define-se como «apóstolo por vontade de Deus», realçando que a sua conversão é fruto de uma graça divina.  
Considera «perda e lixo» tudo o que não seja de Cristo.  
Por amor a Cristo e pelo cuidado a todos os cristãos, suporta qualquer martírio.  
Vive, não para si mesmo, mas para Cristo.  
Em Cristo é capaz de tudo.

### 3.2 Descreve as situações de grande dificuldade por que passou, por amor a Cristo.

- R:** «pelos trabalhos... pelas prisões... pelos açoites, pelos frequentes perigos de morte... três vezes fui açoitado com varas, uma vez apedrejado; três vezes naufraguei... viagens sem conta, exposto a perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus concidadãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre os falsos irmãos; trabalhos e fadigas, repetidas vigílias com fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez! E além de tudo isto, a minha obsessão de cada dia: o cuidado de todas as Igrejas» (2 Cor 11, 23-28).



### Relatório de aula – Aula 9

A lição 21 foi a nona aula que contou com a presença do Professor Estagiário e da Professora Cooperante.

De registrar a não presença do Bruno nesta aula.

Esta aula destinou-se, tal como planificado, à apresentação dos trabalhos iniciados na última aula e concluídos em casa.

Desta forma, os alunos dispuseram de cinco minutos para poderem ultimar a apresentação do trabalho aos colegas. Passados esses cinco minutos foi tempo de dar início às apresentações. Os alunos tinham já previamente sido avisados que dispunham de cerca de dois minutos cada um para a apresentação por forma a podermos prevenir algum que demorasse mais tempo que aquele que lhe estava confinado. Assim, cada um foi fazendo a apresentação da sua personalidade e explicando de que forma essa mesma pessoa fez da sua vida um verdadeiro altar de Deus. Convém destacarmos as personalidades escolhidas por cada aluno: Marisa – Madre Teresa de Calcutá; Gonçalo – João Paulo II; João – Dom Óscar Romero; Almíscar – Martin Luther King; Nuno – Carlos Codinhas; Bruno – não esteve presente.

Terminadas as apresentações, o professor Estagiário fez as devidas considerações, realçando a criatividade, o empenho e a diversidade de escolhas de cada um dos alunos, congratulando-os pelo trabalho realizado.

Realçou como, igualmente positivo, a atenção prestada pelos colegas a cada uma das apresentações, bem como as dúvidas e questões colocadas.

Terminadas as apreciações aos trabalhos, foram procedendo, um a um, à sua fixação no painel da sala da disciplina, por forma a serem partilhadas com um número maior de alunos.

Tal como previsto, faltavam ainda cerca de dez minutos para o final da aula e de imediato procedemos às revisões para o teste de avaliação sumativa que acontece na semana seguinte.

Depois destas, foi tempo de sintetizar o trabalho desenvolvido nesta aula e de, mais uma vez, dar os parabéns aos alunos pelo trabalho, interesse e participação.



# Escola Secundária Fernando Lopes-Graça

Educação Moral e Religiosa Católica | 9.º Ano

Ano Letivo 2011 | 2012

Teste de Avaliação

Nome: \_\_\_\_\_ N.º: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Classificação: \_\_\_\_\_ Rubrica Prof.: \_\_\_\_\_ Assinatura Enc. Educ.: \_\_\_\_\_

**1** - Assinala com uma cruz (X) as duas respostas corretas.

**A felicidade é:**

- a) Uma teoria que defende que todos temos de ser felizes.
- b) A vocação fundamental do ser humano.
- c) Algo que não depende de nós ou das nossas escolhas.
- d) Depende do nosso projeto de vida e da forma como o projetamos e atingimos.


**2** - *"Para os crentes, Deus está no princípio das coisas. Para os cientistas, no final de toda reflexão."*

Achas que o questionamento acerca de Deus é positivo? Porquê? **[10 pontos]**

---

---

---

---

---

**3** - Com base no que estudamos nas aulas diz quais são as três posições possíveis face à crença ou não crença em Deus. **[15 pontos]**

---

---

---

---

---

**4** - Assinala cada uma das seguintes afirmações com **V** ou **F**, consoante sejam verdadeiras ou falsas. **[20 pontos]**

**A felicidade depende:**

- a) De conseguirmos fazer tudo o que os outros nos mandam.
- b) Da intensidade que colocarmos em cada coisa que fizermos.
- c) Da forma como vivo a presença de Deus na minha vida.
- d) De não ter regras nem normas que me orientem.
- e) De mim e dos outros.
- f) De eu não me importar com os outros para assim poder viver melhor.
- g) Do projeto que elaborar para a minha vida.
- h) De estar em paz comigo mesmo na certeza de que consegui colocar tudo o que sou em tudo o que faço.


**5 – Quando pensas no teu futuro, qual é a tua principal inquietação (dúvida, receio)? Porquê?**  
**[15 pontos]**

---

---

---

---

---

**6 – De acordo com o que estudámos nas aulas acerca de Abraão assinala as respostas corretas: [20 pontos]**

Abraão é apresentado como o modelo de todo o crente porque:

- a) Soube escutar Deus, identificando a sua mensagem.
- b) Acolheu o projeto de Deus com confiança total e obediência incondicional.
- c) Deus ocupou um lugar absolutamente central na sua existência.
- d) Nunca teve dúvidas acerca da mensagem de Deus e do seu cumprimento.
- e) Deus foi o valor máximo e a sua prioridade fundamental.
- f) Nunca pecou.
- g) Confiou em Deus contra toda a esperança.
- h) Até quando tudo parecia absurdo e sem futuro acreditou no projeto divino.


**7 – Comenta a frase dando o exemplo de alguém que saibas que a encarnou na sua vida: "Há pessoas que fizeram da sua vida verdadeiros altares para Deus."**

---

---

---

---

---



# Escola Secundária Fernando Lopes-Graça

Educação Moral e Religiosa Católica | 9.º Ano

Ano Letivo 2011 | 2012

Teste de Avaliação

Nome: \_\_\_\_\_ N.º: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Classificação: \_\_\_\_\_ Rubrica Prof.: \_\_\_\_\_ Assinatura Enc. Educ.: \_\_\_\_\_

**1 - Assinala com uma cruz (X) as duas respostas corretas. [10 pontos]**

**A felicidade é:**

- a) Uma teoria que defende que todos temos de ser felizes.
- b) A vocação fundamental do ser humano.
- c) Algo que não depende de nós ou das nossas escolhas.
- d) Depende do nosso projeto de vida e da forma como o projetamos e atingimos.

X
X

Atribui-se a totalidade da cotação se o aluno acertou completamente na resposta e 2,5 pontos por cada se foi parcialmente

**2 - "Para os crentes, Deus está no princípio das coisas. Para os cientistas, no final de toda reflexão."**

Achas que o questionamento acerca de Deus é positivo? Porque? **[10 pontos]**

Sim. A dúvida faz com que se evolua e com que tenhamos mais convicções naquilo em que acreditamos.

Atribui-se a totalidade da cotação se o aluno acertou completamente na resposta

**3 - Com base no que estudamos nas aulas diz quais são as três posições possíveis face à crença ou não crença em Deus. [15 pontos]**

Crente, Agnóstico, Ateu.

Atribui-se a totalidade da cotação se o aluno acertou completamente na resposta, ou 5 pontos por cada resposta correta.

4 – Assinala cada uma das seguintes afirmações com **V** ou **F**, consoante sejam verdadeiras ou falsas. [20 pontos]

**A felicidade depende:**

- a) De conseguirmos fazer tudo o que os outros nos mandam.
- b) Da intensidade que colocarmos em cada coisa que fizermos.
- c) Da forma como vivo a presença de Deus na minha vida.
- d) De não ter regras nem normas que me orientem.
- e) De mim e dos outros.
- f) De eu não me importar com os outros para assim poder viver melhor.
- g) Do projeto que elaborar para a minha vida.
- h) De estar em paz comigo mesmo na certeza de que consegui colocar tudo o que sou em tudo o que faço.

F
V
V
F
V
F
V
V

Cada resposta assinalada corretamente vale 2,5 pontos

5 – Quando pensas no teu futuro, qual é a tua principal inquietação (dúvida, receio)? Porquê? [15 pontos]

Instabilidade moral, Afetiva, filosófica ou religiosa, moral.

Atribui-se a totalidade da cotação se o aluno acertou numa das hipóteses anteriores explicando o porquê. Caso apareça outra qualquer inquietação ficará a análise ao critério do professor, dependendo a sua validação ou não da justificação apresentada pelo aluno.

6 – De acordo com o que estudámos nas aulas acerca de Abraão assinala as respostas corretas: [20 pontos]

Abraão é apresentado como o modelo de todo o crente porque:

- a) Soube escutar Deus, identificando a sua mensagem.
- b) Acolheu o projeto de Deus com confiança total e obediência incondicional.
- c) Deus ocupou um lugar absolutamente central na sua existência.
- d) Nunca teve dúvidas acerca da mensagem de Deus e do seu cumprimento.
- e) Deus foi o valor máximo e a sua prioridade fundamental.
- f) Nunca pecou.
- g) Confiou em Deus contra toda a esperança.
- h) Até quando tudo parecia absurdo e sem futuro acreditou no projeto divino.

X
X
X
X

Cada resposta assinalada corretamente vale 2,5 pontos

**7** – Comenta a frase dando o exemplo de alguém que saibas que a encarnou na sua vida: "*Há pessoas que fizeram da sua vida verdadeiros altares para Deus.*" **[10 pontos]**

O nome da pessoa.

Justificação da frase e do porque da escolha da pessoa em causa.

Cada uma destas ideias vale 5 pontos

